

REVISTA

DA SEMANA

ENTREVISTA EXCLUSIVA (por
etapas) COM JUSCELINO

R\$ 5 4-2-56 Cx\$ 7,00 em todo o Brasil



LILIAN
(Pavão)

Carnaval...



DEBORAH
(Esquimó)

DEBORAH
(Pedra Preciosa)



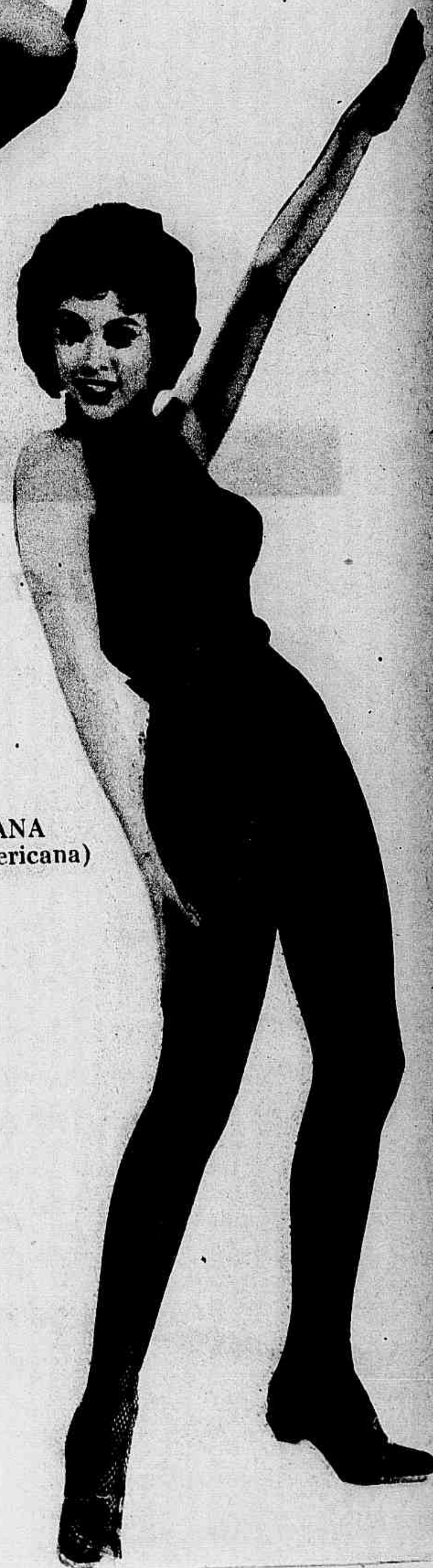
FERNANDA
(Jabaculé)



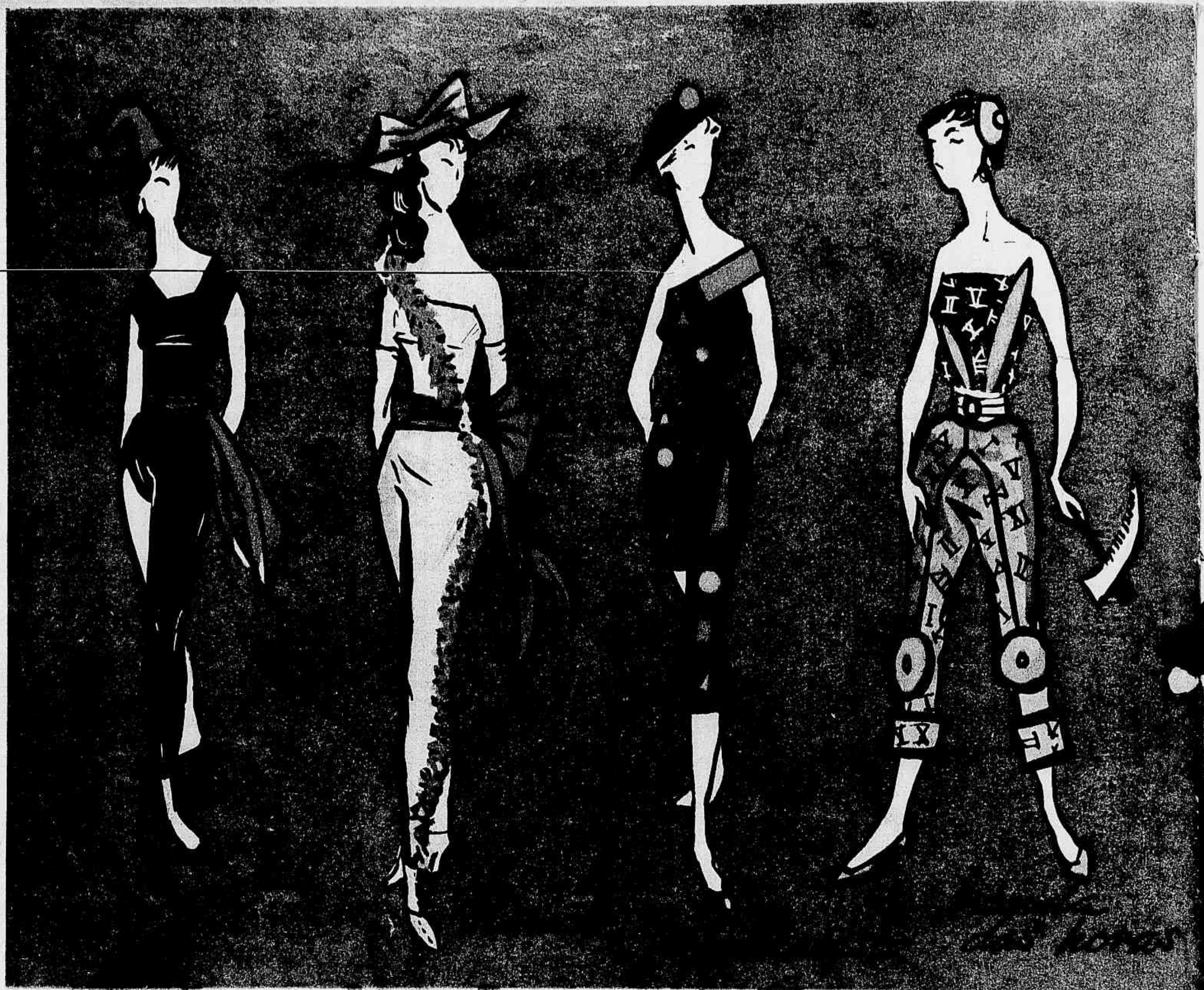
Meninas!



ANA
(Americana)



SONIA MAMEDE
(India)



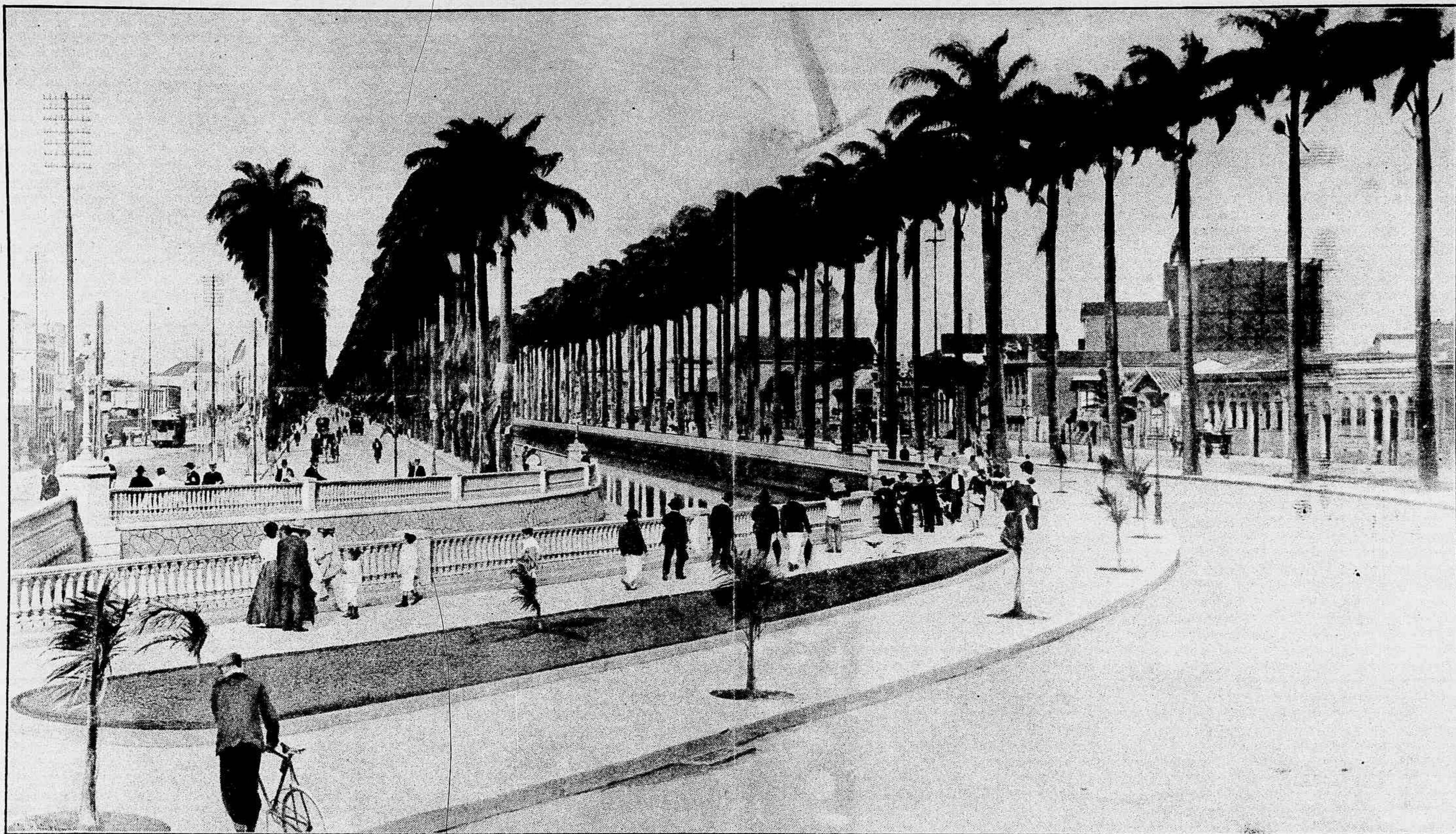
SEIS MODALOS PARA

O CARNAVAL

NESSAS PAGINAS, apresentamos, como sugestão para o Carnaval que já está praticamente às portas, seis belíssimos e originais modelos, criações exclusivas de LAURITZEN BERN para a REVISTA DA SEMANA. A estilização do "Saci" é uma fantasia graciosa e de cores atraentes; "Blanche" tem as cores da França, e, como tal, participa da simplicidade e da beleza que impregna tudo o que a França diz respeito; a terceira fantasia recomendamos muito especialmente às admiradoras do pintor holandês

Piet Mondrian, em cujo concretismo foi inspirada; "Dança das Horas" nada possui de ponchiellesco, sendo, de qualquer modo, um bizarro e extravagante modelo, que certamente não deixará de atrair olhares; como o "Society" está em voga, aí está "Maria Champanhota", munida da qual poderá nossa leitora acontecer no baile que mais lhe agradar; enfim, essa "Havaiana" é especialmente recomendada por causa da comodidade de movimentos que permite, e da opulência de suas cores.





A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Era assim o Rio antigamente. Seu prolongamento dava-se, já em 1906, na direção da zona norte. Aqui podemos ver um flagrante da Avenida do Mangue, feito desde o ponto final, em direção à Ponte dos Marinheiros, deixando à mostra o movimento de pedestres e viaturas. Nem um automóvel, sequer.

Tilburis, carroças a tração animal e os primeiros bondes elétricos. A legenda dizia assim: «Avenida do Mangue — um dos pontos mais pitorescos do Rio de Janeiro». E deveria ser. O Mangue seria limpo e por ele as águas deveriam correr sem

embarços, enquanto os populares, homens, senhoras e crianças, decentemente trajados — dentro dos figurinos da época, bem entendido... — faziam daquele reduto, lugar de passeio. Que diferença do Mangue de 1906 para o de 1956, não acham?

Ano 56 — Nº 5 — Rio de Janeiro — 4-2-1956

REDATOR-CHEFE..... Celestino Silveira
ASSISTENTE..... José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO..... Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira, Vinicius Lima e W. Guarnieri.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Entrevista de Juscelino Kubitschek	8/10
Menino preto e menino branco	16/19
Cinema americano, 1956	23/25
O mel da juventude	31/33
A mulher, esse homem russo	38/41
O braço de ferro do Museu Nacional	46/47
Cinco caminhos para Juscelino	52/55

SEÇÕES

Champanhota	11
Puxe pelo cérebro	12
Pelas esquinas da noite	13
Semana em Revista	14/15
Astrológica	20
TV na Revista	22
Palavras Cruzadas	26
Literária	27
Música	30
Femininas	36/37
Revista há 50 anos	42/43
Por esse mundo de Deus	44/45
Flashes do Brasil	50
Último flash (Lewgoy e Juscelino em Paris)	58
Figura em foco (O. Teixeira)	59

HUMORISMO

Fortuna	62/63
---------	-------

LITERATURA

E' necessário um rumo (A. Nery)	7
O menino e o peixe (Garboggini Quaglia)	34/35
Pequena história de verão (Stefan Zweig)	60/61

VARIEDADES

Modelos de Carnaval	2/5
Há cinquenta anos atrás	6
O tesouro do Barba Rubra	28/29
Elizabeth de Áustria, imperatriz revoltada	48-49
Você e o mundo futuro	56/57

CAPA

Tutsi Bertrand (Foto Alberto Ferreira)

Esse número consta de 64 páginas.



É NECESSÁRIO UM RUMO

Estamos precisando de uma rota. Vivemos numa fase em que o grande interesse para os espíritos está em provocar a confusão e o desequilíbrio. O que antes determinava um valor, uma virtude, um princípio rígido, uma soma de vida digna do acatamento e do respeito alheio, um esforço nobre, e construtivo, é agora abandonado como impecilho ao progresso e ao desenvolvimento da criatura humana. Estão trocando até crianças acabadas de sair do ventre materno como se esse descuido não acarretasse futuramente conflitos para os pais e os filhos. Se o magnífico Salomão aparecesse e quisesse fazer justiça dando à verdadeira mãe o filho, através da sábia ameaça de parti-lo ao meio, utilizando a reação de um sentimento sagrado, seria imediatamente expulso do meio atual pelo seu sistema antiquado de resolver problemas a contento. Vejamos por exemplo: os jornais dizem que toneladas de trigo apodrecem no cais do porto. No dia seguinte anunciam também que toneladas de trigo chegadas do estrangeiro aportam ao nosso país noticiando o valor em dólares, dólares esses que pela sua escassez, nós têm levado a torturas incriveis. Enquanto isso o pão nosso desaparece das mesas. Gritam os agricultores pela falta de máquinas especiais para o tratamento da terra. Entretanto nunca a cidade inaugurou tantas agências de automóveis de luxo como agora, e jamais tantas casas comerciais alargaram as suas lojas para o estrondoso estoque de geladeiras, rádios e televisões. O trânsito piora dia a dia e a força elétrica diminui. Sabemos que a vida está caríssima e muitos casos de morte pelo subnutrição, e mesmo a fome, já marcam os nossos dias. Mas também nunca vimos nesta cidade as casas de modas venderem tantos vestidos modelos de quase cem mil cruzeiros cada um, e as joalherias ficarem sem os seus brilhantes valiosos pela procura desenfreada de compradores. Nunca o país precisou tanto restringir gastos supérfluos e clamou tanto pela sobriedade de comportamento dos seus filhos. Entretanto nunca vimos tantos pedidos de milhões de cruzeiros para gastos superficiais do governo e nunca um alarde sobre o prazer degozar o dia de hoje foi tão cantado e aplaudido. Sabemos como o problema da criança abandonada é pungente e grave para um país que se diz católico e se proclama defensor das gerações vindouras. Entretanto nunca a infância esteve tão mergulhada na perseguição impiedosa dos adultos e nunca o problema foi mais desprezado como valor humano e força patriótica como agora.

Seria de bom alvitre, fazerem os homens uma lista oficial daquilo que antes era mantido como valor e virtude e que já caiu de moda como coisa inútil, e apresentar uma outra daquilo que antes era desprezível e desabonador e no momento substituiu com vantagens as bases do caráter e dos sentimentos humanos. E' necessário uma orientação que justifique os nossos dias e os nossos esforços, com um novo critério de seleção. Queremos uma norma, uma indução. A geração moça está jogada na confusão de sentimentos e no desequilíbrio de valores sem saber o que é positivo ou negativo para afrontar a vida. Tenhamos consciência dessa juventude que será amanhã o que estamos ensinando hoje. Tracemos para eles um rumo, porque o que tínhamos está apagado e sem utilidade!

ADALGISA NERY



JUSCELINO KUBITSCHKEK saúda o povo brasileiro, que foi recebê-lo de braços abertos no Galeão. Terminara a última etapa de uma viagem cansativa pela América do Norte e por vários países do Velho Continente.

QUANDO o «Constellation» alçou vôo rumo aos Estados Unidos e Europa levando em seu bojo o Presidente eleito do Brasil, muita gente coçou o queixo interrogando de como se portaria no estrangeiro o «peixe vivo» de Diamantina...

A resposta (que agora pode ser dada) aí está: Juscelino foi «manager» em Nova York, «gentleman» em Londres; «vedette» em Paris e um excelente «condottieri» em Roma. Sim, meus senhores, o Surubi deixou o rio das Velhas e foi banhar-se nas mansas águas do Potomac, do Tâmis, do Escalda e do Sena. «Nôno» contemplou o deslizar macio do Tibre e a sonolência do cinzento Tejo: — Decididamente aquela era uma compensação ao seu trabalho intenso. Ele, Kubitschek, nunca duvidou de sua estrêla.

x x x

Foi em Londres, pouco depois de sua entrevista com S.M. a rainha Elizabeth que arriscamos nossa primeira pergunta:

— «Então, Presidente, que temos de novo em matéria de política?» Juscelino levou a mão à testa e retrucou: — «Política nacional ou internacional? Eu agora (e o Presidente sorriu) tenho de ser cauteloso... E' o protocolo inglês, meu caro». — Insistimos:

— «Presidente, é nossa intenção publicar uma entrevista sua, assim...» Juscelino não permitiu que concluíssemos, atalhando:

— «Pode dizer que mesmo em terras estrangeiras tenho os olhos e o pensamento voltados para o Brasil. E sobre política, sei que muita gente, e certamente também você, deseja saber como formarei meu ministério. Lá vai: Ação, Técnica e Honestidade».

x x x

Em Paris foram reservados ao Presidente, no Hotel Grillon os aposentos que pertenceram a Maria Antonieta. Foi lá que lhe dirigimos nossa segunda pergunta. O dia fôra de muito trabalho. Almôço com Monsieur Coty, jantar com Pinay e visitas a pontos pitorescos de Paris, além de muitos contatos com elementos da alta indústria francesa.

JUSCELINO

«O PRESIDENTE BRASILEIRO É ARTIGO EXPOR-TÁVEL E DE GRANDE ACEITAÇÃO» — PALAVRAS DE MONSIEUR PINAY ★ QUANTO MAIS DEPRESSA CARLOS LACERDA RETORNAR À CÂMARA, MAIS PRAZER DARÁ AO MEU GOVÉRNO» — DIZ, EM PARIS, O SR. JUSCELINO ★ OPINIÕES SÔBRE O ESTADO DE SÍTIO

Reportagem de **HÉLIO ABREU**
(enviado especial de REVISTA DA SEMANA)

— «Presidente, ainda sôbre nossa entrevista, vamos formular uma indagação incômoda. Mas êste é o nosso ofício: Pretende o senhor, logo após sua posse, convidar o jornalista Carlos Lacerda a regressar ao Brasil?»

O Presidente olhou-nos de maneira calma e respondeu:

— «Sua pergunta nada tem de incômoda; pelo contrário. Não, não pretendo convidar o dep. Carlos Lacerda para voltar ao Brasil. Nem vejo por que fazê-lo. S. excia. encontra-se nos EE.UU. como podia encontrar-se no Sião ou mesmo aqui na França, por sua livre e espontânea vontade. Vigoram em nosso país tôdas as leis que concedem imunidades a parlamentares e o sr. Carlos Lacerda é um destacado membro de um importante partido de oposição, que é a UDN. Repito: o deputado Lacerda como representante de uma boa parcela do eleitorado do Distrito Federal tem seu lugar garantido na Câmara dos Deputados. Quanto mais depressa volte a ocupá-lo mais prazer dará ao meu govêrno».

famos endereçar uma segunda pergunta ao Presidente quando a presença (para nós infeliz...) do sr. Osvaldo Penido se fêz sentir, aconselhando repouco a Juscelino. E assim fomos dar no bar do hotel, onde, entre outras pessoas, bebericavam os srs. deputado Guilhermino Oliveira, secretário do PSD de Minas, Márcio Alves de Melo Franco, Vinícius Valadares, Renato de Freitas e Gastão Alves Ferreira. Todos de Minas, falando pouco e reclamando o frio. Num canto do salão, entre um co-nhaque e outro, Cleanto Gonçalves e Jean Manzon solfejam a música de «Samba Fantástico». Não sabemos como Manzon, que é francês, adaptou-se tão prontamente à nova República de Minas Gerais, instalada no bar do Grillon.



COM HÉLIO ABREU, nosso enviado especial, o Presidente da República. Juscelino concedeu, à REVISTA, uma entrevista interessantíssima.

Ainda em Paris, após a conferência que manteve com Mendés-France, buscamos ouvir do Presidente-eleito os motivos que o levaram a conversar com o político gaulês:

— «Sempre tive vontade de conhecer o sr. Mendés-France. Trata-se de uma figura internacional. Foi uma palestra de amigos, mesmo porque não detém s. excia., no presente momento, nenhum cargo no governo de sua pátria».

x x x

A recepção na Embaixada brasileira de Paris foi a mais fulgurante no sentido do elevado número de pessoas que a ela acorreram. Foi lá que ouvimos do sr. Leal Ferreira, nosso secretário de Embaixada, a expressão usada por Monsieur Pinay, definindo Juscelino:

— «O sr. Kubitschek vem sendo o maior embaixador e o melhor agente de propaganda já enviados pelo Brasil ao mundo nos últimos 50 anos. O Presidente brasileiro é artigo exportável e de grande aceitação».

E Pinay não exagerava: Juscelino parou o trânsito na praça da Estréla, no Arco do Triunfo, quando da solenidade de assinatura no livro do Mérito francês. E foi mesmo «vedette» em Paris o nosso Presidente. Os parisienses, com «froid» e tudo mais, foram ter às ruas para saudar o mineirão de fala mansa e andar de pata choca. De todos os lugares que visitou, foi em Paris que o «peixe vivo» encontrou o seu melhor aquário.

x x x

A Embaixada brasileira em Roma não impressionou à primeira vista. Seu exterior lembra uma casa arruinada de Ouro Preto, mas o «miolo» ah, senhores!, é Bellini puro. Jarrões da Renascença, esculturas de não sabemos de quantos anos e cheiro de boa arte a rescender de toda a parte. Foi neste ambiente suave que se hospedou o Presidente.

O relógio da Embaixada assinalava 7 horas. Já de pé, encasacado e de piteira em riste, o sr. Osvaldo Penido demandava em providências. O dia de Juscelino seria estafante e o rígido protocolo italiano e o vasto programa elaborado fizeram com que o Presidente aparecesse no salão principal às 7,30. «Penido, tudo em ordem?» — «Sim, Presidente. Telefonaram de Vila Madama informando não ter o programa sofrido qualquer alteração». O sr. Juscelino calça uma das luvas e prossegue: — «Notícias do Brasil?» — Aí então o sr. Osvaldo Penido tira do bolso um telegrama dizendo ser o mesmo do Ministro Tancredo Neves. O Presidente lê e exclama: «Ótimo». Ato contínuo, vira-se para os jornalistas e diz: «Tudo bem na pátria».

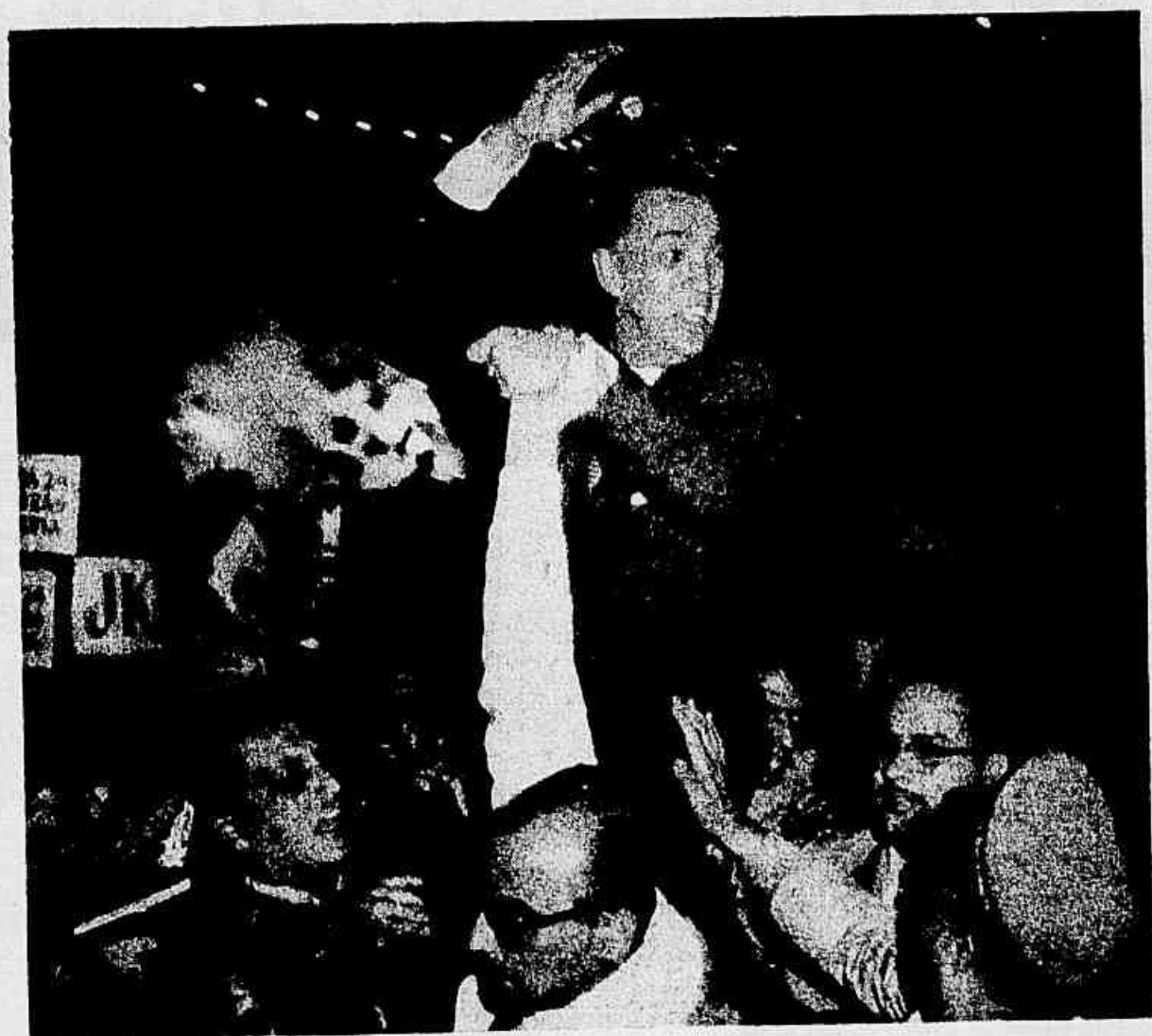
— «Presidente...

— «Já sei, pode perguntar Hélio. Isto é o que se pode chamar de entrevista em prestações...»

— «E', Presidente, mas alguns jornais do Brasil informam estar o senhor empenhado na obtenção de empréstimos. Certo ou errado?»

— «Errado, erradíssimo. Nada vim pedir. Aqui estou na qualidade de chefe de propaganda do Brasil, digamos. E' necessário que o mundo saiba existir na América do Sul uma nação de sessenta milhões de habitantes que insiste em ter o seu lugar ao sol. Somos uma grande nação à espera de uma grande oportunidade. E esta virá, sem dúvida. Não, eu não vim cuidar de empréstimos. Nem o mundo é banco nem um chefe de Estado é pedinte. Sim, precisamos de todos, precisamos de técnicos, de capitais, etc., mas isto virá naturalmente».

Estávamos neste pé quando surgiu o deputado Guilherme Oliveira. Estava extasiado com as belezas de Roma, mas em apuros com o idioma de Dante. — «Não tenho me saído mal — disse o parlamentar — se considerarmos que ontem um amigo nosso ao tentar comprar um lenço rendado acabou levando 2 bengalas e um acordeão». O Presidente riu, dizendo: «E este tal, é mineiro?» Guilherme apressou em dizer que não, o que não convenceu de todo...



DO GALEAO, Juscelino seguiu, nos ombros de seus correligionários e admiradores, para o comício que o aguardava na Cinelândia. À direita, alguns flagrantes do palanque em que ficou o Presidente eleito.

IMPRESSÕES DE UM COM- PANHEIRO DE VIAGEM

JUSCELINO

— «MANAGER» EM NOVA IORQUE

— «GENTLEMAN» EM LONDRES

— «VEDETTE» EM PARIS

— «CONDOTTIERE» EM ROMA

O Embaixador Décio Moura, nosso representante no Vaticano, estendeu a sua grande mão e disse:

— «Bem-vindo, Presidente. Boa viagem?»

— «Sim, senhor embaixador, tudo tem corrido muito bem. Aliás, aqui na Itália, os senhores arranjaram tudo tão bem que até o sol deu o ar de sua graça. Isto também faz parte do excelente programa de recepção



NO AEROPORTO de Orly, em Paris, o Primeiro Ministro Pinay e altas personalidades francesas aguardavam o Presidente Juscelino Kubitschek. Eis o momento exato em que era executado o Hino Nacional Brasileiro.

do governo italiano?» — O Presidente sorria, apreciando aquele sol romano que tão timidamente riscava as sete colinas da cidade eterna.

x x x

O Papa havia quebrado o protocolo. Os 15 minutos anteriormente concedidos a Juscelino já se prolongavam pela casa dos 45, quando o Presidente, notando pela terceira vez, solicitou ao santo padre licença para retirar-se. Pio XII, ainda de todo não restabelecido, contrariava seus médicos e, em bom português, ria e falava com Juscelino Kubitschek. Lembrou S. Santidade os tempos em que fora núncia apostólico no Brasil.

Dessa tarde, dentro dos altos monumentos que cercam o Estado do Vaticano, muita coisa boa ficou gravada na memória dos que compareceram à imponente entrevista, inclusive o olhar de amor do Papa e a suavidade de sua voz.



A NOITE, o chanceler francês e madame Pinay ofereceram ao Presidente brasileiro uma recepção. Juscelino passou alguns anos, em Paris, durante sua mocidade. Foi-lhe grato, destarte, rever a bela capital gaulesa.

O aeroporto era o de Ciampino. Destino, Madri:

— «Bom dia, Presidente. Temos agora um pequeno questionário a sua disposição. Quando quiser respondê-lo...» O Presidente estendeu a dextra, seguiu firme o papel, leu e exclamou: «Isto é uma ratoeira!»

x x x

P. — «Será por v. excia. mantido o estado de sítio?»

R. — «Sou um homem livre e vou governar homens livres. No momento o sítio no Brasil é uma necessidade. Em breve não o será.»

P. — «E' seu pensamento levar a UDN ao governo?»

R. — «Não. A UDN é um importante partido de oposição e deve continuar como tal.»

P. — «E Minas Gerais, será mesmo o Estado melhor contemplado em seu governo, inclusive fornecendo a maioria do pessoal que constituirá o gabinete de v. excia?»

R. — «Não é exato. Minas já deu o Presidente da República, o que é suficiente. Aliás, meus auxiliares estarão a serviço do Brasil e não de Estados. Somos um todo, meu caro, um todo que precisa de muito trabalho e desprendimento.»

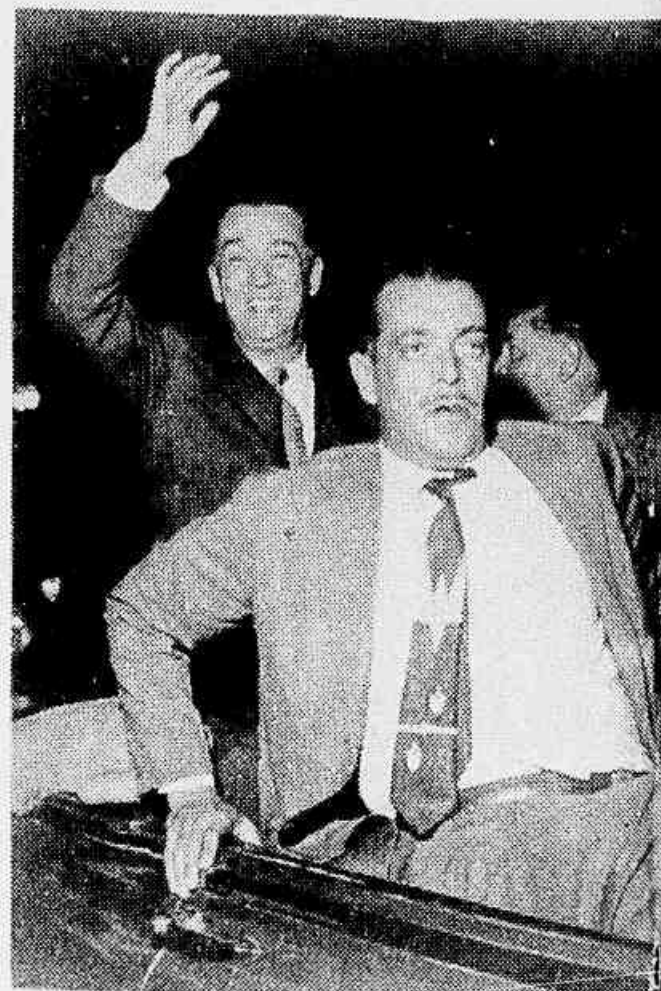
P. — «E seus adversários políticos, que tratamento terão?»

R. — «Eu não tenho adversários políticos. Eles ficaram nos votos vencidos de 3 de outubro. Serei o Presidente de todos os brasileiros. Este o único título que ambiciono. Dentro de dois anos, se quiserem me fazer justiça, verão o que farei pelo Brasil. Sou homem, assim, passível de erro, mas uma coisa o Brasil em breve vai conhecer: O interesse de seu Presidente em cuidar dos destinos da pátria e a sua desambição pessoal. Nunca falei a linguagem do ódio e não será agora que abandonarei esta divisa.»

E o diamantinense deu por finda a conversa. Marchou sereno em direção ao balcão de bijouterias do aeroporto, pegou num lençinho de seda e, com certeza, disse para consigo: «Sarah gostará disto».

E comprou.

COM O ROSTO denotando sinais evidentes de fadiga, Juscelino Kubitschek cumprimenta a multidão de cariocas, que ocorreu para vê-lo passar pela Avenida Rio Branco, a caminho do palanque na Cinelândia



A GRANDE NOTÍCIA É A CHEGADA DE CHRISTIAN DIOR — "COCKTAIL" E "COCK TAIL" DE DESPEDIDAS



A sra. Olavo Fontoura, sua filha Elizabeth e seu futuro genro, Antônio Carlos, sr. Lara Campos e sra. Sílvia Lara Campos.

As indústrias têxteis do Conde Francisco Matarazzo firmaram contrato com o sr. Boussac, que é o agente financiador de Christian Dior, no sentido de que o mais famoso costureiro do mundo venha ao Brasil, em meados deste ano, promovendo um desfile de modas. Dior é o inovador da moda de após guerra e o lançador das linhas «A», «H» e «Y». Há grande expectativa, em torno de sua chegada.

Idéia que defendemos desde que foi lançado (no ano passado) a dos jantares dançantes à beira da piscina do Copa, veio mostrar que estávamos com a razão. Não há noite que o movimento esteja fraco. Todos fogem do calor e da rotina das «boites» para este local que, além de bonito é fresquíssimo, com a vantagem de se ir dormir mais cedo, neste tempo de movimento social bem diminuído.

Dentro de poucos dias, a 8 de fevereiro, a srta. Maria Helena Morganti (filha do rei do açúcar) casa-se com o ator Hélio Souto. Todos apontam este enlace como um dos grandes acontecimentos sociais, já tendo-se deslocado muita gente do Rio, convidada a comparecer.

Na sua bela casa de Guarujá, a sra. Nelson Mendes Caldeira comemorou seu aniversário. Como se sabe, a elegantíssima sra. Christiane Caldeira é participante de todas as listas (cariocas e paulistas) de elegantes.

O mais elegante dos times brasileiros (ou o que tem mais publicidade, não se sabe), o Quatro e Meio, inaugurou a barraca de praia com alguma champanhota e nenhum esforço esportivo. O fato foi filmado, fotografado, televisionado e, principalmente, escrito. Seus sócios são, em grande número, jornalistas.

Com um alegre jantar na piscina do Copa, a sra. Carlos Eduardo de Souza Campos aniversariou, usando vestido estampado de fundo azul que fazia justiça ao seu título de mais elegante. Estiveram presentes ao acontecimento: o sr. e sra. Joaquim Guilherme da Silveira, sr. e sra. Joaquim Xavier da Silveira, sr. e sra. Luís

Fernando Lopes, sr. e sra. Leopoldo Modesto Leal, sr. e sra. Manuel Bernardez Muller, sr. e sra. Herculano Tomaz Lopes, sr. e sra. Sílvia Curado, sr. e sra. Ari de Castro, sra. Ivone Monteiro, sr. Dirceu Fontoura, srta. Lilian Souza Campos e sr. Elvécio Fernandes. Terminado o jantar, houve uma «esticada» ao «Night and Day».

Com a sua «Fantasia de Carnaval» o sr. Burle Marx candidatou-se e ganhou o concurso para a decoração do Teatro Municipal, para as festas de Momo.

Curioso que, assim que se anunciou o noivado de Grace Kelly com o Príncipe Ranier, a imprensa dos Estados Unidos recebeu a notícia com reserva, pois, tendo ela terminado recentemente um filme em que fazia o papel de princesa e figura da sociedade de Filadélfia (sua cidade), alguns pensaram que se tratasse de um golpe de publicidade.

O sr. e sra. Alvaro Clark Ribeiro convidaram para um jantar americano que teve Dolores Duran como grande atração. Entre os presentes, destacou-se a sra. Aluísio Clark Ribeiro que estava num dos seus dias mais bonitos.

Uma grande festa, na Bahia, prepara-se para o dia 4 de fevereiro, na casa do sr. e sra. Augusto Calmon. Grito de Carnaval, com fantasia obrigatória.

A sra. Teresa Souza Campos que, por si só, chama já bastante atenção, causou sensação na praia, ao aparecer com «mailot» e saída de praia bordados de pérolas.

Um aniversário de sucesso e uma grande festa carnavalesca foi a passagem de mais um ano do sr. Albino Avelar que aconteceu no Lagoinha Country Club. Houve o «parabéns para você», um rapidíssimo discurso e o Império Serrano fez som e passos de primeira grandeza. Entre os presentes, os casais Jorge Dória, sr. e sra. Carlos Eduardo de Souza Campos, sr. e sra. Colazzo Pitalluga, sr. e sra. Mário Pena e Silva, srts. Ilde Garavaglia, Beatriz Gallembeck e Eloísa Dolabela.

Dia 27, um grupo de seis belezas (srts. Ilde Garavaglia, Rosinha Serzedelo Machado, Lígia Coutinho, Raquel dos Santos Jacinto, Regina Rosembourgo e Baby Carreta) desfilarão modelos que serão apresentados, a 15 de fevereiro em Punta Dei Este, quando serão convidadas do Departamento de Turismo do Uruguai, devendo tomar parte num grande almoço que lhes será oferecido no Palácio da Presidência da República, Copacabana.



No Country, os casais Alvaro Ferraz de Abreu, Paulo Silveira Martins Leão, sra. Antônio Megliolano, sr. e sra. Aldir Sabóia, srta. Ana Maria Magalhães e sr. Roberto Vasconcelos.



RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

12 VIAGENS POR DIA

PARTIDAS DE SÃO PAULO

6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS

7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO

5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Igo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO

Rua Álvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!



AZASO EB-5

EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lda.

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Escreveu «Casa Grande de Senzala»:
 - Gilberto Freyre?
 - Oliveira Viana?
 - Max Fleuiss?
- 2—Escreveu, aos 17 anos, «Sommernachtstraum»:
 - Schubert?
 - Mendelsohn?
 - Beethoven?
- 3—O que é «versta»:
 - Medida russa de comprimento?
 - Bebida tcheca?
 - Dança iugoslava?
- 4—James Joyce escreveu:
 - «Dublinners»?
 - «Finnegan's Wake»?
 - «Ulisses»?
- 5—Dêsses músicos, um foi pianista:
 - Eugene d'Albert?
 - Eugene Goossens?
 - Eugene Conley?
- 6—Como se diz casa em árabes:
 - Haus?
 - Bait?
 - Domus?
- 7—Quem foi Zamenhof:
 - Fundador do Esperanto?
 - Do volapuk?
 - Da língua internacional?
- 8—O que é uma «vorvolaka»:
 - Uma superstição helênica?
 - Um animal australiano?
 - Uma doença tropical?
- 9—Que doença foi proclamada, na Idade Média, como castigo divino aos pecados humanos:
 - A lepra?
 - O cólera?
 - A sífilis?
- 10—Um dêsses sopranos nasceu no mesmo dia em que foi proclamada a República no Brasil:
 - Amelita Galli Curci?
 - Cláudia Muzio?
 - Rosa Raisa?
- 11—«O saisons, o chateaux, quel âme est sans défaut?» — versos de:
 - Baudelaire?
 - Artaud?
 - Rimbaud?
- 12—Designa um tipo especial de cana:
 - Cheirosa?
 - Caiana?
 - Galega?
- 13—De onde é originária a expressão «Oxalá»:
 - Do persa?
 - Do grego?
 - Do árabe?
- 14—O mesmo engenheiro que abriu o Canal de Panamá, Lesseps, trabalhou também:
 - Na Torre Eiffel?
 - Na ponte Don Luiz, no Porto?
 - No caminho aéreo do Pão de Açúcar?
- 15—Escreveu o «Casamento de Mercúrio com a Filologia», espécie de enciclopédia medieval:
 - Marciano Capela?
 - Marcelo Ficino?
 - Benedetto Marcello?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Gilberto Freyre; 2 — Mendelsohn; 3 — Medida russa de comprimento; 4 — Todas as três obras; 5 — Eugene d'Albert; 6 — Bait; 7 — Fundador do Esperanto; 8 — Superstição helênica; 9 — Sífilis; 10 — Cláudia Muzio; 11 — Rimbaud; 12 — Caiana; 13 — Do árabe; 14 — Ponte no Porto; 15 — Marciano Capela.

FERNANDO LÔBO

E AGORA, SEU MOÇO?

A época não é tão distante assim. Era tempo em que se identificava o carro dos rapazes pelos números, que se passeava pelas calçadas de Copacabana, que se podia tomar um banho de mar, tranqüila e amorosamente no Arpoador. E isso não é tão antigo assim. É um ontem de que todos estão lembrados, quase todos vivos e todos também com uma saudade grande dentro do peito. O moço se fez notar pela sua elegância e sua postura de figura cinematográfica. Quebrou corações, desmoronou lares de alicerces frouxos, gozou férias bem remuneradas em terras estranhas e se firmou como figura constante de todos os «parties» elegantes que os elegantes de ontem costumavam dar, sem fazer êste terrível e incômodo estardalhaço de hoje. Par constante em tôdas as festas, pé de ouro em todos os ritmos, por força desse tipo de vida sem grandes suores, foi se tornando um profissional da melhor classe, da arte de não fazer nada. Mas tempo não brinca com homem e quando menos se espera um raio de sol de piscina faz nascer uma ruga e um cabelo branco, sinal amarelo que o tempo dá, sinal de atenção. A mocidade tem êsses ímpetos de não escutar o tempo e, o moço pensou no que teria que fazer amanhã, mas não no seu amanhã e sim no amanhã dos outros para êle, dos de fora para as suas alegrias. Viu-se sempre um bebê, um «play-boy» que mesmo sem fortuna e sem fé, poderia jogar na roleta de seus amôres o seu amor de primeira qualidade como parada certa. Amadureceu depressa e entre um inverno e outro, um vôo e mais outro, não percebeu que os convites escasseavam, os lugares com seu nome estavam sendo suprimidos aos poucos. Nos dias presentes amadurece na mesa do bar, sem entretanto ter perdido a arrogância dos bons tempos, o jeito agressivo de falar aos garçons, a maneira ríspida e superior de assinar uma nota — mesmo sabendo que nada mais poderá fazer, que tudo é inútil, triste, escuro no fim de sua jornada de nada fazer. Vi-o assim, sozinho e murcho. Era noite que trazia gente. Uma certa senhora da nossa mais alta sociedade bailava enternecida nos braços de um brôto. Era a mesma que o amara noutros tempos, a mesma que dêle levava um pouco de calor sabendo que ela já era inverno constante. O sol está lá fora. O dia é novo agora. Não há mais nada a fazer, nem mesmo dançar outra vez em novos braços, pois a mente do moço está murcha e seu quarto de muitos é agora uma solitária que o abriga e é a ela que êle tem que enfrentar agora, que o sol está de fora e os bancos ainda não estão abertos.

QUE FRIO... Ô... Ô... Enquanto nos queimamos no calor de agora, Linda Batista aperta os queixos quando desembarca em Portugal. Isso foi em 1952. Linda deixava o Rio em vésperas do Carnaval e ia cumprir um contrato enorme em Lisboa, no rádio e no Teatro Monumental. De lá seguiu para Itália e em Paris revolucionou a praça cantando sambas no «Carrol's».

NÔ «CLUB 36»

Numa semana linda o 36 estava inflamado. A moça mais bonita era Vânia Pinto, que escutava Caymmi bem de perto. João Doria e Flavio — sempre muito bem acompanhado — Porto, falavam do baile do «Galo Vermelho». A Bahia está em moda, agora que o dólar está impossível e, vale ver e sentir a Bahia e quando for à Bahia, sigam mais um pouco, até «Maracangalha» que é o novo caminho traçado por Caymmi.

Eu vou pra Maracangalha, eu vou
Eu vou de lífome branco, eu vou
Eu vou de chapéu de palha, eu vou,
Eu vou convidar Analha, eu vou
Se Analha não quiser ir eu vou só,
Eu vou só, eu vou só,
Se Analha não quiser ir eu vou só,
Eu vou só, eu vou só sem Analha, mas eu vou.

RODRIGUES DE VOLTA

O prêmio de viagem deu dois anos a Augusto Rodrigues na Europa. E êle fez Paris, Londres, muita Itália e Portugal. Mas, não fez para comprar automóvel nem juntar dinheiro. Fez mais foi divulgar a sua arte e a arte infantil das escolinhas que criou e espalhou por todo o Brasil. Um jantar amigo, dos seus do peito no dia em que chegou.

CIGARRAS A VISTA

A serra está cheia de automóveis que sobem aos sábados, os mesmos que levam de volta as «cigarras» na segunda. Sobem e enchem os pulmões de ar,

descem e enchem os bares da cidade e de Copacabana. Santos homens, êstes que ainda acham graça na noite, se enganam com ela, provam ulsque falsificado e sentem o mesmo gosto de laranjada.

OS CHAPAS BRANCAS

Também na serra há uma verdadeira romaria de chapas brancas levando crianças, homens e embrulhos para os de seu direito em férias. Também êles estacionam agora em fila dupla, bem em frente ao clube de engenharia onde há um bom restaurante. No plano do «caracol» os «chapa-brancas» poderão circular melhor, não resta a menor dúvida.

MARIOZINHO, RECOLHIDO

Cansado dos vigários e dos vigarismos da noite, Máriozinho de Oliveira resolveu fazer uma vida nova e boa. É da praia, é do golfe, é do cinema em casa. Deixou de usar gravata e de pensar nessa coisa assaltante que se chama «boite». As dez está no Leme e ao meio dia prova uma «gin tónica» que seu «laixa» traz do seu próprio bar. Depois há um almoço ao qual sempre adere o veterano compositor brasileiro — Ari Barroso.



JORGE GOULART, uma voz da noite que nasceu ali no Copacabana Palace. Hoje um cartaz que a noite ainda não soube aproveitar num «show».



PAU DE ARARA PERDE OS CABELOS e a paciência também. O rapaz veio do norte carregadinho de sonhos, quando ganhou uma oportunidade no rádio mostrou o valor que tinha. De repente, mais que de repente, mandaram um contra na sua vida e Aldair Soares está parado. Desconfiando da sorte raspou o côco para ver se o urubu resolve bater asas...

ROTEIRINHO

Chegam lagostas de Pernambuco e o Copacabana está cheio delas. É lá onde se tempera melhor. No «Jirau» sempre pratos bem feitos e à moda dos Autuori — «Onion Soup» — a chamada Sopa de Cebola que tantos gostam, da melhor qualidade ali no restaurante do «36» que fica bem debaixo dos pés do Caymmi. Vale ouvir o órgão eletrônico de Djalma Ferreira no «Drink».

FRASE TERRÍVEL

De um homem a caminho do trabalho, enquanto um grupo deixava o Sacha's: Não há um desses que tenha coragem de enfrentar o programa da televisão «Adivinhe O Que Ele Faz».

NACIONAIS

O deputado Euvaldo Lodi, quando, em seu automóvel particular, dirigia-se de São Paulo para Campinas, a grande velocidade, encontrou morte horrível, quando seu carro se chocou com um pesado caminhão que vinha em sentido inverso. Era de noite, e naturalmente Lodi não conseguiu perceber a tempo de frear seu carro a iminência do desastre. Seu corpo irreconhecível apenas foi identificado graças a um talão de cheques encontrado no palitô do morto. A morte de Euvaldo Lodi foi muito sentida, mormente nos círculos do SESI, de que foi presidente.

★

Esses argentinos, positivamente, são uns pândegos. De quando em quando, saem-se com uma boa piada para cima de nós. Agora, chega de Buenos Aires a notícia de que um trecho de conhecido jornalista arábico-brasileiro, acaba de, vertido para o castelhano, ser incorporado a uma Antologia largamente utilizada nas classes escolares da república do sul. É uma prosa escovadinha, que fala em geada, cafezais paranaenses, etc, etc. Quer dizer que o autor da Antologia, passando pelo alto o nome de nossos grandes escritores modernos — um Graciliano, um José Lins do Rêgo, um Otávio de Faria, e tantos outros — preferiu escolher, como exemplo da atual prosa brasileira, o trecho em questão. Naturalmente desconhecia as primícias desse outro conhecido escritor arábico-brasileiro, Ibrahim Sued. Caso para um protesto diplomático.

★

E o Rio de Janeiro completou trezentos e oitenta e nove anos de uma vida nem sempre fácil, com a procissão de São Sebastião, as criancinhas vestidas de vermelho, a canícula enorme... E cabe aqui uma sugestão: porque não se torna a sumária vestimenta escarlate do mártir-padroeiro o traje nacional do carioca?.. Nenhum, com efeito, mais apropriado para o nosso clima.

★

O futebol, a peteca e outros jogos praticados nas praias cariocas estão sendo agora combatidos com violência pela polícia, que de algumas semanas para cá tem apreendido um sem número de bolas e de apetrechos esportivos.

★

Enquanto Cândido Portinari era agraciado, pelo Conselho Internacional de Belas Artes, com sede em Washington, com a Medalha de Ouro atribuída ao Melhor Pintor do Ano.

★

Já temos, nessas mesmas páginas, aprovado inúmeras medidas levadas a efeito pelo governador paulista Jânio Quadros. Por isso, sentimo-nos à vontade para registrar, com espanto, o fechamento, pelo aludido senhor, da Usina Experimental Metalúrgica do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, o melhor do Brasil, e que vem realizando uma obra de grande valor, graças, justamente, à citada Usina. Pois bem: Jânio Quadros acabou com a festa. E, para justificar sua medida absurda, saiu-se com essa frase cafajestíssima: «Liquide a usina urgente. Pesa como chumbo no orçamento».

★

As autoridades cariocas, com o senhor Pinho Pessoa, diretor da Divisão de Águas, à frente, descobriram uma boa desculpa para não tomarem providências quanto à crescente escassez do líquido. O senhor Pinho Pessoa, com efeito, explicou o que acontece com a água no Leblon: «Não há falta de água, no Leblon. O povo dali é que tem psicose de falta d'água...»

★

Vilma Sozzi, representante do Paraná, ganhou o título de Miss Cinelândia 1955, após renhida disputa com Arlete Gonçalves e Celeneh Costa, que conquistaram os postos seguintes. Com o título, ganhou a beleza paranaense também uma viagem a Nova York, e um contrato para filmar na Atlântida.

★

Com o calor, o carioca busca a praia. Mesmo o que não sabe nadar. Pois bem: o Serviço de Salvamento atendeu, no último domingo, a nada menos de cinquenta casos de perigo de afogamento. Infelizmente, 3 desses casos foram fatais.

A SEMANA



FALECEU DONA GENY GOMES — Após longa enfermidade, que a vinha mantendo presa ao leito, faleceu dona Geny de Oliveira Gomes, viúva do destacado comandante Luís Gomes (cujo centenário de nascimento se comemorou em junho do ano passado), e mãe do brigadeiro Eduardo Gomes. Dona Geny, que era filha dos Viscondes Rodrigues de Oliveira, desapareceu aos oitenta e sete anos de idade, e deixa, além do brigadeiro Eduardo Gomes, os seguintes filhos: Raul, diplomata; Sérgio, médico; Stanley, advogado; e Eliane, funcionária da Caixa Econômica. A foto que estampamos é uma das últimas da ilustre e venerável senhora, e mostra-a, ao lado de Eduardo Gomes, durante a celebração de um ofício religioso.



HERBERT RICHERS, o conhecido cinegrafista, diretor da Cine TV Filmes, acompanhou o Presidente eleito do Brasil, Juscelino Kubitschek, em sua recente viagem pelos Estados Unidos e Europa. Ei-lo no momento em que, concluído sua missão, desce da Constellation que o trouxe diretamente de Lisboa, já em solo carioca.

INTERNACIONAIS

Na pré-estréia do «Rei Lear», de Shakespeare, em Nova York, o conhecido ator Orson Welles fraturou o tornozelo. Já no espetáculo seguinte, apresentou-se ante a platéia em uma cadeira de rodas, dizendo que o dinheiro dos ingressos seria devolvido a quem assim o desejasse. Quando a turma começava a retirar-se, Welles, após beber um copo d'água, principiou a manter animada conversação com as primeiras filas de espectadores, falando, como só ele sabe, de teatro, poesia, drama, e assuntos correlatos. Pouco a pouco, os retirantes sentaram-se de novo. E, em meio à funda emoção de todos, o artista recitou, mesmo sentado em sua cadeira de rodas, as falas principais da grandiosa peça de Shakespeare.

Anúncio sui-generis aparecido em um jornal americano: «Coleção de discos para crianças — Vende-se a preço excepcional. Alguns deles estão um pouco estragados... um pouco estragados... um pouco estragados...»

★

Em Indianópolis, num posto de gasolina, existe esse cartaz: «Para evitar reclamações sobre nosso serviço gratuito, está suspenso nosso serviço gratuito».

A SEMANINHA

(Dizem de Argel que as tropas francesas mataram 27 rebeldes numa série de operações de limpeza.)

— Receando que essas operações também se efetuem por estes lados, nossos «garis» abandonam por completo as ruas da capital... Lixo é mato!

(Os turcos ameaçam Chipre com «banho-de-Sangue» a fim de vingarem a morte do sargento Abdullah Ali Reza...)

— E nós, que por aqui rezamos também, com este calor de 41 graus à sombra e não sei quantos ao sol, estamos ameaçados a não ter banho... de água!

— («Purucas» estaria disposto a não cair vivo nas mãos da polícia...)

Esgotando-se o conforto

Anda agora apreensivo;

Não tendo onde cair morto

Não quer também cair vivo!

(Em Lisboa, o sr. Juscelino Kubitschek assistiu ao encontro de futebol entre Belenenses e Pôrto)

— Eu explico: Belenenses e Pôrto usam indumentárias azuis... E os portugueses, muito amáveis, fizeram questão de mostrar ao novo presidente brasileiro, que a situação é toda azul.

(O Rio Tejo, que já transbordara em dezembro, cobriu novamente milhares de hectares no Ribatejo, província agrícola portuguesa.)

— Devido às consecutivas enchentes, o povo lusitano unânime exclama: «Arriba, Tejo!» (...e foi daí que nasceu o nome da província, salvo erro.)

Santos Alves

EM REVISTA

DE SETE EM SETE

Tudo muito certo, Carnaval chegando, Juscelino chegou, outros chegam, outros partem, mas os mosquitos lá em casa não partem nem chegam, fazem chácara e maltratam as criancinhas. Até o papagaio reclama. E o lixo, outra vez provocando aquela fedentina louca. Lixeiro, em homenagem a esta coluna, só vai de 7 em 7. E promete espaçar. ★ Outra promessa: O senhor Zacarias do Rêgo Monteiro promete comparecer mais uma vez ao baile do Municipal com um novo e ainda mais surpreendente Pierrot. O senhor Zacarias ficou sendo o último Pierrot apaixonado do Carnaval carioca. Sem Colombina. ★ Enquanto a senhorita Marta Rocha corre a casar-se em Mar del Plata com o industrial Alvaro Pinto, o pianista Bené Nunes por estranha coincidência foi fazer o mesmo (casar). ★ Engraçado: semana pré-carnavalesca com alguns filmes de qualidade extra... «Sindicato dos Ladrões» e «Helena de Tróia», dois espetáculos que em outros tempos viriam por muito favor com o atraso de um ou dois anos. Por quê? Porque os velhos «trusts» exibidores estão tendo pela frente novos circuitos independentes. Quem lucra é o público... ★ E em Porto Alegre, «Rio 40º» estreou com choradeira e tudo. Nelson Pereira dos Santos comoveu-se, derramou lágrimas de alegria e felicidade, quando viu a casa cheia e os cruzeiros entrando. ★ Enquanto os críticos teatrais militantes vão elegendo Abílio Pereira de Almeida (Santa Marta) o melhor autor nacional de 55; Iracema de Alencar, a melhor atriz; Carlos Machado, outra vez o melhor produtor de teatro musicado. E por aí adiante. ★ Lá vêm os barquinhos a navegar de Buenos Aires ao Rio! «Juana» e «Royono», quando escrevemos, disputam a primazia, mas «Procelária» vai-lhe no encalço... Quem ganhará? ★ Ganhou Juscelino, que ficou sem dormir quase vinte dias enquanto girou por esse mundo de Deus e dos meus pecados. A custa de efredina. ★ Mas a taqueresa do Cineac agüentou 67 dias (e noites), dormindo e bebendo. Sem bife com batatas. Ao sair da urna, pediu uma coalhada. ★ Agora é tirar a máscara da face e, de rosto limpo, cair no chocalho. Que homem sério, de boa família, é trouxe se não aproveita os três dias de fuletagem para esquecer os encargos da família. ★ Enquanto a esposa pensa que ele vai trabalhar segunda-feira gorda... ★ Amigos, pra vocês, «Mangueira».



OS DECORADORES UNIDOS — Um grupo de jovens competentes decoradores do Rio de Janeiro, aproveitando a aproximação do Carnaval de 1956, resolveu apresentar, nos salões do Hotel Glória, nos últimos dez dias de janeiro, inúmeras e interessantes sugestões para máscaras, fantasias e adereços para os três dias de Momo. À inauguração, no dia 20 de janeiro, compareceram inúmeros artistas e intelectuais cariocas, bem como pessoas da sociedade. A fotografia fixa um flagrante do «vernissage», vendo-se um animado grupo de interlocutores a comentar uma das peças da mostra.



MORREU O GIGANTE KORDA — Foi uma semana de fúnebres acontecimentos, entre os quais se inclui o desaparecimento de Alexander Korda. Era o ex-marido de Merle Oberon, um obreiro decidido a serviço do cinema inglês. Primeiro, andou por Hollywood e foi chefe de produção da Metro. Depois resolveu fazer cinema com função industrial, na sua terra. Fundou a London Filmes. Fêz «Os amores de Henrique VIII» e mostrou ao mundo o talento imenso de Charles Laughton, depois malbaratado em imensas tolices hollywoodescas. Criou discípulos. J. Arthur Rank aprendeu bem a lição. Sabia dividir o tempo entre os estúdios e as esposas e a última, que ele deixou viúva (mas super-milionária), não tinha mais que vinte e cinco primaveras. Veio o colapso. Foi cedo, quando ainda poderia dar muito mais à indústria britânica do filme. Foi cedo, mas deixou bem marcada a sua presença pelo mundo e particularmente pela cinematografia.





MENINO PRÊTO MENINO BRANCO

D. Lia Malveiro, tendo ao colo os dois meninos. No dia em que foi feita a foto (28 de dezembro), ela estava convencida de que ia ficar com as duas crianças. No seguinte, porém, teve de devolver o menino branco.

A NOVELA (REAL) DE 1955

A HISTÓRIA SECRETA DO CASO DAS CRIANÇAS TROCADAS, CONTADA PELO REPÓRTER QUE DESCOBRIU O CASO ★ UM TELEGRAMA QUE A POLÍCIA DESCONHECE ★ SERÁ A MÃE DO ANO, A MÃE DE FERNANDINHO ★ OS BERÇARIOS, NA OPINIÃO DE ILUSTRE OBSTETRA ★ COMO AGIU O PAI DE FERNANDINHO E A ATITUDE CONDENÁVEL DE D. MARGARIDA, A MULHER QUE DESEJAVA FICAR COM O FILHO QUE NÃO ERA SEU E QUE RENEGOU O FILHO VERDADEIRO

Reportagem de VINÍCIUS LIMA

Fotos de "O GLOBO"

— O sr. está procurando a casa dos Malveiros?

— Estou.

— E' bem ali, na rua Dr. Nunes, nº 799, casa A, fundos. Na certa o sr. é repórter. Ponha logo p'ra fora os podres dessa mulher desavergonhada. Ela não esperava que o filho fôsse sair preto. E sabe de uma coisa? O pai deve ser o Bené da Maria Antônia, um vagabundo empoadado que

anda por aí flinando, que não quer nada. Essa semvergonha, enquanto o marido trabalha...

Outra senhora chegou e juntou-se à primeira. Ia estender roupa na corda, percebeu do que se tratava e sem ao menos cumprimentar o repórter, foi logo dizendo:

— Não, Canduca, eu acho que o pai deve ser o Manelito, aquele que tem o botequim e que anda sempre de bicicleta. E engraçado

As duas famílias reunidas na delegacia do 3º Distrito Policial, no dia 18 de dezembro, justamente quando d. Margarida, com a aquiescência do marido, sr. Fernando Paiva da Silva, disse com a maior calma deste mundo: "Só quero o filho branco, o preto não me interessa". Em baixo, os dois meninos e, ao centro, o resultado do exame de sangue procedido em Fernandinho e que provou ser ele filho de d. Lia Malveiro.



Esta é a **MÃE BRANCA**, d. Lia Malveiro, possivelmente a **MÃE DO ANO** de 1955. Sofreu bastante por causa de um filho e muitas calúnias.

é que a gente pensava que a d. Lia era uma santinha. Olhe, lá vai ela...

— D. Lia?

— Não, a mãe do Manelito. Me disseram que o filho já confessou que é mesmo o pai do menino.

Cinco minutos mais tarde, já eram várias as mulheres que conversavam com o jornalista. Não havia dúvidas:

— Eu sempre que desconfiei. Caladona, metida a sebo, sempre com roupinha limpa...

— E o pior é que já não é criança. Tamanha velha, e o pai preto do filho...

— E deixou de falar com a gente. Vive chorando pelos cantos, como se fosse inocente.

— Devia ser presa. E o que é pior, é que renega o filho só porque é preto, e anda dizendo que o menino não é dela, que é de outra...

Isto aconteceu na noite 3 de novembro de 1957

no bairro de Ramos, quando o repórter começou suas investigações sobre o caso Malveiro. Pouco antes, numa fábrica de móveis, (Rua Barão de S. Félix, 140) tinha tido uma longa conversa com o patrão de Mário Malveiro, e também com este. Era o início de um caso que iria apaixonar a opinião pública e que chegara ao nosso conhecimento, por intermédio justamente do patrão de um dos principais personagens, o operário Mário Malveiro.

UMA HISTÓRIA COMPLICADA

Tinha o sr. Arno (proprietário da fábrica em que Mário trabalha), um assunto muito delicado a tratar com o repórter, e por isso o chamou:

— O sr. não imagina. Pensei muito antes de tornar público o caso, mas, acho que sem a colaboração da imprensa nada poderei fazer. Já apelei para a polícia (3º D. Policial — Botafogo), para o bom senso de toda gente, e nada conseguiu.

O sr. Arno pediu licença, retirou-se por alguns instantes e, ao regressar, vinha acompanhado de um cidadão de estatura mediana, quase louro, olhos empapuçados e com a fisionomia de quem estava passando noites intermináveis de vigília.

Sentaram-se os dois diante do repórter e o sr. Arno recomeçou:

— Este cidadão, meu empregado, é o sr. Mário Malveiro. Trata-se de um homem correto e que está numa situação horrível: sua esposa, mãe de duas outras crianças brancas, está em casa com um filho preto. E o que é pior, essa criança não pode ser filho de Mário, porque tanto ele como a esposa, não possuem ascendentes de cor. Nosso problema é fixar a verdade e conduzir o caso de forma a não haver exploração por parte de pessoas mal intencionadas...

— Mas como foi o caso, afinal?

— A esposa de Mário foi para a Maternidade Fernandes Filgueiras, em junho. Quando lhe



D. Margarida, a **MÃE PRETA**. Talvez seja doente mas, o fato que não queria o filho preto, embora saiba ser seu filho verdadeiro.

apresentaram o filho recém-nascido, ela suspeitou de que houvesse troca da criança por uma outra. Contudo, como até as crianças de cor nascem claras, ela levou o menino para casa. Agora, o menino está preto, preto, preto...

Diante do impacto, o repórter nada falou, à espera que o sr. Arno prosseguisse. Mas quem falou foi Mário Malveiro:

— Já não posso dormir. O sr. sabe como é uma coisa dessas, mas, estou absolutamente certo de que meu filho foi trocado. Minha mulher, coitada, sofre mais que eu. Ficamos em casa olhando um para o outro, sem encontrar solução para o nosso caso.

— E sobre a troca, acha o sr. que houve tal coisa, realmente?

— Claro que houve a troca.

— Mas, como pode afirmar?

— Eu localizei uma senhora preta que teve





A esquerda, as duas famílias em litígio, com o delegado Schwab, do 3º Distrito Policial, que tudo fez para resolver o caso amigavelmente. Apesar dos esforços, nada conseguiu, no entanto.

um filho, na mesma Maternidade, no dia ou na véspera do nascimento de meu verdadeiro filho. Fui atrás dessa mulher e consegui localizá-la. A criança é igual aos meus outros filhos. Aquêle, sim, é meu filho.

— O sr. falou sobre isso com a mãe do outro menor?

— Sim, eu falei e minha mulher já falou várias vezes, mas a tal senhora insiste em dizer que o filho branco lhe pertence.

— Mandou fazer exame de sangue?

— Sim, na Maternidade, e tenho comigo um telegrama em que os médicos, após o exame, afirmam que o menino de côr é de minha esposa...

OS OUTROS PERSONAGENS

D. Margarida Ramos de Almeida, foi o nosso objetivo seguinte. Encontramo-la um tanto aborrecida, com o filho ao colo, em casa de uma pa-

renta, à rua Camerino. Era o seu primeiro contacto com a imprensa e logo que notou estar tratando com um repórter, disse:

Fernandinho é meu filho. Na certa aquela mulher branca está com coisa, porque o filho preto é dela. Eu tenho dois outros filhos brancos na Bahia e se obrigarem a entregar o filho branco, o preto eu não quero.

— E seu marido, onde pode ser encontrado? Como se chama?

— Ele é Fernando Paiva da Silva, mas quem quiser tem de tratar do assunto comigo.

— Mas, a senhora não estará cometendo um erro, minha senhora?

— Não senhor. O filho branco é meu e pronto. Foram as últimas palavras de d. Margarida ao repórter, antes do caso ter vindo a público.

NOITES DE TORTURA

O caso, a seguir, tornou-se público, por isso, voltamos ao bairro de Ramos, para obter mais

dados sobre a vida que o casal Malveiro estava levando. Soubemos então de fatos verdadeiramente constrangedores, que nos foram narrados por vizinhos do casal, de língua menos ferina; porém, que aquêles que entrevistáramos antes. D. Amélia de tal, residente na casa B, da mesma vila, nos contou o seguinte:

«Eu vi as crianças brancas dos Malveiros na hora do jantar, junto com os pais, quando o menino Mário Luís perguntou:

— Por que, mãe, nós somos brancos e o irmãozinho é preto?

D. Lia levantou-se da mesa e foi chorar, e o menino prosseguiu:

— A mamãe tá chorando porque o maninho é preto? E porque ele é preto e nós não somos? Foi o filho do «seu» Pedro que perguntou...

D. Amélia prosseguiu, procurando dar o máximo de realidade às suas palavras:

— As crianças das vizinhanças, dizem coisas aos filhos de d. Lia que já nem pode sair à rua, e muito menos deixar que os filhos venham brincar com as outras crianças. E não é só isso: até o dono do armazém já se acha com o direito de dizer pilhérias a d. Lia, uma mulher que nunca sai de casa sem o marido, coitada!

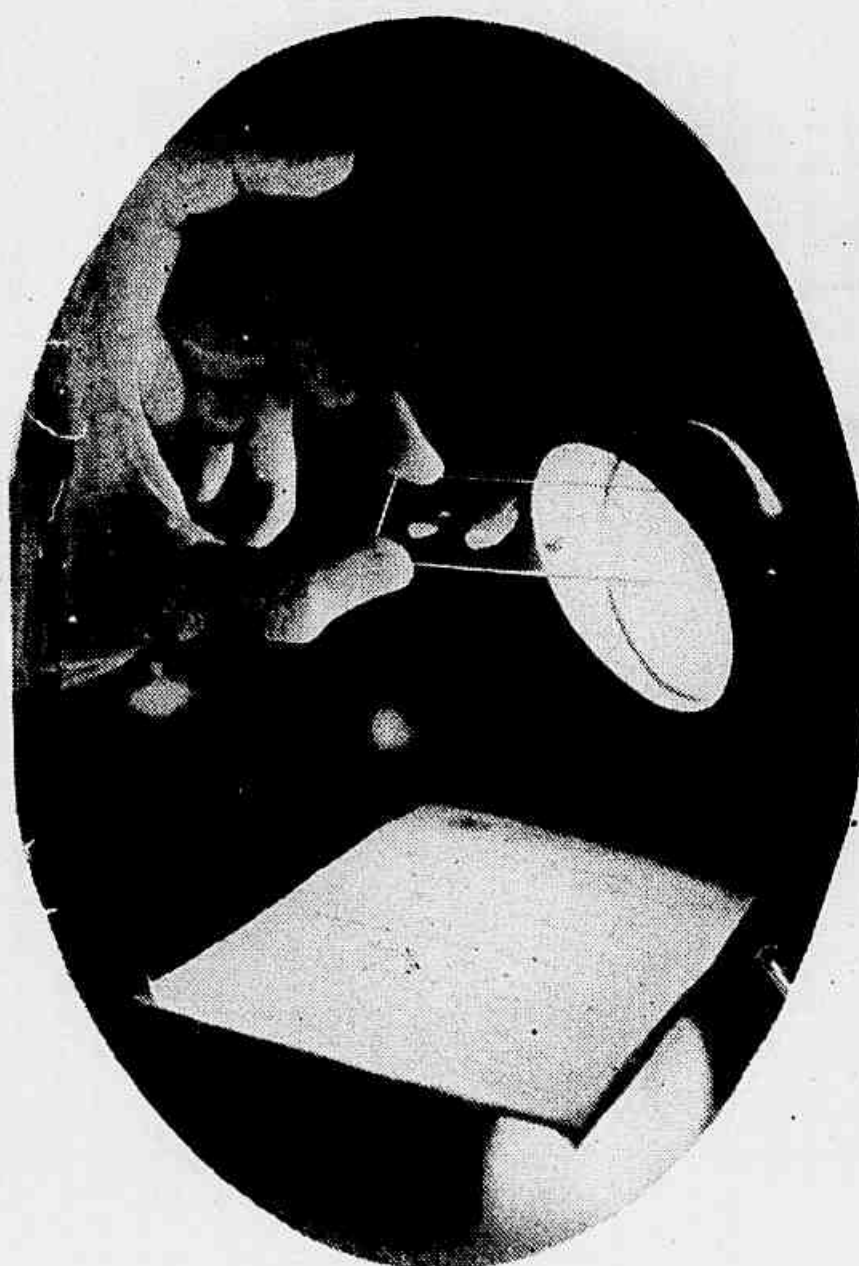
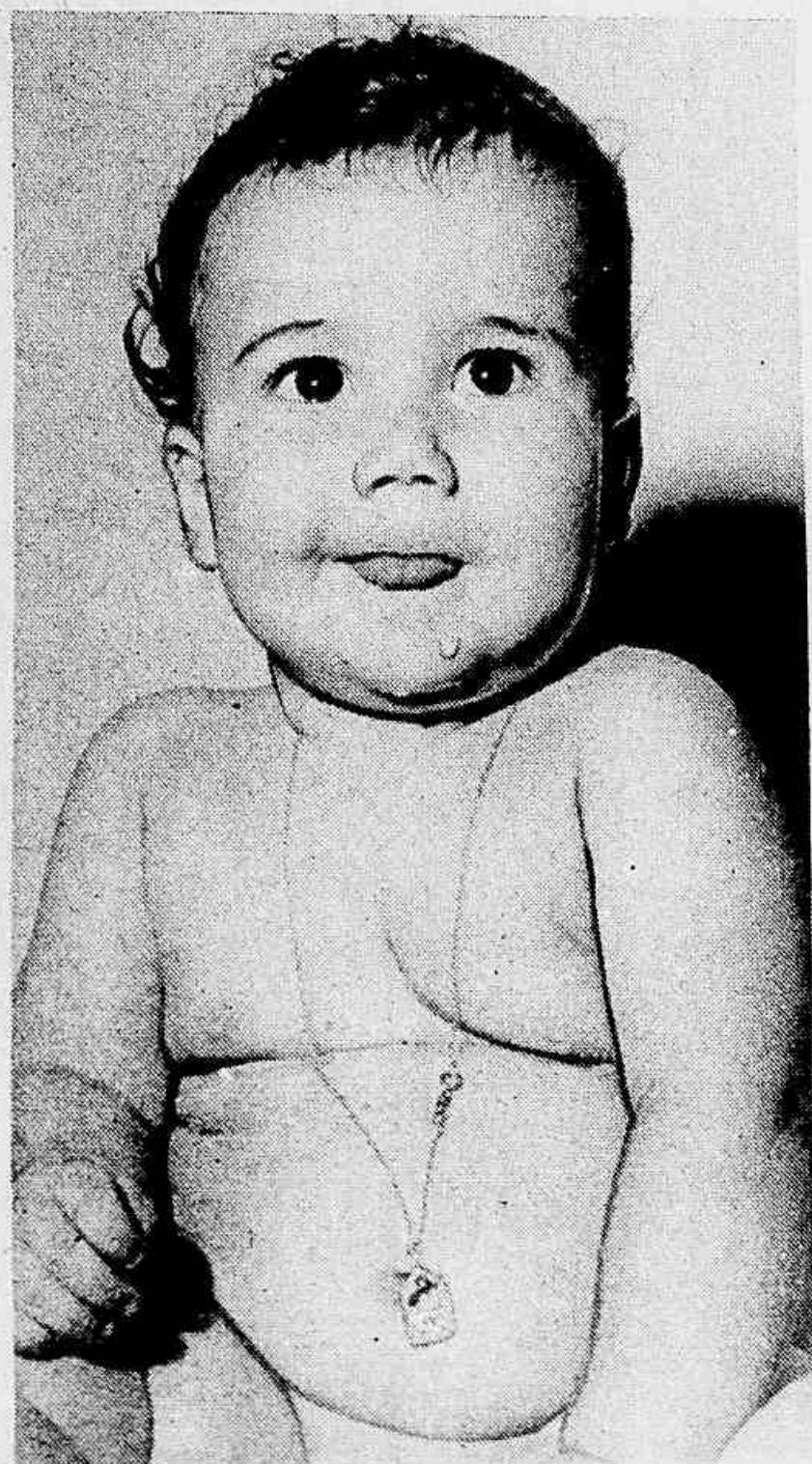
— Quer dizer que a senhora acha que ela é inocente?

— Mas é claro, tão inocente que pensou que os outros compreendessem. Agora, acho até que ela vai mudar de casa.

— Além do que a senhora me contou, sabe de mais alguma coisa?

— Não quero que digam que eu falo muito, mas estragaram a vida dessa mulher. Se não aparecer alguém que forneça provas... Esse telegrama, por exemplo (posteriormente a Maternidade Fernandes Filgueiras forneceu laudo completamente diferente ao primeiro, sinal evidente de que o primeiro exame, não foi bem feito...), que dizia que o filho preto era de d. Lia mesmo. Ela tinha medo de que o marido, um homem tão bom, chegasse a pensar certas

As lâminas com o sangue de Fernandinho, o menino branco, cuja foto, ao lado, dá-nos uma idéia de como é forte. Agora, está adoentado devido às constantes peregrinações de um para outro lado.





Os dois filhos de d. Lia Malveiro, Mário Luís e Vânia Lúcia, que antecederam Fernandinho, tendo ao lado o garoto de côr, entregue à mãe como seu filho. Note-se o contraste, tão proclamado pela mãe aflita.

coisas, o sr. sabe... Mas ele é um homem e tanto. Chora porque a mulher chora, pensando que ele pensa essas coisas.

A POLÍCIA COMEÇA A TRABALHAR

Diante da curiosidade popular em torno do caso, a polícia começou a trabalhar, começando (delegado Fernando Schwab) por pedir à Maternidade exames de sangue para prova de paternidade. Intimada d. Margarida não compareceu de pronto, mas, depois de compreender ser impossível escapar, acabou por comparecer para os exames necessários. Tudo feito, as autoridades reconheceram Fernandinho, o branco, como filho legítimo de Mário e Lia Malveiro e o outro, o de côr (Manuel), como filho do casal de côr.

Na presença do delegado Schwab, do dr. Raja Gabaglia, diretor do Banco de Sangue do Hospital Fernandes Filgueiras, defrontaram-se pela primeira vez os dois casais, ante a polícia. Documentando as palavras, foi o delegado explicando a d. Margarida a inconveniência de ficar com o menino branco que, segundo a ciência, não era seu filho. Falou o delegado Schwab, porém, quando pensou que havia convencido d. Margarida, esta decide repudiar o filho de côr, insistindo: — O branco é meu e o preto, mesmo que seja meu filho, eu não quero, porque tenho amizade ao menino branco.

D. Lia, eufórica, saltou de sua cadeira e disse então uma frase que a todos comoveu:

— Se ela quer, eu fico com o pretinho. Ele também é meu filho e se me permitem, eu o criarei com todo o carinho.

E levou o filho branco para casa, enquanto aguardava a decisão da Justiça, a respeito do menino de côr.

D. Lia, é muito sentimental. Gosta do pretinho, que embora não sendo seu filho, fez com que ela derramasse muitas lágrimas de saudades, nas vezes em que, por força da lei, teve que dele se separar.

Chegou a passar o Natal com a criança que é seu verdadeiro filho, mas, dois dias mais tarde, a mãe preta ingressou em Juízo com uma petição, na qual reclamava o menino branco, registrado em seu nome. Teve a autoridade policial que reentregar a mãe preta o menino branco, ficando d. Lia Malveiro, com o garoto preto, até que a Justiça se pronunciasse sobre o assunto.

MAIS UMA VEZ, VENCE D. LIA

A juíza Ivete Bomilcar, da 5ª Vara de Família, foi distribuído o já volumoso processo. Enquanto isso, d. Lia Malveiro, conduziu o menino preto, levantou suspeição sobre a obstinada d. Margarida, pedindo à autoridade que Fernandinho ficasse sob a guarda de um Abrigo de Menores, pois receava que d. Margarida fugisse com a criança branca.

Teve ganho de causa, e Fernandinho, um pouco doente, foi parar no Abrigo «Nosso Lar», na condição de verdadeiro «pachá», pois é o único varão entre cerca de 200 meninas... Resta, agora, esperar o andamento do processo em curso, que dará a posse definitiva do rebento aos legítimos pais.

SERÁ A MÃE DO ANO

Um grande movimento está se processando para que d. Lia Malveiro, após tamanho sofrimento, seja escolhida Mãe do Ano de 1955. Em se tratando de uma esposa de operário, nada mais justo, porque será a primeira vez que tal fato vai acontecer. Será então a vitória da dignidade de uma mulher que lutou contra todos os azares da sorte; lutou contra a calúnia e finalmente, contra a irresponsabilidade de u'a outra mãe, que embora sabendo não ser sua uma criança, pretendeu e ainda pretende apoderar-se dele, ao mesmo tempo em que renega seu verdadeiro filho.

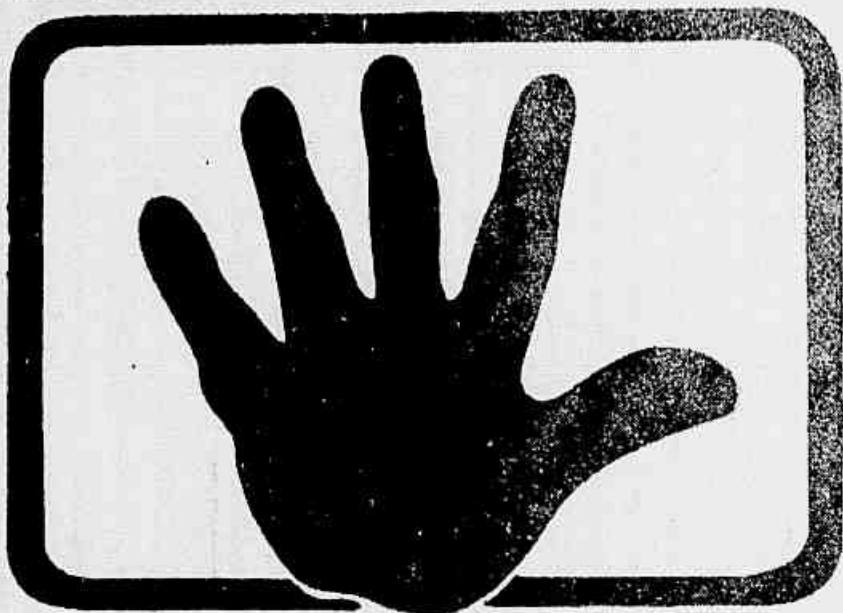
Também merece elogios o sr. Mário Malveiro, que esteve sempre ao lado da esposa, na qual nunca deixou de confiar.

QUEM É PAI DE QUEM?...

Diante, do fato, que somente veio a público em virtude de se tratar de criança de côr trocada por criança branca, é o caso de se perguntar: Quem é o pai de quem? Quantos casos ignorados já terão sucedido sem que ao menos os pais desconfiassem?

O sistema por nós usado na maioria dos hospitais (berçário), por isso mesmo já está sendo combatido, sobretudo pelo dr. Caramuru de Medeiros, da Cruz Vermelha Brasileira, que em palestra nos disse que o sistema é realmente prejudicial e que, por isso mesmo, acha que deve ser modificado, para que todos tenham certeza de que são pais e mães de seus filhos...





PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RADIOS - NOVIDADES
IMPORTADORES



ELETRICIDADE
FREIOS HIDRÁULICOS
LAMPADAS PARABOLIZADAS

Mil

RUA MEXICO 98A - FONES 521066 826144
- A MILIONÁRIA DO CASTELO -

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 28 DE JANEIRO E 3 DE FEVEREIRO DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Seus negócios serão processados num ritmo maior e haverá facilidade na obtenção de favores. Domine como possível o pessimismo de que vai se sentir tomado, certo de conseguir marcar um tento nos próximos sete dias.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — O novo período será assinalado por muita atividade. O leitor será solicitado por uma porção de coisas, no trabalho, no lar e na vida social. A semana será de rendimento seguro. Pode confiar.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não discuta nem opine em matéria política. Sua liberdade individual correrá perigo. Do mesmo modo, não faça a mais ligeira incursão às margens atrativas do código criminal. Saturno o estreitará por trás de Marte.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — A semana será regularmente favorecida pela gama dos aspectos planetários. O leitor terá à disposição, os valiosos préstimos de Júpiter para conseguir o que desejar, sendo justo para consigo mesmo e razoável em relação aos seus semelhantes.
- ★ LEO (21/1 — 20/2) — Suas tendências, nos próximos sete dias, o levarão a verdadeiros dispêndios. Será forçado nuns casos e tentado noutros. As mulheres terão grande parte no que lhe acontecer.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O influxo planetário da semana beneficiará seu trabalho, aumentará sua produção e lhe dará ânimo para empreender. Não favorecerá, porém, a vida doméstica. Seu ambiente vai ser agitado na vida particular.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Os próximos dias serão muito bons para a vida sentimental. Os conquistadores terão o clima desejado. Vênus e Lilith, de mãos dadas lhes propiciarão êxito em tôdas as aventuras.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Não se omita em coisa alguma. A situação reclamará sua presença e sua ação, sua palavra e suas opiniões, no caso em que o leitor queira conseguir alguma coisa de maior importância. As especulações também prometerão.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Não esqueça de que está na liberdade dos outros, o limite da sua. Os astros, durante a semana em pauta, o induzirão a ultrapassar esse limite e isso porá em perigo o seu direito de ir e vir. Ao entenderdor...
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O sentimento da pecunia, já exagerado, no seu caso, será aumentado durante a semana. O leitor será constrangido, não obstante, a despesas extras, forçadas pela situação. O meio doméstico não destruirá a harmonia desejada.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Fuja de toda e qualquer experimentação psíquica durante a semana, principalmente nos dias 28 e 30 de janeiro e 2 de fevereiro. Não vá a centros, terreiros e tendas e não faça evocações e invocações também.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Não se arrisque, durante a semana, em negócios muito vantajosos, especialmente em conta de participação. O leitor estará muito sujeito a ser enganado e explorado nos seus sentimentos.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro, 28	—	Vitrúvio	—	Selma
" 29	—	Reinaldo	—	Vitória
" 30	—	Antero	—	Regina
" 31	—	Fabiano	—	Inaura
Fevereiro, 1	—	Cristiano	—	Cristina
" 2	—	Odair	—	Odila
" 3	—	Clóvis	—	Alice

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Janeiro, 28	7°	32'	54"	(Signo do Aquário)
" 29	8°	33'	50"	(" " ")
" 30	9°	34'	46"	(" " ")
" 31	10°	35'	40"	(" " ")
Fevereiro, 1	11°	36'	34"	(" " ")
" 2	12°	37'	27"	(" " ")
" 3	13°	38'	20"	(" " ")



Agora, encontrei o meu cigarro...

hollywood

uma tradição de bom gosto

Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ



H-88.294

REVISTA DA SEMANA — 21

"TELE-SEMANA" DOS MELHORES

Depois de haverem sido aclamados os melhores da TV em 1955, os espectadores aguardavam com ansiedade as homenagens que lhes seriam prestadas por haverem alcançado esse prêmio. Uma das últimas audições do «Tele-Semana» foi dedicada à apresentação dos «melhores de 55», não só da televisão como de muitas outras atividades. Sendo assim, desfilaram ante o público celebridades do cinema, rádio, jornalismo, sociedade, sendo o programa encerrado com a entrega da antena de prata aos melhores da TV.

A idéia de apresentar e homenagear figuras que se destacaram em diversos setores foi das melhores, embora nem sempre, no decorrer do programa, bem executada.

A audição foi iniciada com a execução do «Samba Fantástico», sem dúvida a melhor música do ano que findou. Leny Eversong apesar de corretíssima interpretação que deu ao número, apresentou-se com um vestido confeccionado em tecido brilhante, que, sob as luzes dos refletores, tornava-se faiscante, sendo quase impossível ao espectador fitar a artista.

Sivuca executou logo após um número que aliás ainda não foi dos melhores do seu repertório, sendo em seguida homenageados David Nasser (melhor repórter do ano); Orlando Silva (melhor cantor), em um número bastante fraco; Ivon Curi, agradando sempre, seguindo-se números de «ballet».

Al Neto voltou à TV-Tupi, se bem que não em caráter permanente, como ele mesmo afirmou, apresentando ao público a Rainha da Primavera e a «Charm Girl» de 1955. Al, como sempre, dirigiu-se aos espectadores e às suas convidadas na segunda pessoa do singular, o que por vezes soa mal aos cariocas que não estão acostumados a tratar e serem tratados por tu. De qualquer modo, o cronista social manteve com as lindas garotas agradável palestra e prometeu que em breve estará de volta, definitivamente, com as suas costumeiras entrevistas.

O programa foi encerrado com o desfile dos 13 melhores da TV, aos quais foram entregues as antenas de prata, sob o aplauso do público e da crítica especializada que se encontrava no auditório. Tudo foi feito de maneira simples mas, quase sempre viva e interessante. Agora, é necessário que cada um dos premiados, durante o corrente ano, se esforce mais ainda para manter o seu prestígio ante o auditório, pois agora têm como concorrentes os colegas da TV-Rio.

★ ★ ★

GRAU DEZ

...Para a TV-Rio, que há já algumas semanas vem fazendo reportagens diretamente da Gávea, levando ao público todos os páreos que ali são corridos. Os adeptos desse esporte aplaudiram a inovação, pois essas transmissões de fato se faziam necessárias.

★

...Para o Grande Teatro, dirigido por Adolfo Celi. Os espectadores continuam tendo a oportunidade de assistir a magníficos espetáculos. Mais uma vez isso foi confirmado quando da apresentação de «Viagem Feliz» que, embora representada por um grupo de amadores, pôs em destaque, além da correta interpretação dos artistas, a maravilhosa direção de Celi.

...Para o «Teatro de Fantoches» da TV-Tupi. Neide Aparecida, sem dúvida uma das melhores locutoras das nossas emissoras, faz a propaganda do patrocinador conversando com os bonecos e com a criança que assiste de casa e acaba por cativar também aos adultos que se mantêm junto aos aparelhos e assistem com interesse às cenas que se desenrolam no pequeno palco do teatrinho.

★

...Para o «Trio Harmônico» que tem se apresentado com sucesso em alguns «shows» da TV-Rio. Os três componentes do conjunto executam em gaitas de bôca de vários formatos as mais difíceis peças e constituem a atração de maior destaque nessas apresentações.

Al Neto voltou à TV com suas entrevistas e reportagens.

...Para «Recreio Musical». Não é esse o único programa ao qual comparecem crianças participantes de bandinhas onde executam os mais variados números, empregando apenas instrumentos de percussão, mas, é muito bem apresentado. Maravilha a todos os que assistem a essas audições o ritmo e a disciplina com que as crianças das mais diversas idades que compõem essas bandinhas executam os seus números.

★

...Para «Zacarias e seu conjunto» que, depois de algum tempo de ausência, volta a atuar na TV-Tupi. Os rapazes agradam executando os mais diversos ritmos; seria interessante no entanto que Zacarias contratasse um cantor para as suas audições, pois encarega-se ele mesmo de interpretar os números que apresenta e o faz de maneira bastante fraca.



Flagrante tirado durante um dos «shows» de Carnaval da TV-Tupi.

VAMOS MELHORAR?

As audições de Valdir Calmon e seu conjunto têm agora como cantora a rumbeira Nancy Montez. A pequena canta fazendo inúmeros movimentos e caretas, mesmo quando a música não se adapta a gestos tão bruscos. Seria interessante um pouco mais de moderação.

★

Em TV, a maneira como os artistas se apresentam ao público, não só falando como trajando-se, é muito importante. É necessário que o espectador tenha a impressão de que o programa que lhe está sendo apresentado é improvisado, pela naturalidade com que todos os que dele participam se comportam; isso é ainda mais importante quando se trata de apresentação de entrevistas.

Helena Sangirardi tem em «Cartazes Luminosos» oportunidade de conversar com elementos de destaque de todos os setores; no entanto, nem sempre a artista parece à vontade ante as câmaras. Geralmente apresenta-se com vestidos demasiadamente decotados ou com alças que lhe descem pelos ombros e que a mantêm em constante preocupação de suspender ou compor.

Um pouco de atenção a esses detalhes tornaria mais interessantes as entrevistas.

★

O «Teatro do Rio», da TV-Rio, tem dado ao público boas apresentações, para as quais são contratados elementos de destaque do nosso teatro. Em geral essas exhibições são feitas com grande número de senões. O mais comum é que, por vezes, a música que se ouve no curso da apresentação do elenco, direção, etc., continua durante a representação por longo tempo, impedindo que os espectadores ouçam as falas dos artistas.

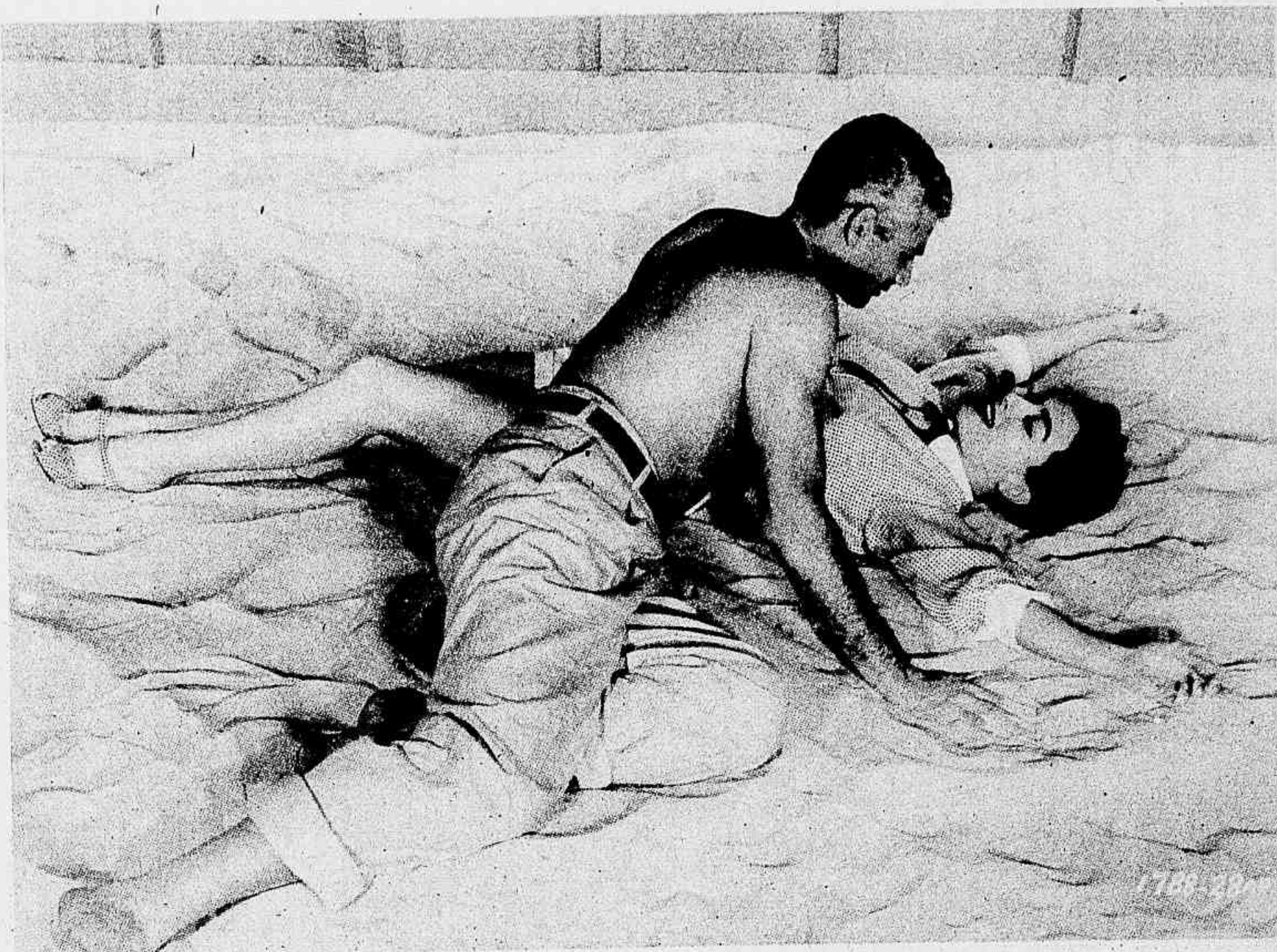
★

Ary Barroso voltou a animar os «Calouros em desfile», mas cada vez o compositor trata de maneira mais sarcástica os candidatos que ali se apresentam. De fato, nem sempre os números exibidos são de valor, mas, para julgá-los há a nota com que Ary os classifica para receberem ou não os prêmios e somente desse recurso deveria ele valer-se.

★

As nossas emissoras de TV têm agora vários programas destinados à apresentação dos sucessos para o Carnaval. Por enquanto nenhuma dessas exhibições conseguiu agradar. Limitam-se os produtores a colocar ante as câmaras escola de samba bastante fracas que, por longo tempo, permanecem fazendo evoluções e executando passos por demais conhecidos do público.

Andou bem fraquinho o cinema americano em 1955. Meia centena de produções, na maior parte infelizes vieram tomar conta das telas do Rio. De fato, pouca gente poderá esquecer um bom número de películas ianques. «Sementes de Violência», «Nasce uma estrêla», «A janela indiscreta», «Um homem e dez destinos», «O sol brilha na imensidade», «Melodia interrompida», «Carmem Jones», «Papai Pernilongo», que entre outros mereceram a atenção do público aficionado da sétima arte, algumas caras novas foram lançadas, sistemas revolucionários de projeção introduzidos, perfeição de colorido e som. Todavia, nem mesmo com todo este material técnico, não pode deixar, a 7ª arte de Tio Sam de receber a pimentinha (em doses elevadas) dos críticos. Vejamos nestas páginas o que nos reserva a maior indústria americana, para o ano de 1956.



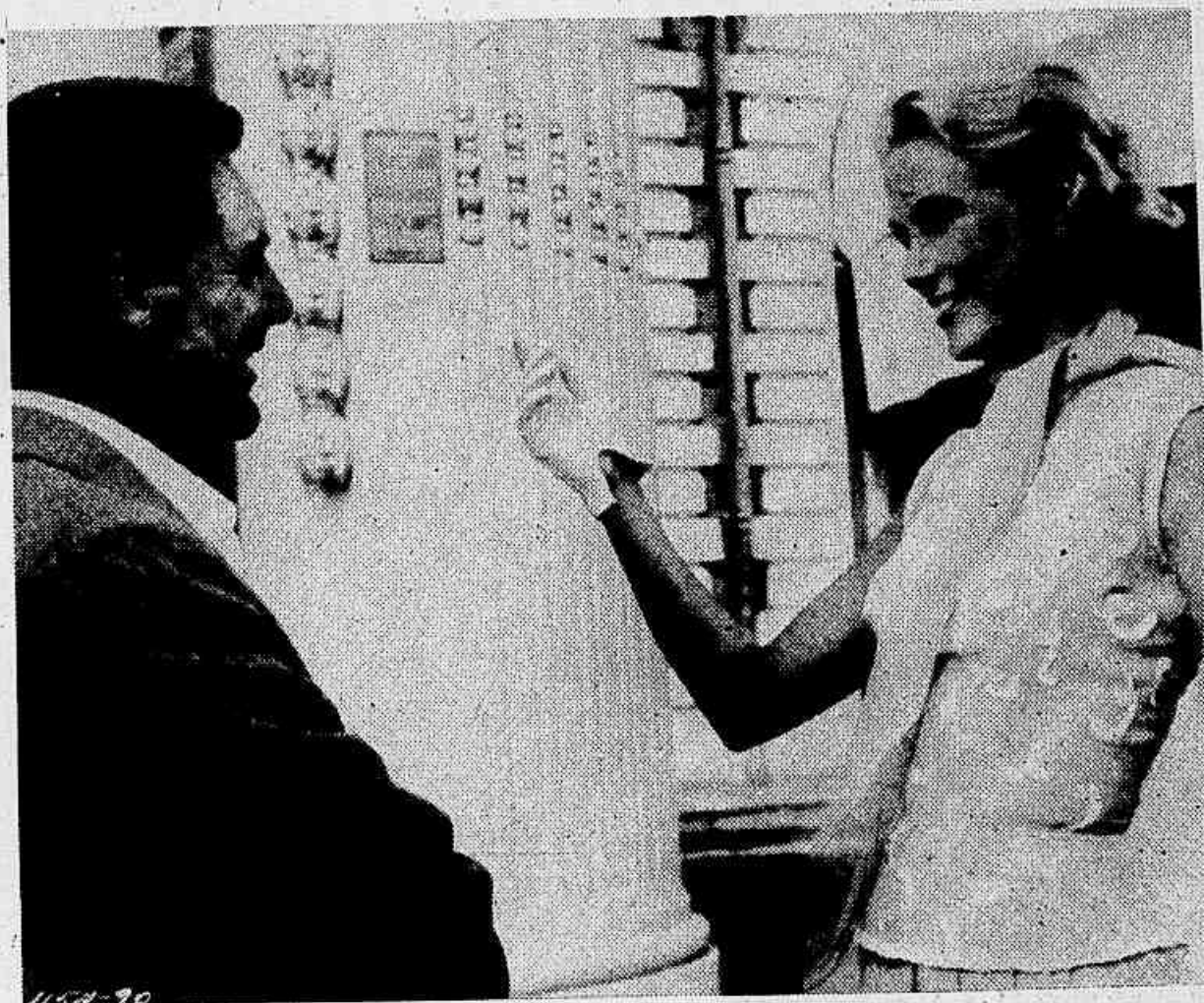
Sob a direção de Joe Pevney, a Universal-International vai apresentar pela primeira vez juntos, a grande Joan Crawford e o razoável Jeff Chandler, numa película dramática. Dependerá muito da direção o aproveitamento do galã Chandler. Sem grandes performances anteriores este rapaz recebe agora a delicada missão de coadjuvar a veterana Crawford. «Frenesi de Paixões». (Female on Beach) conta ainda no «supporting-cast» com o velhinho Cecil Kellway e Jean Sterling. Uma boa história de Robert Hill, detentor de vários sucessos.

CINEMA AMERICANO — 1956

Texto de SÉRGIO ANDRADE



Três convictos conseguem fugir da temível Ilha do Diabo, provocando milhares de confusões e situações hilariantes numa pacífica ilha. «Veneno de Cobra», realizado em Vistavision e cores pela Paramount, traz-nos Humphrey Bogart, sempre correto, Peter Ustinov, de «Quo Vadis» e «O Belo Brumell» e Aldo Ray («Chuva», de Somerset Maugham). Direção de Michael Curtiz, capaz de nos dar grandes celulóides. A parte feminina é defendida por Joan Bennet (últimamente desaparecida das telas cariocas).



«Ladrão de Casaca» vem sendo anunciado há muito tempo. Finalmente este ano teremos o prazer de apreciar mais esta obra do «mestre do suspense», Alfred Hitchkok. Gary Grant e Grace Kelly são os astros principais. Curioso que o notável diretor britânico mostra-se bastante interessado em Miss Kelly. Já realizou vários filmes com a garôta. O enredo, baseado na narrativa de um famoso gatuno da alta roda, acha-se cheio de situações misteriosas, mescladas com a comédia. Cinemascope e cor.



Uma das boas novidades para 1956, será, sem dúvida «A Fúria dos Justos» (Trial), da M.G.M. Glenn Ford, confirmando as atuações anteriores de «Sementes de Violência» e «Melodia Interrompida», é dirigido desta feita por Marik Robson, que nos deu «As pontes de Toko-Ri», «Abaixo o divórcio». Extraído de um «best-seller» americano, detentor do «Harper's Prize» de 1955, «A fúria dos justos» conta cruentamente a história de um delinqüente. Dorothy M'c Guire («Três moedas na fonte») é a principal atriz feminina do filme. Metroscope e branco-prêto.



Marlon Brando, ator-revelação dos últimos tempos volta ao cartaz na produção da M.G.M. — Samuel Goldwin «Eles e elas» (Guys and Dools). Encarnando um famoso jogador nova-iorquino, Brando apresenta uma interpretação totalmente adversa. Vestindo-se elegantemente, canta e dança os maiores sucessos da música americana. Jean Simmons, como oficiala do Exército da Salvação, Vivien Blaine e Frank Sinatra completam o elenco. Entre os lançamentos do ano, a Metro aponta «Eles e elas» como o mais importante. Cinemascope e Eastman Color.



E como não podia deixar de ser, uma historiazinha de guerra, com tiros, canhões, atos de bravura e outros bichos mais... O galã desta vez é Audie Murphy, conhecedor do assunto, e herói na vida real. Lembramos de Audie, em 1955, quando sob a batuta de John Ford centralizou brilhantemente a personagem de «A glória de um covarde». Com um elenco de coadjuvantes praticamente desconhecido e a direção de Jesse Hibs, esta película em Cinemascope e cor será distribuída pela U.-International





Outro celulóide de alto dramatismo, desta vez estrelado por Barbara Stanwick e Fred Mac Murray. «Chamas que não se apagam» (There's Always Tomorrow) foi dirigido por Douglas Sirk e produzido por Ross Hunter, dois nomes sempre unidos em boas produções. Joan Bennet e a garôta Gigi Perau coadjuvantes de primeira grandeza. Na foto da Universal, uma cena do filme, apresentando Barbara e Fred Mac Murray.



Mais um «best-seller» serve de argumento para o cinema. «As sete cidades de ouro» (The Seven Cities of Gold) foi rodada no exterior pela Fox, e conta com Michael Rennie, Richard Egan, Anthony Quinn e a «Bomb-Shell» Rita Moreno. Em Cinemascope e côr De-Luxe. Na foto Michael Rennie, interpretando um sacerdote num «still» do citado filme.

«Sindicato de Ladrões» (On the Waterfront), guardadinha há mais de dois anos nas prateleiras da Columbia, vai ter êste ano o seu lançamento. Reunindo um elenco seguro e direção experimentada, a história dos portuários novaiorquinos, os crimes e sindicatos de revoltosos será exibida como foi adaptada do livro. Elia Kazan, diretor de enormes recursos técnicos, Marlon Brando, astro que vai ao ápice da carreira, Eve Marie Saint, apresentada como um anjo de candura, e assentimento entre os endiabrados estivadores Karl Malden, sempre coadjuvante, contudo ator de renome, formam o cabedal necessário para afirmar-se que «Sindicato de Ladrões» será uma das maiores realizações cinematográficas do ano.



★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

NOTICIÁRIO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

★ HUMORISMO ★

★ RÁDIO ★

★ TEATRO ★

★ MÚSICA ★

★ HUMORISMO ★

★ ESPORTES ★

★ NOTICIÁRIO ★

★ TEATRO ★

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

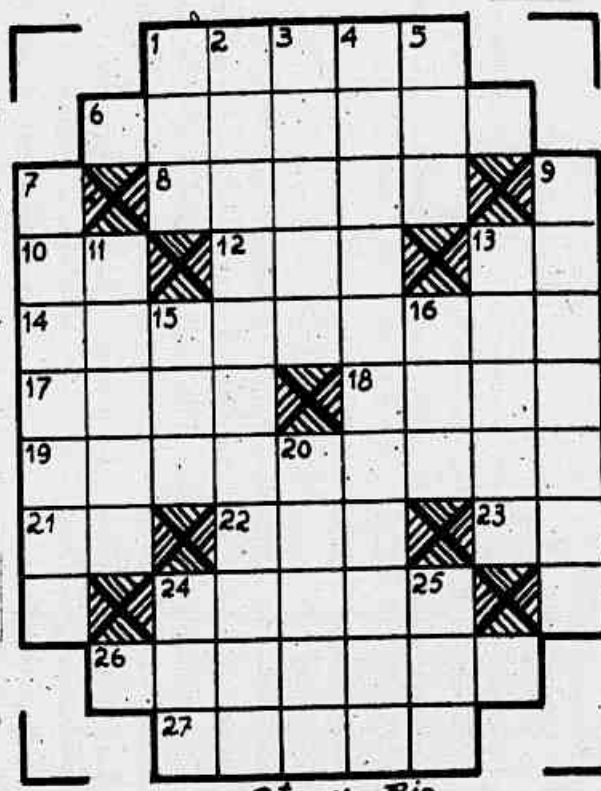
ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 105

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Tanga de índios — 6. Fazer infeliz — 8. Vulcão do S.O. da Islândia — 10. Símbolo do metal de peso atômico 26,97 — 12. Cidade ou vila da Itália, na Lombardia — 13. Modo de andar — 14. Refuta inteiramente — 17. Aresta — 18. Nome de homem — 19. Relativa ao conjunto das leis orgânicas que regem a vida animal — 21. Mi-bemol, na notação alemã — 22. Espécie de ruão — 23. Unidade de potência mecânica — 24. Cidade da Espanha, na província de Córdoba — 26. A pessoa que instrui (pl.) — 27. Freira.

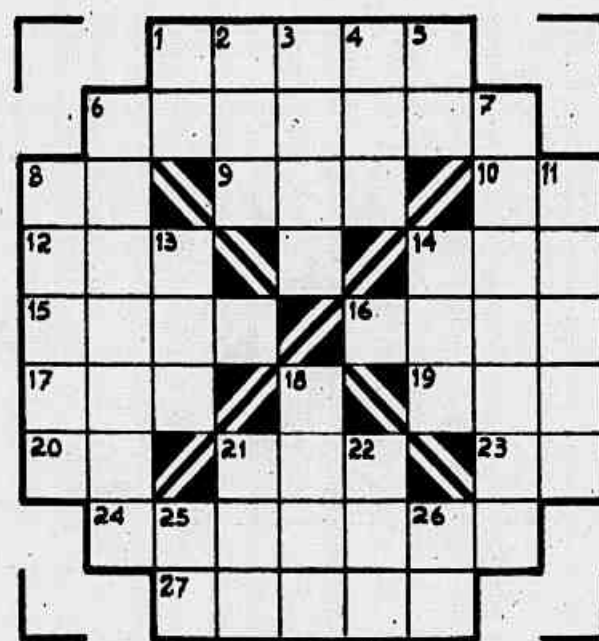


Janer - Rio

VERTICAIS: — 1. Interjeição que exprime aborrecimento, incredulidade — 2. Insofrido — 3. Ganhe dinheiro — 4. Qualquer exposição de camada, veio ou rocha na superfície do terreno — 5. Cidade da Áustria — 7. Prestadios — 9. Ave noturna das regiões amazônicas — 11. Bosques — 13. Nome do mercúrio, entre os alquimistas — 15. Molho — 16. Rêde dos índios do Brasil — 20. Expor ao sol — 24. Repetição de trecho musical — 25. Afluente do Reno.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Tirar a vida a alguém — 6. Laço que se desata com facilidade — 8. Aqui — 9. Fiel — 10. Artigo masculino plural — 12. Nome da sétima letra do nosso alfabeto — 14. Naquele lugar — 15. Cantiga — 16. Voz imitativa de vidro que se parte — 17. Outra vez! — 19. Jornada, partida — 20. Sigla automobilística do Amazonas — 21. Instrumento agrícola (pl.) — 23. Artigo plural — 24. Estado do Brasil — 27. Fragrância.



Janer - Rio

VERTICAIS: 1 — Perversa — 2. Albino — 3. Chicote feito de uma só tira de couro — 4. Nome de mulher — 5. Símbolo do rádio — 6. Gôta de humor segregado pelas glândulas dos olhos — 7. Maciços; que têm consistência — 8. Templo do profeta em Meca — 11. Imposto de transmissão (pl.) — 13. Gemidos — 14. Nome de homem — 18. Cada um dos três reis que foram a Belém adorar o menino Jesus — 21. Casal — 22. Ruído — 25. Ali — 26. Em partes iguais.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 104

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: baru — usar — are — apê — rabularia — aram — Bast — rezam — abc — uba — átele — iatá — alor — olimpiano — LIV — dum — Laos — casa.

VERTICAIS: Baras — arar — rebarbativo — sarambelada — Apis — reata — Al — umectam — baúlai — Gioll — broma — aliá — onus — pi.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: cama — acas — ami — Ari — Perigosos — acena — agi — ema — acare — adiamento — ira — tia — raso — doar.

VERTICAIS: capa — ame — miragaia — casamento — aro — siso — age — icica — onere — cair — amo — coar — dra — tia.

CRÔNICA

UMA ANEDOTA LITERÁRIA

A anedota nos foi contada por Olegário Mariano, numa roda literária, há tempos, muito antes de ter sido o grande poeta das cigarras embaixador do Brasil em Portugal. Numa cidade do interior, um certo professor de filologia estranhava o fato de todos os nomes das casas comerciais estarem escritos de forma errada, no português mais cassange do mundo. É sabido como os filólogos são rigorosos e até impertinentes, — data vênica — sempre que se trata de grafia das palavras, da acentuação e principalmente da colocação dos pronomes... Pois fácil de imaginar era o estado de nervos do filólogo itinerante no interior, quando deparrava com um título assim: «A xave de prata» numa casa de fundição. Ou «A istrela do sul» num estabelecimento comercial qualquer. E assim por diante. Cansado de procurar um nome certo, afinal, deparrou com uma alfaiataria, que trazia ao alto da fachada esta legenda: «A aguia de ouro». Contente com o achado, o professor dirigiu-se à casa em questão e indagou:

— Quem é aqui o dono da casa?

— Sou eu, respondeu-lhe um senhor de cavaignac.

— Pois apresento-lhe meus parabéns, meu caro senhor, porque a sua é a única firma que escreveu certo o nome de seu estabelecimento. «A aguia de ouro».

— Aguia de ouro, não senhor, «AGÜIA DE OURO», retrucou o chefe da alfaiataria.

A decepção do filólogo, ao terminar esse curto diálogo, só foi comparável à daquele outro colega seu, objeto de um conto de Monteiro Lobato, constante de um de seus livros, intitulado «O colocador de pronomes», e que morreu em consequência de um pronome mal colocado logo no princípio de um livro, de mais de quatrocentas páginas...

«Não fazem mal as musas aos doutores», diz o clássico escritor de «priscas eras»... Mas fazem mal as vírgulas e as crases mal colocadas, aos filólogos, acrescentamos nós, parodiando...

E como essa, há muitas outras anedotas ilustrativas de casos como o desse ingênuo e desprecauido professor...

POESIA

SONETO XXV

Dobremos nosso cabo das tormentas,
Seguindo a solidão das caravelas;
As almas solitárias e sedentas
Procuram tempestades e procelas.
El-Rei, nosso destino, inda nos guia,
Para além, muito além de Callicute;
Se há reinos de mistério e fantasia,
Outros há que o temor inda discute...
Partamos na manhã ensolarada
Dos Restelos que habitam nossos peitos;
Há de haver uma cruz toda estrelada
Guiando corações insatisfeitos...
Andemos pelo tempo que é perdido,
Buscando nosso mar desconhecido!

PAULO BOMFIM

(Do livro «Transfiguração»)

PETRARCA MARANHÃO

ENTREVISTA RELÂMPAGO

(Com Almeida Cousin, autor de «Altamonte», «Naufrágios», «O amor de D. Juan», «Poemas da terra e da vida» e tradutor das «Odes» de Anacreonte).

1ª pergunta: — Dos nossos escritores, qual o mais importante?

Resposta: — Não sei bem em que sentido pergunta. O que indicou os caminhos novos foi Euclides da Cunha — tanto o de «Os Sertões» como, principalmente, o de «Contrastes e Confrontos» e de «A margem da História». Meus outros mestres: Sílvio Romero, João Ribeiro, Afrânio Peixoto.

2ª: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Cláudio Manoel da Costa, Gonçalves Dias, o Casimiro, Castro Alves, Fagundes Varela, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho, Jorge de Lima.

3ª: — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Variam com a cor dos céus interiores.

4ª: — Qual dos nossos escritores gostaria fosse da Academia?

R.: — Não me interessa pela Academia. Esquecida da antiga pobreza e do seu mulato Machado de Assis, é um centro social apuradíssimo, onde existe até racismo: Jorge de Lima bateu-lhe à porta diversas vezes e não pôde entrar. Lobato ficou e Agripino ficará muito bem fora dela. «Rien ne manqué à leur gloire...»

5ª: — Atualmente onde desejaria morar?

R.: — Ainda e sempre, no Brasil.

6ª: — Como desejaria morrer?
R.: — Chô, mico! Isto se pergunta? Em todo caso: de morte morrida, de repente, em boa forma, o mais tarde possível.

7ª: — Acredita nos discos voadores?

R.: — Sei de um rapaz que tem o apelido de «disco voador». Perguntei por que: «É chato e ninguém acredita nele».

8ª: — Qual a sua maior ambição



literária? Tem novo livro a publicar?

R.: — Ambição: que houvesse editores para os livros — meus e alheios. Livro: tenho agora «Poemas da Terra e da Vida», em edição que eu pago, há dois meses com o Pongetti, na fila para entrar em máquina. A nossa indústria é muito adiantada...

O QUE ÊLES DIZEM

De ROUSSEAU: «Viver não consiste em respirar, mas em agir.»

De COELHO NETO: «A criança é alegria como o raio de sol, e estímulo como a esperança.»

De KRISHNAMURTI: «Contempla para agir; não para esquecer...»

De CAMPOAMOR: «A História é um lago de sangue...»

De GETÚLIO VARGAS: «Em primeiro lugar, a ordem, porque na desordem nada se constrói.»

De RENAN: «A felicidade da vida é o trabalho, aceitar livremente como um dever.»

De CUMBERLAND: «É melhor gastar do que criar ferrugem.»

NOTICIÁRIO

★ «Jornal de Letras» sempre muito bem apresentado, dá-nos excelente colaboração, uma entrevista com «O viajante Vinícius de Moraes», apontamentos brasileiros (gente contra gente), seção de crítica literária, artigo de Antônio Rangel Bandeira sobre «O outro Verdi» na seção de música, de Raymond Cogniat sobre Daumier, artigo de Flávio de Aquino sobre «O falso na Arte», notas de viagem de Antônio Callado, intitulado «Lima-Nova Iorque-Washington», jornal de poesia, com poemas de Adalgisa Nery, Fernando Pessoa Ferreira e Ruth Maria Chaves, trazendo ainda longo artigo de Frithiof Brandt em torno de «Søren Kierkegaard e a Filosofia universal», relembrando o centenário do grande filósofo dinamarquês e ainda a seção «Vida dos livros» assinada por Adonias Filho, que estuda «O Visitante» de Osman Lins sob o título: «Um romance intimista». Por fim, publica longo estudo de Willy Keller intitulado «Cinema e Realidade», uma entrevista com Fernando Lopes Graça, em Londres, a seção «Panorama do mundo» e traduções brasileiras do «Bateau ivre» (O barco sem rumo) de Heitor P. Fróis e de Gondin da Fonseca, na página externa.

★ Pretende-se inaugurar o retrato de Manuel Bandeira, por Portinari, numa das salas da Academia Brasileira, com homenagem ao poeta, que não aceitou a presidência da Academia no corrente ano, sendo em consequência eleito, o acadêmico Peregrino Júnior, por iniciativa e proposta do sr. Levi Carneiro.

BIBLIOTECA

★ «A fugitiva», romance de Dora Callado, recorda sua mocidade na cidade de Burity, perto da antiga cidade de Alegrete, no seu Estado natal, onde se

desenvolve todo o enredo da história, tratado agradavelmente, lendo-se com prazer o seu romance, escrito com estilo e correção.

★ «Puberdade» é o título do romance de Clara Carta, editado na «Coleção Arco-Iris» (os melhores romances de todo o mundo) que já publicou «Teatro flutuante», de Edna Ferber, «A terra prometida», de Konrad Bercovici, «O velho Zorba», de Nikos Kazantzaki, «A enfeitada», de J. Barbey d'Aurevilly, «Alvorada rubra», de Margaret Kennedy, «Gigantes na terra», de O.E. Rolvaag e agora, com excelente aspecto gráfico, este encantador romance de Clara Carta, no qual a autora descreve com cores vivas e intensamente realistas e humanas, a fase especialmente delicada da existência, que é a puberdade, notadamente na vida de uma mulher. São páginas que se lêem com crescente interesse, numa leitura verdadeiramente edificante, para não dizer mesmo, empolgante. Mais um belo serviço que presta às letras, a livreria Saraiva, editora, de São Paulo.

★ «Poesia nem sempre», de Mário Newton Filho, é uma reunião de poemas de um jovem escritor e poeta campista, que sob esse título modesto, nos apresenta uma poesia pessoal, cheia de encantos e perspectivas, fazendo-nos dizer com Adelino Magalhães: «Errado título! o autor é mais poeta do que muitos «consagrados» aqui da metrópole (sua terra aliás). Sua poesia é clara, todavia expressiva, dentro de verdadeiros conceitos e sentimentos líricos, não raro profundos! O autor foi espontâneo e... saiu poeta! Outros que por aí proliferam, forçam a nota e resultam «charadistas», sem expressão alguma!». E quem assim escreve, é mestre, é autoridade em matéria literária.

★ «Tempo de angústia», de Genaro de Vasconcelos, é o título de um livro de poemas de outro poeta moço de Campos, trazendo uma mensagem, representando uma poesia de fundo social que não poderá deixar de ser ouvida por quem tiver sensibilidade e bom gosto. Se sua mensagem está repleta de ceticismo e desencanto, nem por isso terão que ser necessariamente irremediáveis, esses desesperos e esse pessimismo. É ele mesmo quem afirma: «O sol brilhará no topo dos rochedos e no núcleo das consciências. Há de haver para tudo e para todos, idéia, luz e calor».

LIVROS RECEBIDOS:

«Bahia», de Ivan Pedro Martins — Serv. de Doc. do Min. Educ. e Cult.

«A bibliografia e sua técnica», de Xavier Placer — Rio 1955.

«Joaquim e outros meninos», de Reynaldo Jardim — Rio, 1955.

CINE-ROMANCE

O TESOURO DO BARBA RUBRA

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES

Juanito Mohune, um garoto de dez anos de idade, obedece às instruções que sua mãe lhe deu em uma carta e volta à mansão ancestral de Moonfleet, onde se apresenta a Jeremias Fox, que tinha sido um bom amigo de sua mãe até muitos anos antes. Fox, agora líder de um bando de contrabandistas, acusa a família Mohune de ter arruinado a sua vida mas o garoto sente-se profundamente impressionado pela varonil aparência de Fox e pede-lhe que o deixe ficar a seu lado. A princípio Fox não consente, mas ao observar a humildade e a devoção do menino, resolve admiti-lo em sua companhia. A senhora Minton, perdidamente enamorada de Jeremias, descobre o profundo ódio que ele nutre pela família Mohune e quando o censura pelos sofrimentos que causa a essa pobre gente, nele provoca um movimento de indignação. Fox decide mandar a sra. Minton de novo às colônias em uma das embarcações dos contrabandistas. Juanito tendo ouvido que um de

seus antepassados, Sir Juan Mohune, a quem apelidaram «O Barba-Rubra», havia escondido um valioso diamante pouco antes de morrer, resolve procurar a jóia. Vai explorar, favorecido pela obscuridade da noite, o cemitério local, caindo acidentalmente em uma excavação no fundo da qual descobre um depósito que os contrabandistas usam ocultar as mercadorias que passam de contrabando. Ao pesquisar um pouco mais a excavação, também encontra o féretro de seu antepassado, Sir Juan Mohune, caindo-lhe nas mãos um relicário de ouro. Guarda-o num bolso mas é surpreendido pelo grupo de contrabandistas, ocultando-se no mesmo nicho onde se achava o cadáver de Barba Rubra. Mais tarde, quando os foragidos se afastam do cemitério, ele sai de seu esconderijo mas descobre que não pode voltar à superfície da terra: os bandidos taparam a saída com uma enorme lousa, deixando-o enterrado em vida.

CAPÍTULO III

— Oh, canalhas dos infernos! — exclamou Jeremias. Antes que os tivesse sob minha proteção, contentavam-se em passar de contrabando um ou dois barris por mês... Agora que os converti em verdadeiros homens de negócios e me estabeleci como chefe, porque bem o merecia, revoltam-se! Exigem sempre mais! Bandidos, o que têm vocês a alegar contra mim, afinal?

Dizendo isso, Jeremias afastou-se do grupo. Juanito não pôde entender o que os outros murmuravam entre si e permaneceu quase sem respirar, no seu buraco, até que todos saíssem. Depois dirigiu-se cautelosamente para a abertura pela qual havia caído ao fôssco. Quando ergueu os olhos para sair à superfície, seu coração parou de palpar. Os contrabandistas haviam tapado a entrada com uma pesada lousa...

x x x

Clarissa, a esposa de Lord Ashwood, exibiu sua graça e seu donaire entre os hóspedes da casa. Sumamente ocupado na sua mesa de jogo, o Lord nem deu conta da grande alegria que ela demonstrou ao ver Jeremias Fox entre os visitantes. Dirigiu-se a ele e quando se certificou de que ninguém os via, passou seus lábios vermelhos e carnudos por sobre os do recém-chegado. Fox, sem nada temer, a abraçou e beijou apaixonadamente. Clarissa o conduziu para uma ante-sala e cerrou todas as portas. Dirigindo-se a um móvel, abriu uma das gavetas e dela tirou um punhado de moedas de ouro, permitindo assim que ele observasse estar a gaveta quase cheia dessas moedas.

— As mulheres têm a habilidade de combinar o amor com o cálculo — disse ele num sorriso. Cuidamos dos prazeres de hoje sempre com o olhar voltado para o futuro...

— E eu tenho direito de cuidar do meu futuro — replicou Clarissa, especialmente agora que fazes parte dele...

— Isso é uma honra que não mereço — replicou Jeremias com humildade.

Clarissa aproximou-se dele e olhando-o profundamente nos olhos, disse: — «Não há um só homem na Inglaterra que o mereça mais que tu, querido! Bem sei que és um homem cruel e de muito má reputação...»

— Tens razão, meu amor — respondeu descaradamente Jeremias. Mas jamais acreditei na atração dos caracteres opostos. A afinidade entre iguais tem muito mais força!

Compreendendo o sentido dessas palavras, ela baixou os olhos. Logo os fez subir até ele, olhando-o com carinho. Ele a beijou outra vez e ela correspondeu estreitando-o ardentemente em seus braços. Depois de uns momentos de silêncio, durante os quais as respirações de ambos se confundiram em um só ritmo, ela disse:

— Estou muito contente de não serem verdadeiros os rumores que ouvi...

— Que rumores?

— Que ias renunciar aos prazeres da vida de solteiro para te dedicarem a um garoto que terias adotado...

— Minha querida amiga! Se quisesse ter um filho, não havia mulher neste mundo disposta a dar-me um, sem que tivesse de adotar um estranho?

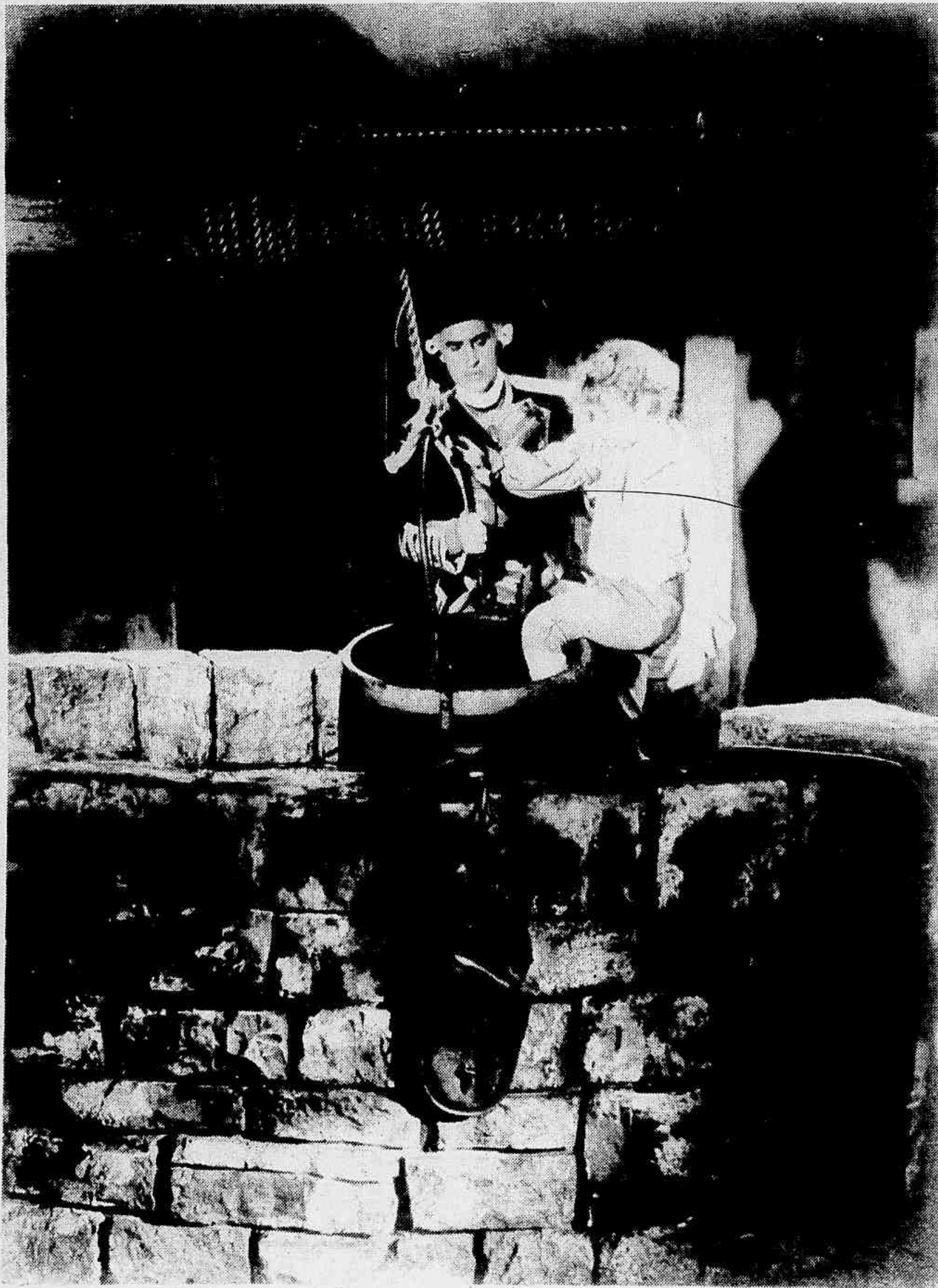
Clarissa sorriu com malícia:

— Então... se não tens apêgo algum neste país, poderás viajar livremente!

— Sim; mas não tenho intenções de viajar — respondeu Jeremias.

— Mudarás de opinião quando Jamie falar contigo — observou ela aproximando-se mais, o

Jeremias Fox não sabia exatamente porque estava sacrificando a própria vida por Juanito...



estreitou em um abraço, dizendo-lhe com veemência: Vamos sair da Inglaterra e virás conosco, como sócio de Jamie!

Foi quando ela, voltando o rosto, percebeu a silhueta de Lord Ashwood:

— Não terás então inconveniente algum em ser meu sócio, hein, Fox? — disse, sorrindo, Lord Ashwood.

— Esta senhora acaba de dizer-me o vantageoso que seria para mim associar-me consigo, Lord Ashwood — respondeu Jeremias.

Os olhos de Ashwood passaram de um para o outro e com malicioso sorriso ele juntou: — «Espero não os ter interrompido...» E sem esperar resposta, começou a explicar seus planos para o futuro. Disse que depressa teria embarcações devidamente armadas para empreender uma guerra aberta contra a marinha mercante e se Jeremias estivesse disposto a assumir o comando de tão importante empresa, contribuindo com cinquenta por cento do capital, ficaria desde logo considerado sócio ativo.

Jeremias respondeu dizendo com toda franqueza que não depositava confiança nas promessas de Ashwood e este ia replicar quando um lacão entrou no aposento com uma bandeja e um bilhete para Jeremias. Este passou os olhos pelo bilhete e empalideceu. Apressou-se em apresentar desculpas e saiu, rápido.

x x x

Os gritos de Juanito ao encontrar-se sepultado naquela terrível sepultura entre cadáveres que desprendiam o pior fétido, chegaram à superfície e lograram chamar a atenção dos contrabandistas, que se apressaram em libertá-lo. Juanito voltou a ficar preso dos malfetores no mesmo local em que eles se reuniam.

Agora que o importuno garoto havia descoberto quase todos os seus segredos, não era conveniente permitir que continuasse a viver e alguém sugeriu um pequeno passeio em um bote puxado a remos... sem outro ruído que o que faz na água a queda de um corpo... e tudo estaria resolvido.

Juanito estremeceu. Quando os contrabandistas estavam prontos para conduzi-lo à praia e levar a cabo seu intento, o magistrado Maskew apareceu seguido de alguns soldados, que sem demora se puseram a procurar mercadorias de contrabando. Juanito ia dizer ao magistrado o que os malfetores pretendiam fazer-lhe, quando Jeremias chegou. O magistrado disse-lhe então que um homem, que se supunha ser contrabandista, fôra assassinado por um parceiro.

— Então sua obrigação é muito clara, senhor magistrado — disse Jeremias num sorriso clínico. Não tem mais a fazer, senão prender todos estes vilões...

— Calma — respondeu o outro... Pouco a pouco e a seu devido tempo o farei, com as necessárias provas...

Os soldados de Maskew saíram depois de esquadrihar todo o aposento e de informarem ao chefe que nada haviam encontrado.

— Ânimo, senhor magistrado! — disse Jeremias sempre calmo. Por mais que se empenhe, não lhe será possível descobrir todas as manhas de um homem esperto...

E quando o representante da Justiça se ausentou, um dos contrabandistas, Elzevir Block dirigiu-se a Jeremias:

— Este garoto sabe mais do que o necessário para mandar-nos, todos, à força, chefe!

— Esse garoto está sob a minha responsabilidade — respondeu Jeremias. Eu me encarregarei de resolver o caso.

— Depois do que viu e ouviu... não é possível deixá-lo vivo nem mais um minuto!

— Disso me incumbirei, repito!

— Se eu estivesse no seu lugar... resolveria já!

Jeremias olhou fixamente a Block e em seguida encarou um por um dos outros membros da quadrilha. As expressões dos bandidos pareciam confirmar as idéias de Block. E todos estão bem dispostos a revoltar-se contra Jeremias, à primeira provocação. Jeremias sentiu que tudo estava perdido a menos que tivesse um gesto capaz de restabelecer a sua responsabilidade:

— Segundo vejo — disse, dirigindo-se a Block — és então o cabecilha destes patifes, hein?

— Sim — respondeu o outro com arrogância.

— Bem, então arme-se e defenda-se! — gri-

tou Jeremias, ao mesmo tempo que arrancava um punhal do cinto.

Block voltou o rosto para todos os lados, procurando uma arma. Súbito, seus olhos fixaram-se em uma alabarda que se via pendurada à parede e que lhe parecia suficientemente agressiva. Arrancou-a, de um salto, e arremeteu contra Jeremias, enquanto seus companheiros se espalhavam por todos os lados, procurando refúgio.

Brandindo a alabarda, atacou Jeremias, que tratou de aparar o golpe com o punhal, mas tão desastrosamente que a lâmina se fêz em pedaços. Então Jeremias jogou a arma inútil ao solo, enquanto segurava um banco que lhe estava próximo, para defender-se dos golpes de seu adversário furioso. Block continuava atacando sem misericórdia, cortando fragmentos do banco de madeira cada vez que brandia a sua arma, enquanto Jeremias via-se obrigado a recuar lentamente, até que por fim conseguiu chegar à escada, que começou a subir, degrau por degrau. Quando o adversário o perseguiu, subindo também, tirou da parede uma rede que ali estava pendurada e a jogou sobre o tacante, que se enredou de tal maneira, a ponto de nem poder respirar.

— E' então? — gritou Jeremias, apertando mais e mais a rede em que estrebuchava Block. Digam vocês... Esse homem deve morrer ou salvar-se?

— Quero viver... — balbuciou Block, já sob os pés de Jeremias e sem respirar.

Juanito, que havia presenciado a luta, sempre receando que Jeremias fôsse morto, correu

(Moonfleet)

Entrecho baseado no filme da M.G.M., de uma novela de J. Meade Falkner.

INTERPRETES:

Jeremias Fox.....	STEWART GRANGER
Lord Ashwood.....	GEORGE SANDERS
Lady Ashwood.....	JOAN GREENWOOD
Sra. Minton.....	VIVECA LINDFORDS
Juan Mohune.....	JON WHITELEY
Gitana.....	LILIANE MONTEVECCHI
Félix Ratsey.....	MELVILLE COOPER
Elzevir Block.....	SEAN MC CLORY

Direção: FRITZ LANG

a abraçar as pernas de seus protetor, com o semblante orgulhoso de admiração e afeto. Os contrabandistas agruparam-se a um canto. Nenhum se atreveu a ajudar Block quando este tratava de pôr-se novamente de pé. Jeremias dirigiu-se lentamente até à porta e, ao chegar ao umbral, voltou a enfrentar os outros:

— E agora ouçam... O «Boaventura» deve cregar esta noite com um carregamento de seda e vinhos! Estejam na praia, prontos para o serviço...
(Cont. na página 51)



Jeremias olhou, assombrado, aquela criatura no íntimo disposta a delatá-lo às autoridades...

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



**RUA SENADOR DANTAS,
Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.:
42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio
Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679**

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use **BÉL-HORMON** nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use **BÉL-HORMON** nº 2. **BÉL-HORMON**, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Vale Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Almoços

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sobre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professoras e Contra-mestres.

NOME

RUA Nº

CIDADE ESTADO

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

OS QUARTETOS DE BELA BARTOK

Em virtude da sua essência e do seu desenvolvimento, o quarteto não só é a mais elevada das formas musicais e que revela com maior integridade a alma do compositor, como é a mais pura das maneiras de expressão da música de câmara. Além de difícil no que toca à elaboração, requer uma inspiração de categoria superior, cujo caráter profundamente divorciado da descritividade musical comum, busca, antes de tudo, exteriorizar confidências intimistas. No entanto, falar de um quarteto é expor ao desprestígio a força interpretativa das palavras. Sobre música de câmara nada se pode dizer sem uma conseqüente inadequação, pois a emissão de qualquer conceito ou juízo terá um valor meramente aproximativo e apenas no que se refere ao seu aspecto formal.

O ciclo dos seis quartetos de Bela Bartok foi recentemente definido como sendo «o itinerário íntimo de sua alma». Encontramos muito de verdadeiro nesta definição pelo fato mesmo de percebermos que a composição de cada quarteto está vinculada à evolução musical e humana do autor.

Em face da ausência de contacto do nosso público com a música de câmara de Bela Bartok, consideramos oportuno tecer alguns comentários sobre os quartetos do genial compositor húngaro, cuja execução levada a efeito em Paris durante os últimos meses do ano passado marcou um grande sucesso.

Embora toda a música de Bartok tenha como base as canções e danças populares da Hungria, o Quarteto Nº 1, composto em 1908, não apresenta qualquer ligação temática com a música folclórica; todos os seus temas são criações autênticas do compositor.

O Quarteto Nº 2 (1915-1917). Neste período Bartok escreveu várias peças para piano, para orquestra, a ópera «O Castelo de Barba Azul», composições para câmara, e seu primeiro «ballet»: «O Príncipe de Madeira». Do ponto de vista da forma, o Quarteto Nº 2 representa um recuo em relação ao Nº 1, pois nota-se um evidente retorno à base temática de caráter popular. Entretanto, este fato valoriza mais ainda

o famoso «Quattu» de Bartok por efetivar um mais perfeito entrelaçamento do tema folclórico (elemento estático) com um desenvolvimento musicalmente puro (elemento dinâmico).

Com relação ao Quarteto Nº 3 e Nº 4, composto respectivamente em 1927 e 1928, o horizonte de Bartok espraia-se com o enriquecimento da linguagem, a intensidade expressiva e uma maior perfeição da forma. Já então Bartok havia abandonado as limitações do folclore, seguindo caminhos tão «puristas», porém tão coloridos, que os críticos chamaram essa sua fase de criação de «período do folclore imaginário».

Aqui chamamos a atenção para o fato de que foi através do Quarteto Nº 3 que Bartok recebeu sua primeira consagração internacional, porquanto, apresentado em 1928 no Curso Internacional Coolidge (Prêmio Filadélfia) obteve — juntamente com a «Serenata» de Alfredo Casella — o Primeiro Grande Prêmio.

Entre o Quarteto Nº 4 e o Nº 5 apareceram duas rapsódias para violino e orquestra, o «Concerto Nº 2 para piano e orquestra», a «Cantata Profana para barítono, câmara e orquestra», as «Canções Populares», as «Danças Populares» e os 44 duos para violinos. O Quarteto Nº 5, escrito em 1934, pode ser considerado a criação máxima de Bartok no setor da música pura; a construção é serena, sem, contudo, excluir a dramaticidade envolvente de suas reflexões melódicas. E a perfeição da arquitetura musical transforma completamente a seiva da arte popular no sentido amplo do universalismo.

O Quarteto Nº 6 é a obra mais discutida do período americano de Bartok. Na realidade, o surgimento do lirismo e a ternura de expressão representam uma novidade na evolução musical bartokiana; porém, tal desvio pode ser explicado pelas próprias condições emocionais em que se encontrava o autor: — é que, longe da pátria e da família, não se sentia com forças para banir da alma uma espécie de serena nostalgia.

NOTICIÁRIO

A pianista brasileira Jocy de Oliveira Carvalho, apresentou-se em Bruxelas, onde interpretou o Concerto de Ravel, como solista da Orquestra Nacional da Bélgica, no Palais des Beaux Arts, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho. A jovem pianista foi chamada ao palco nada menos de oito vezes, tendo bisado com uma peça jongo do compositor brasileiro Lourenzo Fernandes e uma dança de Camargo Guarnieri.

x x x

A Juventude Musical Brasileira promoveu no dia 18 de janeiro mais uma sessão cinematográfica, no auditório da Embaixada Americana. O programa constou dos seguintes filmes: Cine Revista Nº 33, Artur Rubinstein, Novos Métodos de Ensino, Emanuel Fuermann — Mestre da Música, Nº 5, e finalmente, A Arte de Haiti.



O SÍTIO DOS TANGARÁS é, sem favor, um dos mais belos de Petrópolis. Eis um aprazível recanto do jardim. No sítio, dentro em breve, será produzida a famosa Geléia Real, a última palavra em matéria de Apicultura.

NO REINO ENCANTADO DO

MEL DA JUVENTUDE

O Sítio dos Tangarás, situado no local denominado Fazenda Inglesa, em Petrópolis, é, sem sombra de dúvidas, um dos mais belos de todo o Estado do Rio. Seu proprietário, o senhor Floriano Moreira, em sua construção e posterior embelezamento não poupou nem esforços, nem imaginação. Assim é que o aprazível recanto possui alamedas maravilhosas, uma piscina de águas lípidas e frescas, grandes espaços ao ar livre, dotados

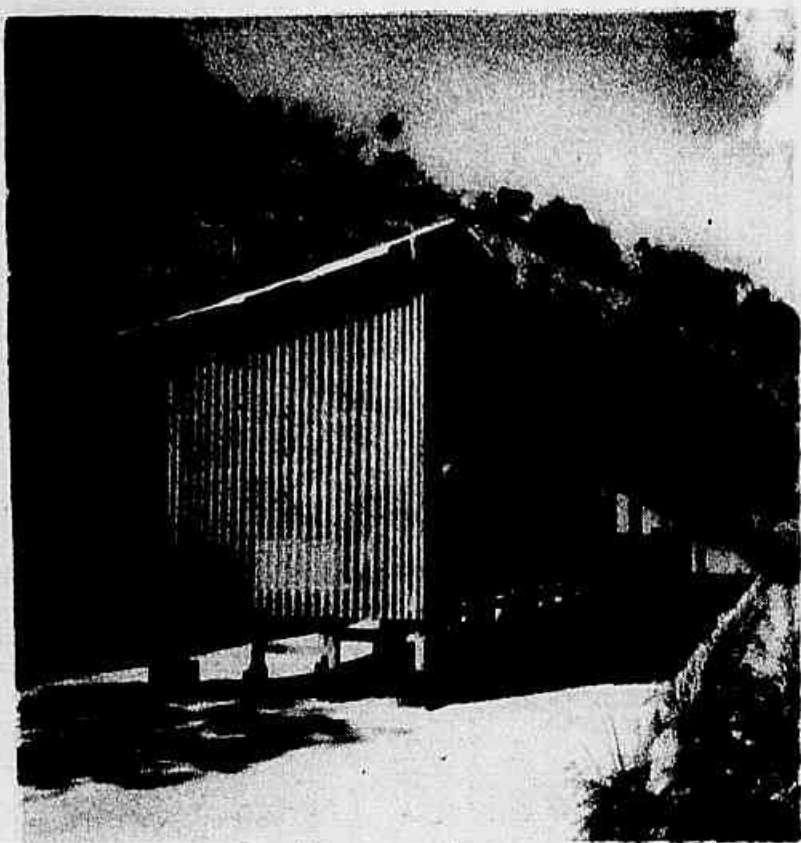
de mesinhas e cadeiras de ferro, e até mesmo uma pequenina cascata. O que, porém, chama verdadeiramente a atenção, no Sítio dos Tangarás, é o lugar de honra nele destinado às abelhas — êsses seres pequeninos e laboriosos pelos quais manifesta o senhor Floriano Moreira especial predileção.

AS COLMEIAS

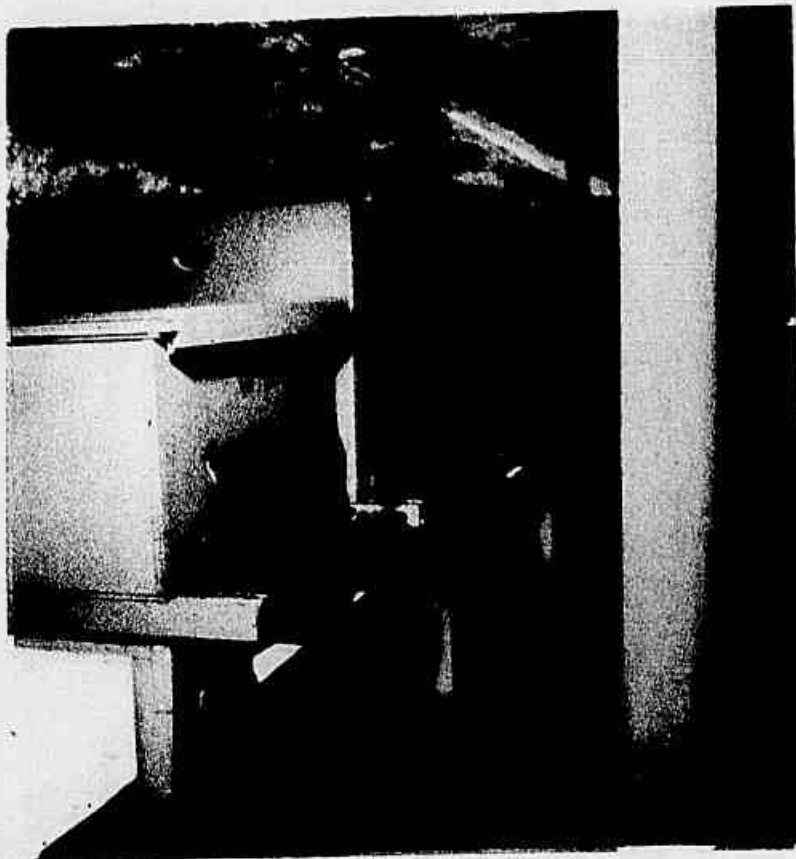
No flanco de pequena escarpa, erguem-se

as colmeias. São inúmeras, e tôdas tratadas com cuidados especiais, segundo a técnica mais moderna, consagrada nos mais diversos países da América e da Europa. Apicultor conhecidíssimo em nossos meios competentes, tem o senhor Floriano Moreira uma frase predileta, que não se cansa de repetir:

— Com relação à apicultura, é preciso saber que, sem teoria, não pode haver prática perfeita.



O APIÁRIO modelo, dotado de todos os requisitos da moderna técnica. Seu proprietário é um dos mais conhecidos apicultores do Brasil.



DETALHE do grande apiário. A Geléia Real, por alguns considerada como um revigorante fantástico, será produzida nessas colmeias.

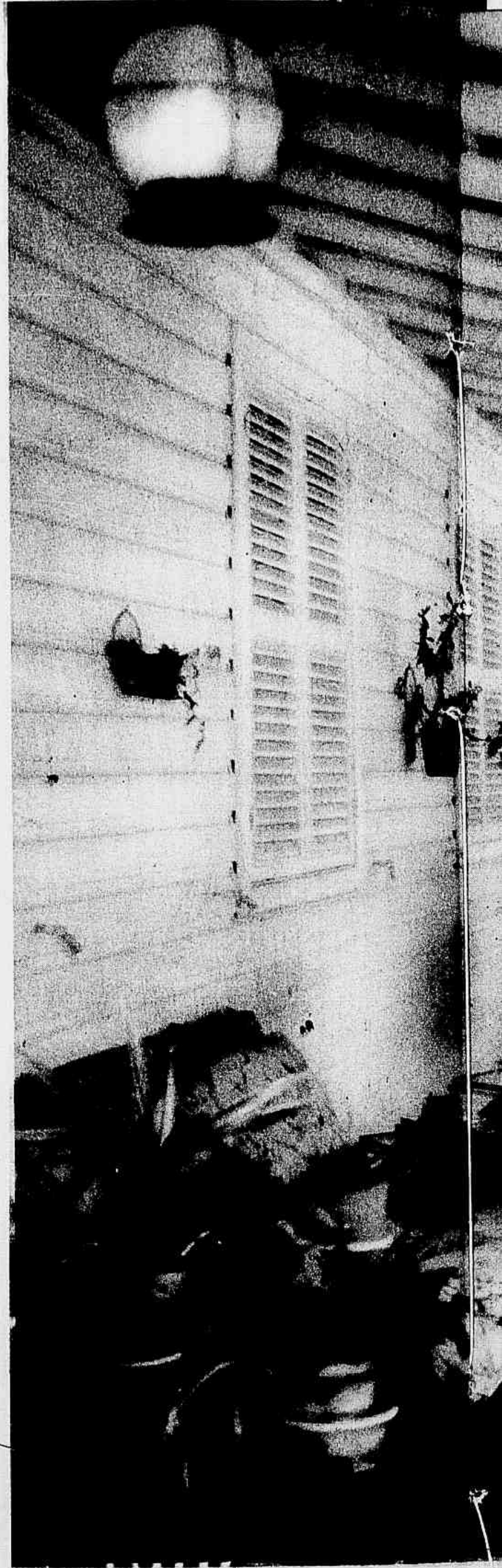
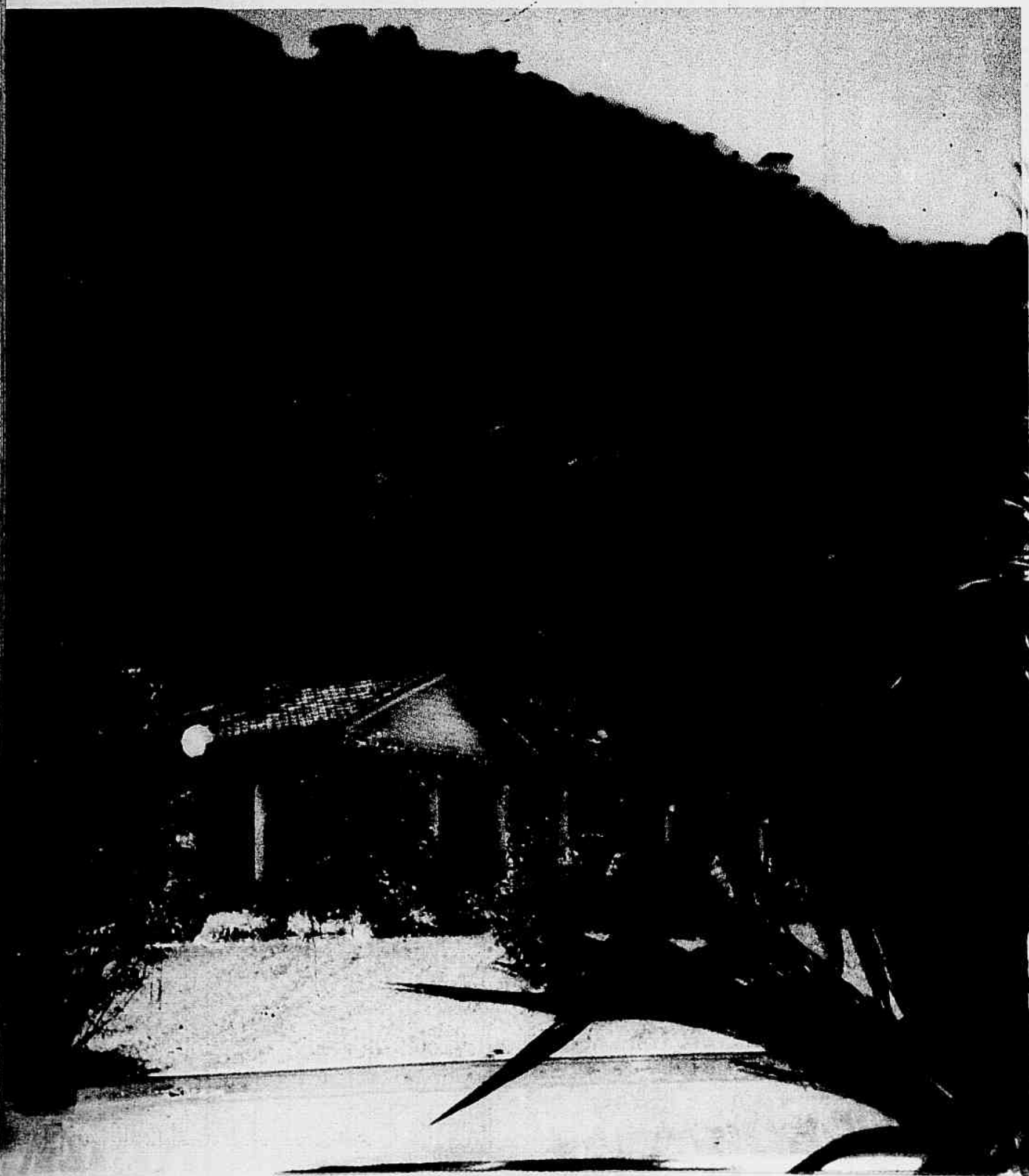
Por isso, recomenda aos apicultores que apenas se iniciam que consagrem alguma parte de seu tempo à leitura de tratados de especialistas sobre o assunto. A Apicultura, aliás, atinge, nesse momento, em todos os países, um grau de desenvolvimento sem paralelo nos séculos anteriores, graças ao recen-

tíssimo descobrimento das soberbas propriedades do que se chama — Geléia Real.

O QUE É A GELEIA REAL

As propriedades da Geléia Real agora foram devidamente analisadas. Essa substância

VISTA GERAL do Sítio dos Tangarás, localizado na Fazenda Inglesa, em Petrópolis. Um dos baluartes da Apicultura no Brasil, apresta-se rapidamente para produzir a Geléia Real.



fluida é segregada pelas abelhas de cinco a doze dias, ao nível das glândulas faríngeas. Essas glândulas cedo se atrofiam, razão pela qual pequenina é a sua produção. Por isso se justifica o seu altíssimo preço atual — nada menos de mil e quinhentos dólares por quilo, isto é, com o dólar ao câmbio atual de setenta e cinco cruzeiros, cento e doze mil e quinhentos cruzeiros!

É a Geléia Real que transforma o ovo em larva de Rainha. Sem ela, o ovo daria nascimento a uma simples abelha operária, destituída dos órgãos de reprodução. Com a Geléia Real, a Rainha consegue viver cinco anos, ao contrário da operária, que apenas vive



A ESPAÇOSA varanda no Sítio dos Tangarás diz bem o que é o conforto de toda a propriedade. Pelo chão vêm-se belos couros de animais, e às paredes, alegres jarros com flores.

quarenta dias. Por aí se vê o tremendo valor de conservação da geléia, que permite ainda que a Rainha ponha duas vezes o seu peso em ovos, diariamente!

A geléia real não é um produto sintético, podendo, antes, ser definida como um poderoso revitalizante elaborado por organismos vivos. Em sua composição, entram: Proteínas, 31%; água, 25%; extratos etéreos, 15%; dextrose, 12%; azoto, 5%; cinzas, 2%; enxofre, 0,4%; fósforo, 0,7 por cento. O grande poder de revitalização da Geléia Real provém,

contudo, da enorme concentração de vitaminas de que é dotada, num grau superior ao de qualquer outra substância da natureza. Assim é que, nela, se encontram as vitaminas B1, B2, B6, Bios 2, Bios 3, ácido pantotênico, vitamina BB, e vitamina C. Graças a uma combinação extraordinariamente feliz de todas essas vitaminas, combinação efetuada pelas

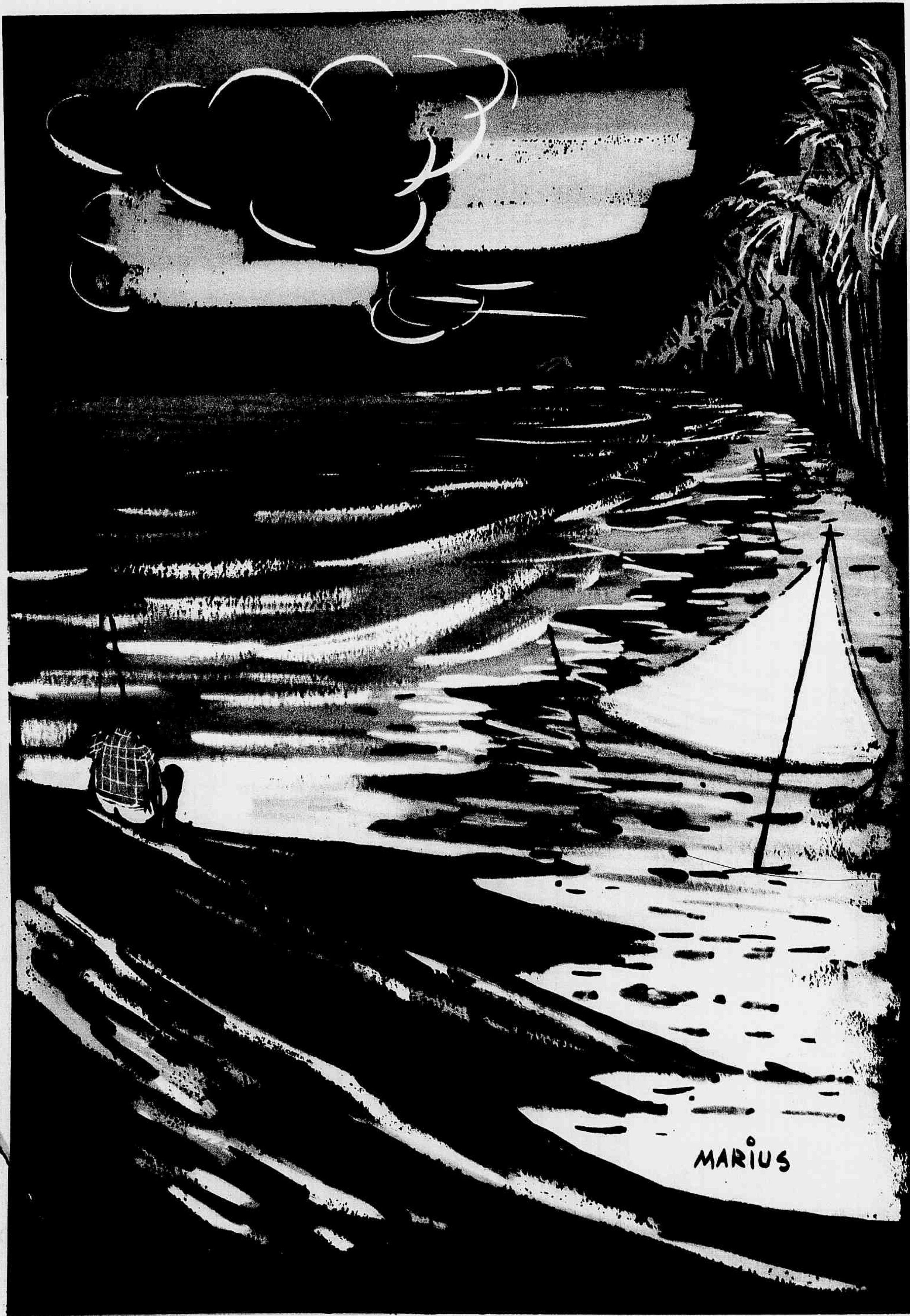
SÃO FRANCISCO de Assis, que uma vez viu-se rodeado de abelhas irritadas, que nem assim lhe fizeram mal, é o patrono do sítio. Um pequeno nicho abriga a valiosa estátua.

próprias forças naturais, não há contra-indicações possíveis para a Geléia Real, que acaba de ser aprovada na França para a venda pública, em ampolas, e mediante prescrição médica. Aliás, em França a Geléia Real tem alcançado grande popularidade, e já há vários casos de curas de inúmeras moléstias e enfermidades, como mal de Parkinson, poliúria, bronquite, estados de fraqueza em geral, etc., etc. Isso, a despeito de certas opiniões contrárias ao emprego da geléia, como por exemplo a do doutor René Moreaux, que utilizou a geléia na criação de alguns ratos brancos, sem qualquer compensação. De qualquer modo, são já inúmeras as medicações feitas à base de Geléia Real, como por exemplo o «Api Cure», o «Apiserum», etc., etc., todos de fabricação francesa.

A GELEIA REAL E O BRASIL

O Brasil marcha a passos rápidos para a breve conquista de um lugar de destaque no panorama internacional da Apicultura. Ainda mais recrudesciu o entusiasmo dos criadores nacionais, graças à descoberta das propriedades da Geléia Real. O senhor Floriano Moreira, por exemplo, já fez em suas colmeias as modificações necessárias para a rápida obtenção e total aproveitamento da Geléia Real. Calcula o citado apicultor — um dos mais destacados de todo o Brasil, e autor, inclusive, de importantes melhoramentos quanto às instalações de colmeias — que, dentro de mais alguns meses, sua granja estará produzindo mensalmente cerca de um quilo da preciosa Geléia Real, cujo valor para a humanidade só o futuro poderá demonstrar.





MARIUS

Era cedo ainda, o sol vinha pintando as coisas em cinzas, derrubando sombras, o galo cantava na madrugada, a pomba gemia através do ar aveludado.

Levantou-se sem fazer ruídos, foi para o fundo do quintal, desviando-se da gaiola, onde a pomba afinava as notas graves. Estivera a noite inteira acordado, olhos abertos perscrutando no escuro, as estrelas rutilantes. O relógio da sala ficara ondulado o pensamento do menino, em compasso lento, acalentado pela brisa que vinha do mar, jogando pela noite pedaços de ondas em salpicos sonoros. Não tivera sono nenhuma, o menino inquieto, sob a janela do quarto aberta:

— Quantas vezes peixinhos pularam, variando estrelas nas iscas de prata? — Dormir aquilo!

Estava certo que não fizera nenhum barulho e no limiar da porta sentiu a aragem fresca da manhã, viu as plantas do quintal paradas. Uma ou outra folha em galhos esparsos era sacudida levemente por algum inseto, ou pingo de água da sudação noturna. No galinheiro havia movimento das aves. O galo ia reiniciar o estribilho, quando sentiu a presença do menino e replicou com um cacarejar denunciante.

De repente, a janela do quarto abriu-se, a cabeça da tia Dilu espiou para fora, abrindo os olhos sonolentos:

— Joãozinho, que está fazendo a esta hora menino!

Viu apenas, a cara enrugada da mulher, o cabelo em desalinho, pela abertura da janela entre folhas da pimenteira ao pé da parede. Assustou-se um pouco desajeitado, esquivando-se por trás do galinheiro. E resmungou uma desculpa tãa solicitando a bênção costumeira:

— Nada tia. Bença?

— ... lhe abênçoe, respondeu a mulher, não dando muita importância ao sobrinho e fechou novamente a janela, talvez para prolongar o descanso por uma hora ou mais...

O menino lançou um olhar de repulsa para o galo, enquanto a pomba iniciou um canto monótono e triste. Seu desejo variou entre castigar o galo e soltar a ave aprisionada na gaiola. Por alguns segundos, o caso não apresentou solução, mesmo porque não queria contrariar a tia: maltratando um, soltando o outro, animais de estimação. Se fizesse isso, certamente voltaria para a casa de seu pai, lá na rua imunda, batida de lama, sacudida pela poeira de barro solto. Ainda mais agora que ia ter tempo de sobra durante as férias: não teria livros maçantes, não veria a cara da professora com o dedo inquisidor reprovando as traquinagens, nem a presença da madrastra importunando-lhe as brincadeiras.

A madrastra era como um relógio barulhento gritando deveres:

— Tá na hora de se levantar, hora de ir buscar o café, — um inferno.

Mas, ali era tudo limpinho, casa asseada, o quintal varrido cheio de plantas com flores coloridas e a tia Dilu era meiga, uma voz suave como brisa cantante em manhã de sol:

— Joãozinho, toma uma varinha prá você pescar!

O menino estava no quintal, satisfeito. Lá num canto da cerca de bambu descobriu a varinha de pescar. Dirigiu-se para lá, pegou-a, experimentou o anzol na mão, sentindo um prazer estranho com as picadas da farpa aguçada, espicaçando-lhe o desejo de estar logo na praia pescando.

Foi saindo devagar com o cofo e a varinha pela mão, abriu o portão que dava a frente para a praia. Ficou deslumbrado diante do mar, sentindo o cheiro forte de maresia, o vaivém das ondas, o trabalho dos pescadores que estavam jogando tarrafa, preparando rêdes, arrastando jangadas.

Seu Vicente, veio saindo do mar, carregando a tarrafa, escorrendo água pelo corpo luzidio, que contrastava com a brancura de prata das iscas trêmulas.

O MENINO E O PEIXE

Conto de Luis Garbörini Quaglia

Ilustração de Mário

— Benza-deus, seu home!... que lance! Exclamou, procurando conversa, enaltecendo o feito do pescador em troca de um punhado de isca.

Olhando para o menino, o homem deu uma ponta da tarrafa a desmalhar as «manjubas», e disse:

— Se quiser, ajude aqui... Você não está na escola não?

— Estou de férias, seu home, respondeu.

— Ah! Se você vai pescar, ali naquela pedra — apontou na direção — está «comendo chicharro».

Agradeceu as iscas e saiu correndo pela areia, o coração batendo com força, ganhando as pedras, procurando evitar escorregos sobre as pináunas.

O lugar ficava no pé do morro que avançava mar a dentro, ensombrado.

Chegando lá, o menino sentou numa pedra arredondada e espiou para o mar: algas variavam as formas e as cores verdes esmaecidas adejando na limpidez da água, cardumes de peixinhos manchavam a transparência em ver-

de sombrio. Um cardume de «chicharro» vinha de frente, um pouco afastado da pedra, fazendo festas, saltando, arrepiando a água, em argêntas salvas do verde mar. Um frêmito de alegria dominou o menino, apressou-se em jogar o engôdo, machucando as iscas misturadas com areia.

O engôdo bateu na água, o cardume de «chicharro» se assanhôu, aproximando-se mais da pedra. Jogou mais um pouco de isca e sacudiu a linha pina presa na vara, isca ao anzol.

Daí por diante foi uma labuta de festa: os peixes vinham esfomeados sobre as iscas suculentas, umas formas alongadas se movimentando, aglomerando-se em torno do anzol, puxando a isca, pressionando a vara, fazendo círculos variáveis. Botava e tirava, mudando isca, arrancando peixes, colocando-os numa poça rasa.

Um, dois, três, dez, vinte, perdeu a conta, à medida que ia tirando os peixes enganados, roubando-os de seu meio natural. Jogava a linha, estirando o braço, dava uma pequena sacudidela, contorcia o corpo, flexionava o tronco e as pernas, prosseguia pescando.

Esqueceu o mundo.

No tempo ritmado, o sol veio subindo por trás do morro, espiou lá do alto do coqueiral, jogou-se pela ribanceira, deitando na água sua luz de ouro.

O menino brincou, deixando o peixe fígado, vadiar na água, correr daqui para acolá, voltava, tornava a ir...

De súbito, o inesperado: os «chicharros» agrupados, foram repentinamente dispersados, correram em debandada fugitivos, pela presença de um peixe maior e voraz: uma forma negra se movimentou rápida, deu uma ou duas vira-

voltas a procura de algum peixe para uma luta desproporcional. Não conseguiu apanhar nenhum daqueles que estavam livres e desembaraçados, mas abocanhou o que estava preso na linha — que o menino brincava — e arrebatou-lhe a vara da mão, carregando-a mar a dentro.

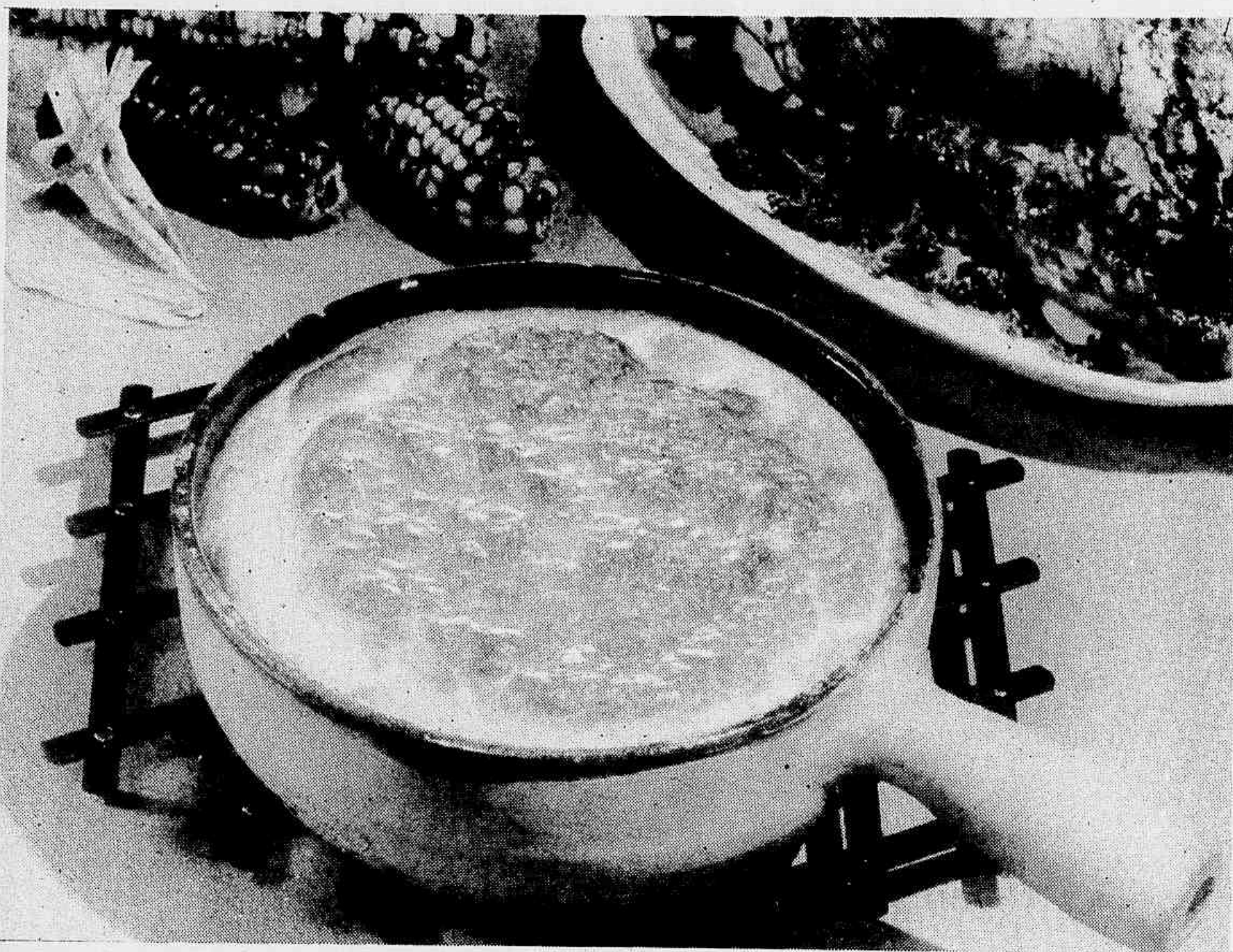
Joãozinho ficou por um momento sem saber o que tinha acontecido. Estava tão absorto com o que fazia, não percebendo o peixe grande anunciar sua chegada indesejada. A varinha se distanciando, um metro, meio metro, um centímetro, um ponto, depois nada, até onde sua vista alcançou.

Sua sombra se projetava na água, ligeiramente ondulada, forma assimétrica, pedaços de braços, de cabeça, de tronco, como um boneco desengonçado, com luz, sem luz, uma palma de coqueiro interpondo-se entre o sol em piscapisca. E lá se fôra a festa, o trabalho-brinquedo, deixando-lhe um vazio.

Só sentiu sua própria presença, quando ouviu alguém lhe chamar do morro:

— Joãozinho, vem prá casa tomar café, menino!

WEEK-END NA COZINHA



É sempre fácil encontrar milho verde nas feiras e mesmo que isso não se dê este prato delicioso pode ser preparado com milho de lata, sem nada perder de seu sabor e valor nutritivo.

— Prepare primeiro o milho: 300 gramas de milho verde em grão, de lata ou de espiga, cozido.

— Numa panelinha, derreta 4 colheres das de sopa de manteiga ou margarina (em fogo moderado, para não queimar). Tire do fogo e junte 3 colheres das de sopa de farinha de trigo, misturando bem para formar um creme.

— Adicione 2 xícaras de leite, de vagar, e mexendo sempre. Tempere com sal (uma colherinha) e uma pitada de pimenta.

— Volte a panelinha ao fogo e deixe até ferver (sem parar de misturar). Tire do fogo.

— Junte a esse molho branco as 300 gramas de grãos de milho verde, cozidos e escorridos.

— Bata 3 gemas e junte. Bata as 3 claras em ponto de neve e acrescente, misturando com cuidado.

— Ponha para assar numa fôrma de vidro ou cerâmica que possa ir ao forno.

— Asse em forno moderado, perto de uma hora.

(A receita dá para servir 6 a 8 comensais). — Foto Snow-Crop.

MAQUILAGEM PARA A NOITE

O uso de sombra para as pálpebras e cosmético para os cílios é aconselhável só para a noite, principalmente quando se é muito jovem. Uma festa, um teatro, um baile justificam o uso desses recursos de embelezamento.

Nem toda mulher, porém, (e menos ainda as jovens) sabem qual a tonalidade que devem usar nos cílios e nas pálpebras, de acordo com seu tipo físico.

Se você é morena e de olhos escuros, adote um cosmético violeta para os cílios e sombra levemente violeta para as pálpebras. Rouge a baton vermelho escuro ficam melhor à luz artificial.

Se tem os olhos verdes acentue-os com cosmético e sombra esverdeados.

Se é ruiva use castanho para os cílios, e a sombra para as pálpebras de acordo com a cor de seus olhos (esverdeada, azulada, ou castanha). As ruivas ficam ótimas com rouge e baton levemente alaranjados.

Qualquer que seja o seu tipo e a sua idade, o importante é que você use cosmético para os cílios e sombra para as pálpebras com moderação, num leve toque. O excesso nesse ponto é desastroso.



ANA MARIA ALBERGHETTI (Foto Paramount)

BOAS MANEIRAS "TELEFÔNICAS"

Há muita gente boa e educada que não sabe fazer uma telefonema com correção. Já não falo do hábito deplorável de manter longas palestras com as amigas ou o «boyfriend»; que telefone foi feito para ser útil e não devia ser meio de distração ou divertimento. Refiro-me à maneira sem cerimônia de ir entrando assim pela casa da gente, por meio do telefone, sem saber antes se se bateu em porta certa ou errada. O pior é aquele que deseja falar com uma pessoa determinada e acha que não pode acontecer a hipótese de discar errado ou de ter havido alguma falha da ligação, e pergunta intempestivamente:

— É a Maria?
— Não senhora, aqui...
— É a Josélia?
— Não senhora, aqui...
— Antes que a gente possa concluir a frase a pessoa que discou desconfia.

— Escute, aí não é 22... etc.?

— Não senhora, é 25...

A telefonema termina por onde devia ter começado. A pessoa que disca, antes de chamar por alguém deve-se certificar de que o número que pretende é o que lhe responde, perguntando:

— Por favor, aí é 22- etc.? ou então, — É da residência do Sr. Fulano?

Depois então é que se pergunta pela pessoa procurada. Evitam-se mal entendidos e perda de tempo.

É de péssima educação perguntar, assim que o número chamado responde:

— Que número é aí, heim?

— Quem está falando aí?

Ninguém tem a obrigação de dar o seu nome, nem mesmo o número do telefone, antes de saber quem a interpela.



SÔBRE "SHORTS" E MAIÔS

Nem todo mundo pode usar maiôs de duas peças e ainda menos biquínis. Estes últimos não ficam bem em quem tem pernas muito compridas. Os duas peças não podem ser usados por aquelas que tenham um pouco de barriga. Portanto, se quiser usá-lo, trate primeiro de corrigir sua silhueta.

«Shorts» ou maiôs curtos não foram criados para coxas muito avantajadas. Se esse é o seu caso faça-os um pouquinho compridos.

As gordas nunca deveriam usar maiôs claros, que mostram por demais as curvas e as banhas. Ficam-lhes melhor maiôs ou «shorts» em tonalidade escura e tecido fosco; pois, também os tecidos brilhantes tornam a silhueta mais gorda.

Os estampados estão em moda para a praia, por isso é bom você saber que os desenhos graúdos ou em relevo devem ser evitados pelas pessoas baixas e gordas; as listas verticais não podem ser usadas pelas magras e altas.

Ao escolher seus «shorts» e maiôs para este verão procure seguir as indicações acima, e, antes de adotar uma côr da moda veja se combina com sua tez, seus olhos e seus cabelos. Sua elegância «praiana» lucrará com isso.

VOCÊ TEM "ESPÍRITO HUMORÍSTICO"?

Você sabe o valor que tem o espírito humorístico — o «sense of humor» dos ingleses — quando se quer sobressair na vida social. Para saber exatamente a quantidade que você possui, responda ao questionário abaixo. Conte 5 pontos para cada resposta positiva; zero para as respostas negativas; um, dois, três ou quatro para os meios termos, na proporção que achar que merece.

Um total de 50 pontos indica que você tem um espírito humorístico normal; 75 pontos, que você é uma ótima companhia; mais de 90... é um caso raro.

- 1 — Tem algum humorista (de rádio ou cinema) preferido e sabe exatamente porque o prefere?
- 2 — Pode contar uma anedota que ouviu antes de maneira mais engraçada ainda?
- 3 — Acha divertidas as pessoas muito formais?
- 4 — Sabe conter o riso quando conta uma anedota, principalmente antes de chegar ao fim?
- 5 — Aprecia o humorismo em si mesmo e não pela oportunidade que lhe proporciona de «se mostrar»?
- 6 — Sabe controlar sua vontade de fazer brincadeiras limitando-as aos momentos oportunos?
- 7 — Sabe improvisar observações inesperadas sobre assuntos aparentemente sérios?

8 — Sabe rir de coração quando contam alguma coisa engraçada sobre você mesma?

9 — Detesta anedotas convencionais ou batidas — a não ser algumas muito boas?

10 — É confiante e despreocupada, sabendo que nenhuma situação é tão séria como pode parecer?

11 — É muitas vezes a primeira a perceber a graça de uma história?

12 — Interessa-se por estudos psicológicos ou filosóficos sobre o humorismo?

13 — Evita seriamente embaraçar ou prejudicar os outros com seu humorismo?

14 — Pedem-lhe às vezes para contar algum caso que você sabe expor de maneira pessoal e divertida?

15 — Ri só quando acha mesmo graça, e não porque os outros estão rindo?

16 — Tem cuidado em manter sempre o senso das conveniências sem exagerar suas tiradas humorísticas?

17 — Ri às vezes tão gostosamente que lhe chega a sair lágrimas?

18 — Consegue fazer com que os outros se sintam sempre à vontade em sua presença?

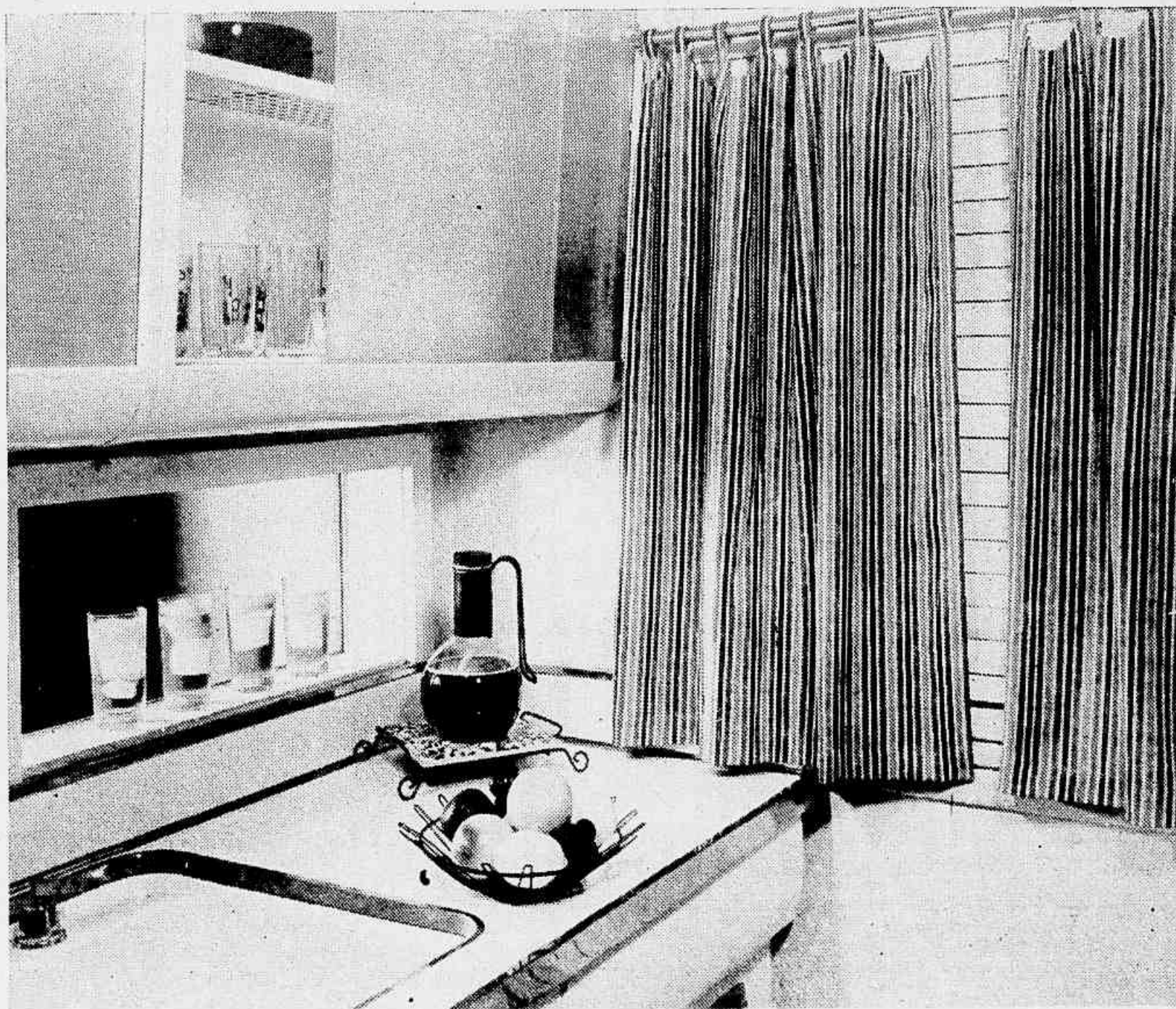
19 — Sabe distinguir o verdadeiro humorismo da vulgaridade e da inconveniência?

20 — Sabe sair de uma situação dúbia ou embaraçosa com uma tirada humorística?

SUGESTÃO PARA O LAR

A idéia de uma comunicação por meio de «janelinha» entre a cozinha e a sala de estar é muito moderna e, o que é mais importante, muito prática. Facilita servir bebidas ou guloseimas aos hóspedes, principalmente quando se tem só uma, ou nenhuma empregada em casa. Quase sempre a abertura se fecha por uma portinhola corrediça, como na fotografia.

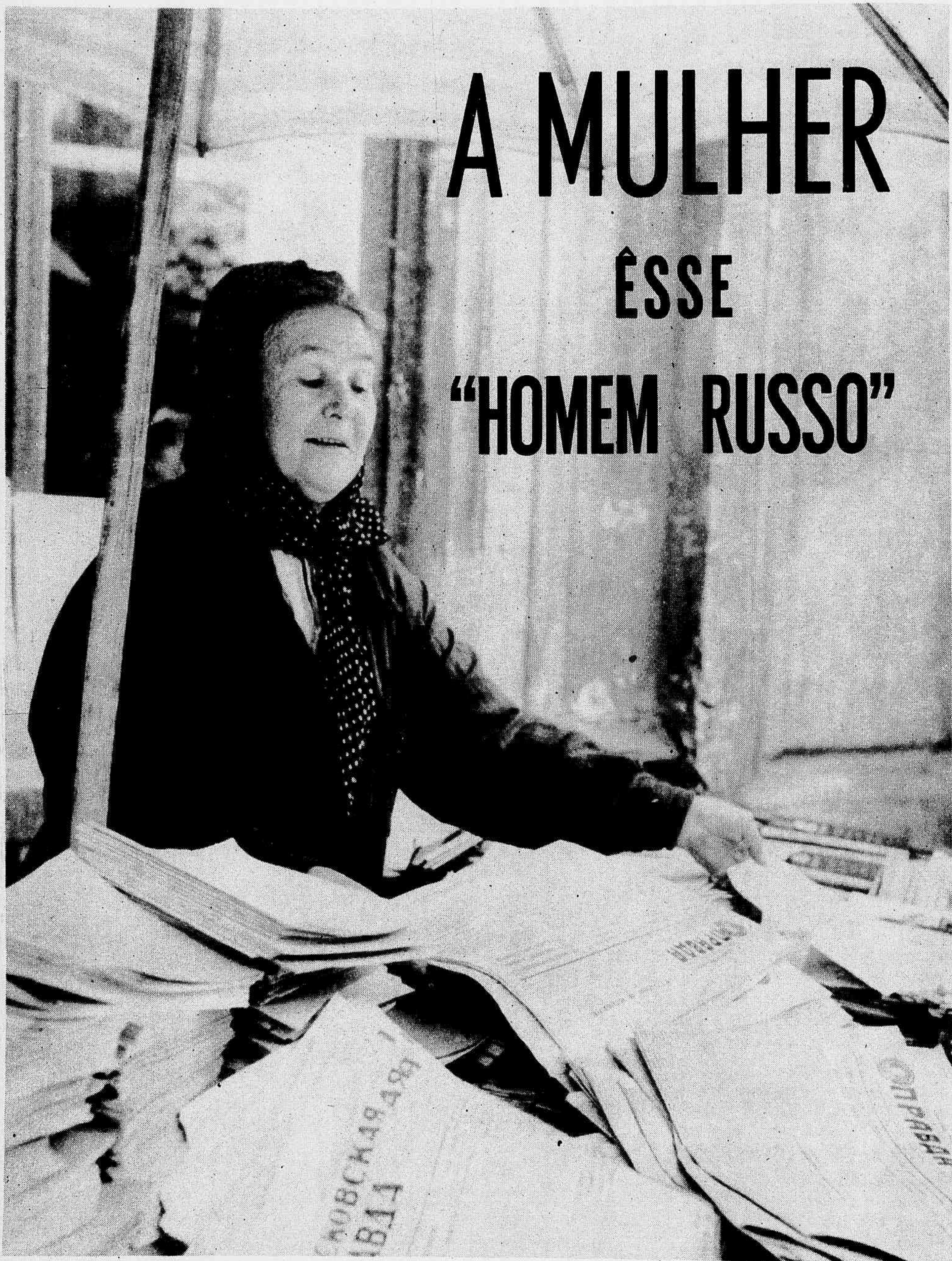
A cortina em tecido listrado (um novo tipo de fibra sintética, lurex) merece uma observação mais detalhada: corre num tubo de metal cromado, enfiado em alças do mesmo tecido, substitutas mais estéticas das antigas argolas de metal, osso ou madeira.



A MULHER

ÊSSE

“HOMEM RUSSO”



UMA SORRIDENTE moscovita vende jornais nas ruas da grande capital russa, próximo ao luxuoso Hotel Savoy. O Izvestia, o Pravda e as revistas e jornais soviéticos mais conhecidos têm grande circulação.

ONDE a realidade nos mostra a execrável igualdade do comunismo — Aspectos de uma cidade antiga com um deplorável cartão de visitas.

Documentário de Robert Delvac, exclusivo para a «Revista da Semana»



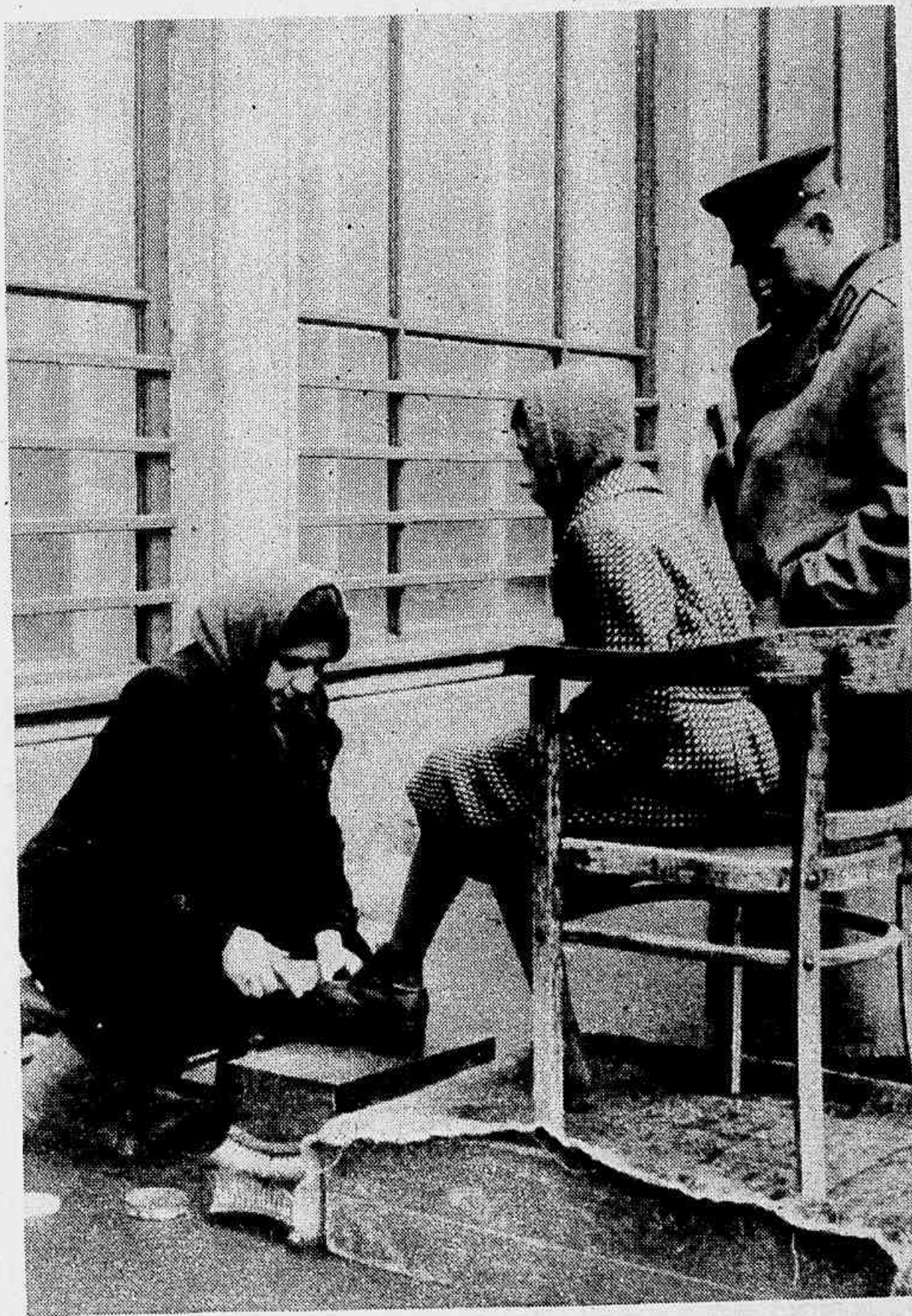
NEM TUDO porém é trabalho, para as mulheres russas. Essas moças e senhoras, por exemplo, estão examinando com evidente prazer os últimos tecidos de nylon procedentes das fábricas soviéticas.

QUANDO cheguei ao pôrto de Odessa, após mês e meio de viagem, meu primeiro pressentimento era o de que não realizaria a reportagem a que me propunha, com exclusividade para dois magazines europeus, um norte-americano e um semanário brasileiro («Revista da Semana»). Temia sem ser molestado. A circunspecção dos russos, o cuidado e o tato com que se dirigiam a nós, criava uma espécie de mito em torno ao modo de vida da gente russa.

Ainda sem sair do navio, quando cuidava da minha pequenina bagagem, recebi ordens de rumar para o convés, onde nos aguardava, a mim e aos passageiros, uma equipe de oficiais alfandegários soviéticos, que nada mais eram do que membros da temida polícia secreta soviética. Revistaram a minha bagagem e inquiriram porque levava três câmaras fotográficas. Aleguei a condição de jornalista europeu que tinha por missão na Rússia, cobrir o congresso de oftalmologia que dentro de dias ali se realizaria. Minhas câmaras foram recolhidas, e o oficial russo com um sorriso amarelo deu-me um recibo, para ir apanhar meu material fotográfico no depósito da alfândega. Queriam eles certamente examinar o que continham as câmaras, etc.

A seguir, conheci por me terem forçado a apresentação, uma moça da «Intourist» agência do governo soviético, incumbida de fazer contactos com os visitantes da Rússia e o povo de trás da Cortina de Ferro. Chamava-se Lícia, a «camarada Lícia». Possuía ela duas condecorações que não descobri de quê. Reunia os turistas em blocos de 8 e com eles passeava pelas ruas. O carro (antigo e mal tratado) que nos serviu de condução, batia sem cessar até a estação ferroviária local, onde tomamos um trem a óleo para Moscou. Eis a primeira etapa de minha viagem.

Nosso hotel em Moscou foi anunciado como um dos melhores da capital. Esperei poder encontrar algo mais ou menos confortável. Que decepção! Seu saguão com algumas poltronas de pelica, um balcão desbotado, uma escadaria de madeira e um elevador aberto, constituíam a apresentação de «Mikolis», o hotel. Meu quarto era de uma simplicidade à toda prova. Uma cama de enxergão, toda de tubos de aço, uma pia, um pequeno armário e uma mesinha de cabeceira. Meu objetivo, porém, não era conforto, era concretizar minha tarefa. Desvencilhando-me da moça da «Intourist», que eu já agora compreendia porque possuía medalhas (espia do Cominform) saí à rua e passei a lidar como se fôsse um cidadão russo. Entrei na primeira loja de artigos fotográficos e adquiri pequenina câmara, para não perder o dia, embora somente à tarde pudesse retirar minhas máquinas na alfândega. Lente ruim, sistema absoluto de gradação e filme ordinário, fizeram-me perder 50 rublos e o tempo. Adiei minha partida para dois dias mais. Não pretendia permanecer na capital russa por três dias, mas fiquei cinco. De posse de minha máquina, entrei em ação. Minha primeira foto foi proibida por um guarda à paisana, que gentilmente me reconheceu como turista, e num



NÃO É RARO encontrar-se mulheres vestidas com grossos capotões vergadas por terra, a engraxar sapatos. Essa, por exemplo, engraxa os sapatinhos de uma criança, sob o olhar de um soldado do exército russo.

ATRAVESSANDO uma bonita avenida, vemos essa mulher carregando nos ombros pesada haste em torno da qual uma bandeira russa está enrolada. O serviço pesado é comum para as mulheres russas.

Um «amigável» disse que eram proibidas fotos nos arrabaldes de Moscou. Guardei a câmara e fui ao hotel apanhar minha tele-objetiva de 500 metros.

Fiz amizade com um aldeão, cuja cabana ficava a poucos quilômetros de Moscou. Dali pude fotografar algumas cenas da vida no campo. Retornando ao centro da cidade, sempre me valendo da «Tele» tirei as fotos que ilustram a presente reportagem. Essa a narrativa de minha tarefa.

Pedem-me impressões da vida feminina na Rússia. Não poderei dá-las com detalhes nem pintar o quadro russo trabalhista com os matizes que ele merece. Fazer propaganda anti-comunista seria desonesto. Contar a verdade é o que desejo, mesmo porque minhas fotos não poderão mentir.

No caminho de Odessa até a estação ferroviária, surpreendeu-me um grupo de mulheres trabalhando de pá e picareta nas obras de uma barragem que ali se constrói. Em Moscou, ao entrar nas oficinas do «Pravda» órgão oficial do Partido Comunista russo, novamente me estarreci ao ver que somente o chefe da oficina era homem. Linotipistas, gravadores, compositores e impressores eram mulheres, muitas delas senhoras de certa idade. As oficinas do maior jornal russo não correspondem a expectativa. São velhíssimas e desajeitadas.

Apesar de não se vestir com feminilidade, não usar pintura nem possuir aquela andadura feminina da mulher ocidental, a mulher na Rússia é bastante ingênua. Vive em promiscuidade absoluta com os homens. Os direitos são iguais, conforme a teoria marxista, sendo comum a liberdade de sexo, mesmo entre as senhoras casadas. Geralmente fogem dos europeus ou estrangeiros de quaisquer espécie. Não sentem nenhuma dificuldade em serem infiéis. Encaram o casamento como uma união destinada a dar ao Estado novos soldados. Pelo que rapidamente deparei, não existe aquela afinidade sublime que nós outros chamamos de amor. Apesar dessa ingenuidade, caracteristicamente racial, acen-



drada atualmente por uma apatia mórbida, a mulher eslava conserva, na Rússia staliniana, um espírito de maior rebeldia que o homem. Dizem que costuma ser assim nos países cujas ditaduras são de violência e cruentas represálias. Fica a mulher como porta-bandeira e custódia da família e das santas causas que lhe protegem a vida e o desenvolvimento como instituição mais valiosa da civilização ocidental. A mulher russa se queixava abertamente, em se lhes oferecendo a menor oportunidade do sistema de vida soviético. O governo não deve ignorá-lo, porquanto inflige penas e castigos muito mais severos às mulheres que cultivam a amizade dos estrangeiros do que aos homens. Nos países latinos, tão ciosos da vida de relação de suas mulheres, poderiam interpretar-se estas medidas do Soviet como simples manifestação de ciúmes, ou recônditos complexos raciais. Mas é notório que o governo comunista não deseja perder seu tempo com trivialidades

EIS A VENDEDORA de sorvetes. De meia idade, um pouco pesada, já, todos os dias se encaminha para a porta dos cinemas, à espera de prováveis compradores. Haverá quem tome sorvetes num país frio como a Rússia?



200 milhões
de capital

mais de



3 bilhões
em depósitos

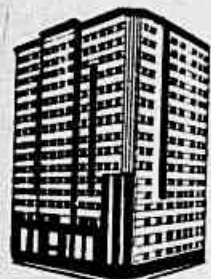


Estas cifras traduzem, renovada milhares de vezes, a confiança do público na fidelidade às normas de austeridade, segurança e equilíbrio que norteiam o Banco Nacional de Minas Gerais S.A. na aplicação e movimentação de capitais.

Ao encerrar seu 11º ano de atividade, o Banco Nacional de Minas Gerais S.A. agradece a seus clientes, acionistas e amigos esse patrimônio de inapreciável significação moral, reafirmando seu decidido empenho de prosseguir no mesmo rumo que o conduziu a esta posição de vanguarda entre as maiores e mais sólidas instituições bancárias do país.



BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S. A.



um dos maiores bancos brasileiros
AGÊNCIA DE NITERÓI
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A "REVISTA"

Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1906

GRANDE DESABAMENTO

Ainda o espirito publico, sensivelmente abalado pela horrivel hecatombe do couraçado Aquidaban, nas aguas da bahia de Jacuecanga, não tinha voltado a calma, quando uma nova desgraça veio sobressaltar o pacato povo fluminense. Referimo-nos aos desabamentos que na manhã de 26 do passado ocorreram na rua dos Andradas n. 48 e 50, e Riachuelo 85, sepultando em seus escombros dez pessoas, entre homens, mulheres e crianças. A chuva incessante, que durante a semana transacta cahiu sobre a cidade, concorreu incontestavelmente para essa terrivel calamidade, que veio accentuar os sofrimentos da população já atormentada pelos sinistros acontecimentos que ora enlutam o Brasil inteiro. Naquella manhã, sombria e chuvosa, a vizinhança das estalagens acima referidas onde residia grande numero de operarios, foi despertada por estranho rumor produzido pela queda de dous enormes blocos de pedra do morro da Conceição, sobre uma das habitações, e logo após presenciou o horrendo espectáculo que as nossas gravuras assignalam. Com a pequena differença de minutos apenas, outro predio, o de numero 85, da rua Riachuelo, desabava, matando um rapaz de 20 annos, de nome Antonio Marques, que em um dos quartos morava.

BARTHOLOMEU MITRE

A «Revista da Semana» presta hoje homenagem a Bartholomeu Mitre, a grande mentalidade, gloria da Argentina, honra da America Latina.

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

A MAIS. COMPLETA REVISTA
ESPORTIVA DO BRASIL

TÔDAS AS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO
PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Tôdas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

HÁ 50 ANOS

que acaba de desaparecer do planeta, deixando no luto a Patria a cujo culto consagrou todo o vigor de sua existencia, prestando-lhe durante meio seculo os mais relevantes serviços quer no campo de batalha, que perlustrou com irreprimivel bravura, com admiravel intrepidez, quer no mundo das letras em que a sua morte abriu vacuo imprehenchivel. A morte do illustre militar repercutiu dolorosamente em todo o mundo civilizado, onde a individualidade de Mitre sobressahia pelo resplendor das glorias que conquistou. Estampando o retrato e o leito em que exhalou o ultimo suspiro, rendemos à sua memoria um preito de saudade e de admiração.

A PROPÓSITO DAS ELEIÇÕES

— Então, seu camarada, como foi aquelle estropicio?

— Uma purgativa preta, seu compadre! Quando eu cheguei na secção já havia gente com cisco.

— O pessoal estava todo na hora?

— Não faltou um só. Fiquei na tocaia esperando a deixa. De repente, um mamanguaba gritou da mesa: Sr. Polycarpo Pintaluga dos Anzoes! Prompto! — gritei eu, avançando com a papeleta na destra e o voio na sinistra. Metti a celuda na brecha do caixote, mostrei a papeleta, depois chimpei o jamegão no livro grande e fui sahindo pela porta, mudar de cara. Voltei sem bigode, e de chapeo e esperei. D'a-hi a pouco a catuaba da mesa garganteou: Sr. Antonio Brazurura dos Corações! Presente! gritei, no dia-

pasão gostoso da voz disfarçada; fiz a mesma figuração e enfiei o voto na brecha do caixote. Ahi, um fisueta de candidato mambembe reparou no meu trontispicio, olhou, e ficou calado. Quando eu ia votar de novo com o nome de Dr. Campos Salles, o gajo do fisueta levantou o vulto:

— Que é lá isso? Você já votou aqui duas vezes e ainda volta com partes de calungomea?

— Saltei pro meio da sala. Sae, Juca, entra mano, que apanhas todo o anno. Um suruba de Petropolis desceu o chapelão na viseira e veiu peneirando para o degas, eu deitei o corpo fora, torci o alicerce, fiz umas soletrações com o bahiano, e chamei o cabra no arrastão da poeira. Ahi ferveu o samba, havia marreta até onde acabava a casa. Cacete voava que nem mosca, e o pessoal pacifico rodava como barata em dia de trivoadá. Apanhei um gavetão na torre dos pensamentos e uma arraia miuda no lugar em que as costas perdem seu nome decente.

— E quanto rendeu a festa?

— Cinco mil réis.

João da Lyra.

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Alvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

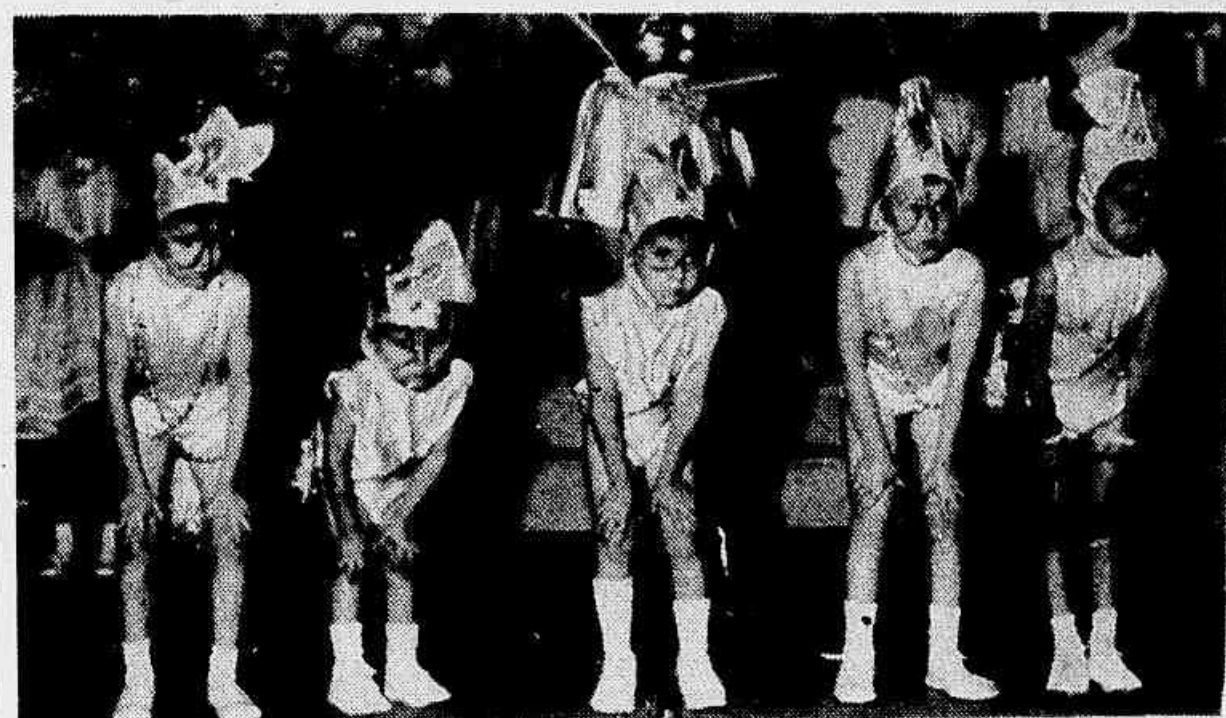


O SONHO DAS BONECAS

As representações efetuadas recentemente no Teatro República, nesta capital, sob o título — O Sonho das Bonecas — quando o prof. Mário Mascarenhas demonstrou publicamente as suas incontestáveis qualidades artísticas, constituíram um espetáculo de rara beleza e encantamento poético.

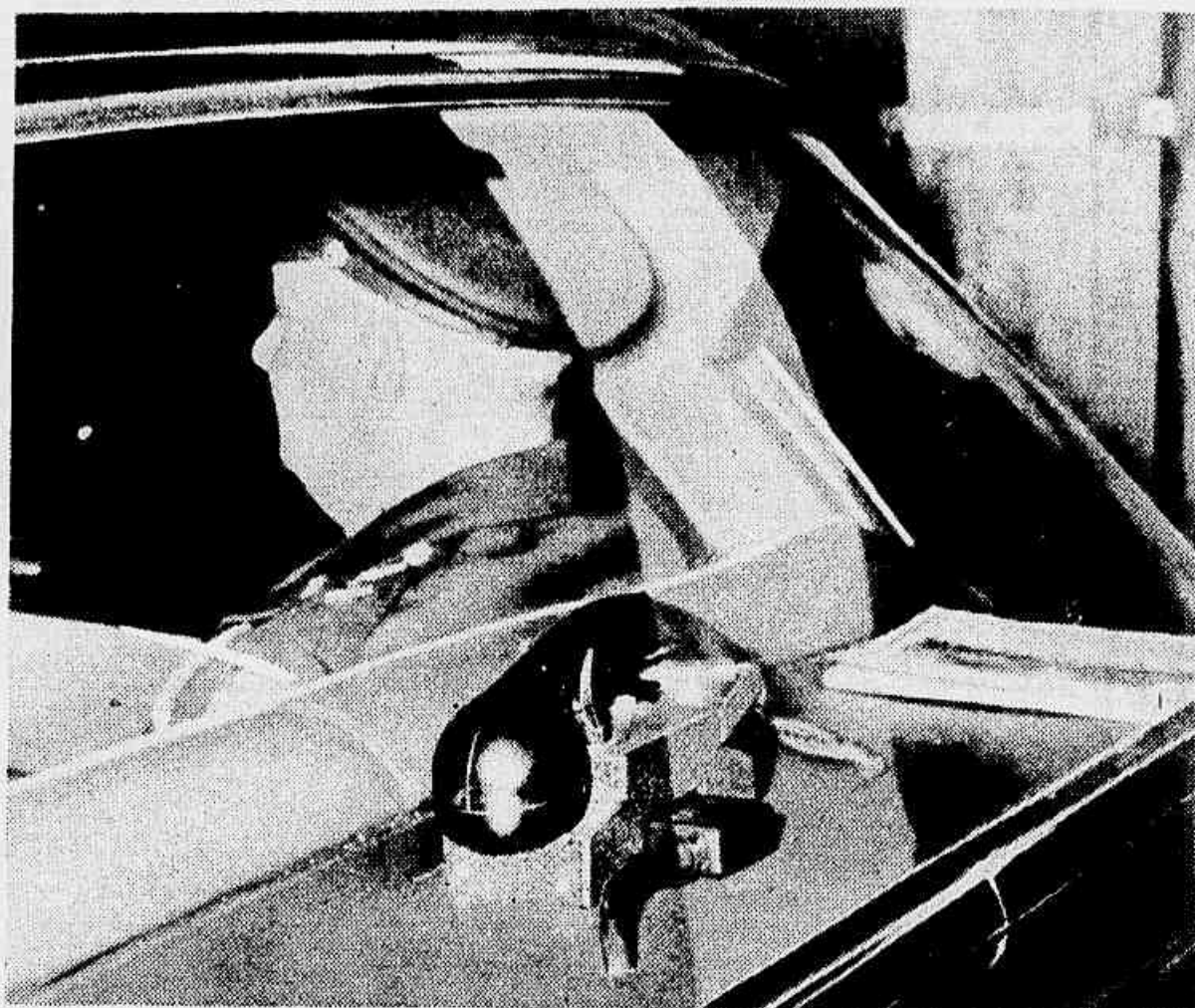
«O Sonho das Bonecas», história colorida pelos acontecimentos delicados é um poema de amor e compreensão; é o sonho que muitos de nós tivemos e gostaríamos de ter novamente.

As fotografias aqui publicadas dão-nos uma idéa do aplaudido conjunto artístico organizado pelo prof. Mário Mascarenhas, numa de suas apresentações ao público carioca.



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

MARINA VLADY com o marido, Robert Hossein, numa de suas últimas fotografias antes do casamento de ambos, há duas semanas. Aliás, as bodas deixaram descontente muita gente boa pelo mundo afora...



A **POLÍTICA** não dá tréguas. Por isso, o general Charles Dasher, chefe das forças americanas em Berlim, mandou instalar êsse telefone no seu automóvel. Assim, a qualquer hora pode se comunicar com seus subordinados.



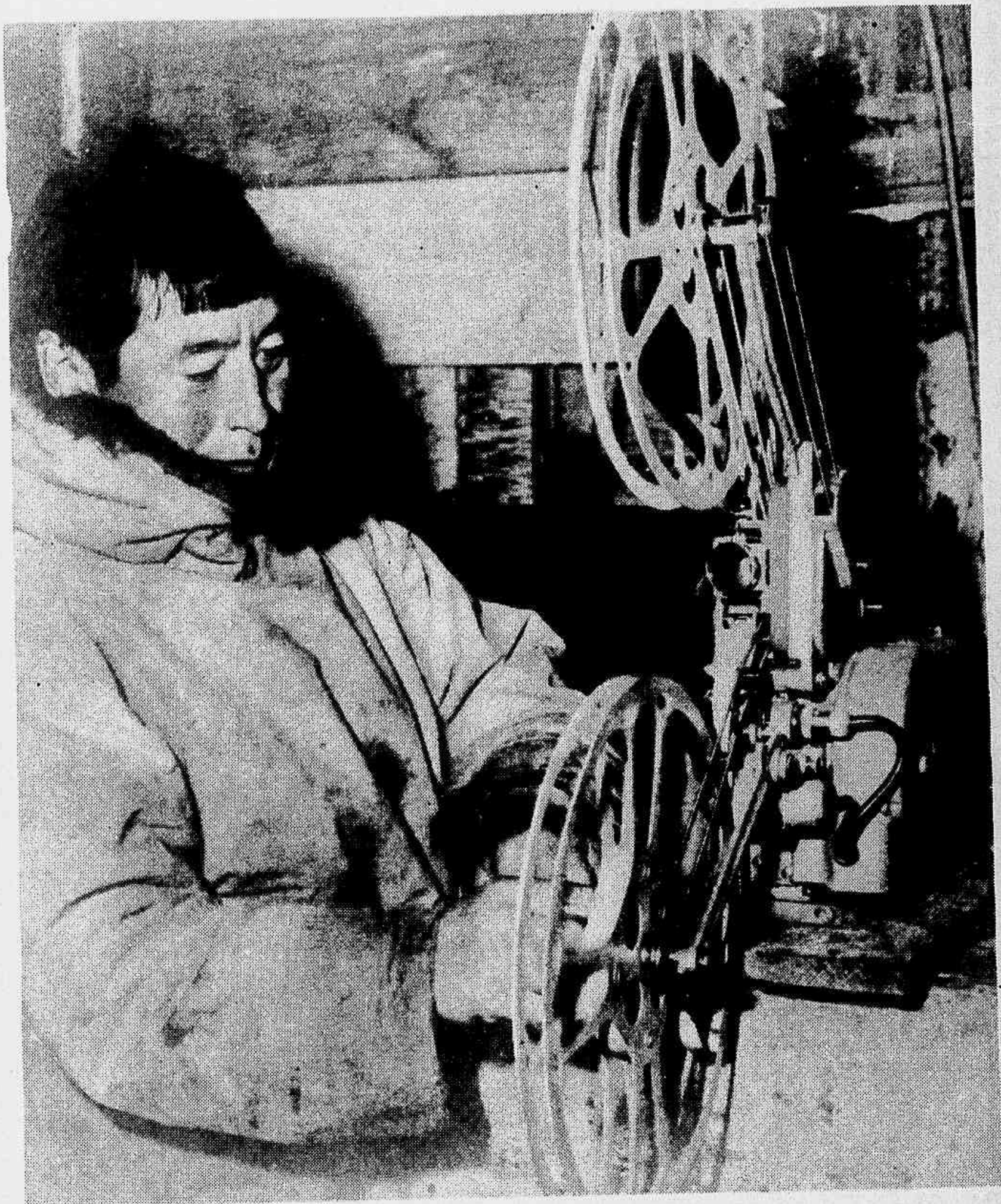
ESSE JOVEM desposou a própria professora de matemática. Tem 15 anos, é de Torino, porém conheceu a mestra em Modugno, e ali se casou, após vencer a oposição paterna. Eis o casal assinando o contrato nupcial.



EM **JARVENPAA**, Finlândia, o grande compositor Sibelius é fotografado no próprio dia em que completou 90 anos. A seu lado está a esposa, e entre ambos, o piano que presenciou ao nascimento de tantas obras primas.



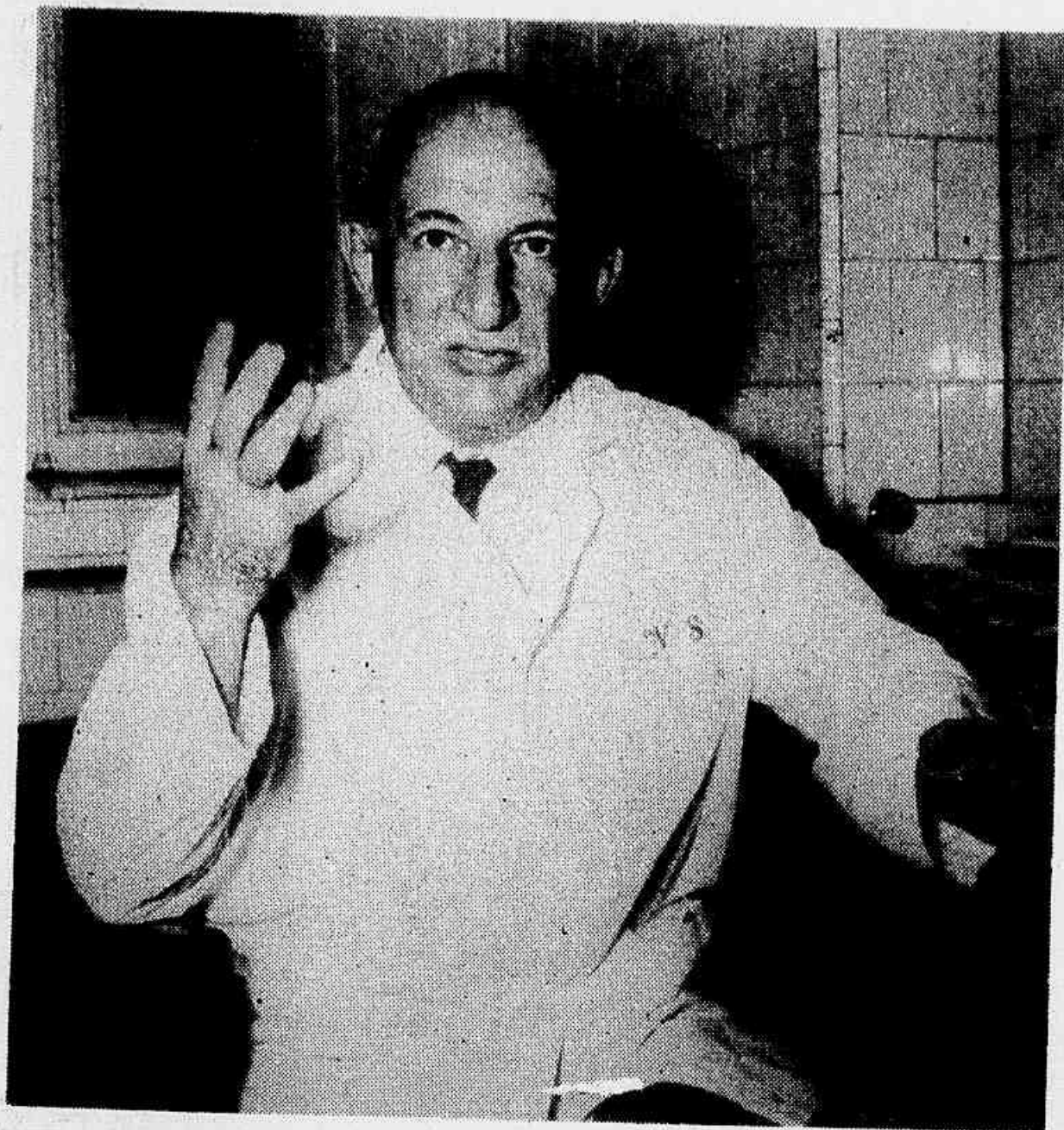
ESSA LINDA pequena (que de «pequena» não tem nada) é a mais alta bailarina da América. Chama-se Julie Benedict, e mede 2 metros!



O PRIMEIRO aparelho cinematográfico jamais chegado ao território do Alaska está aqui sendo examinado por um esquimó, que será ao mesmo tempo operador e empresário. Um sortimento bastante grande de filmes já foi encomendado. Em sua maioria, são histórias de «far-west».



ESSAS CINCO pequenas, vistas aqui no gabinete do delegado de Polícia de Akron (Ohio), são todas menores de 17 anos. No entanto, mataram, por asfixia, o guardião do asilo em que se encontravam. Capturadas, talvez sejam condenadas à morte.



ESSA MÚMIA é uma das mais perfeitas existentes em todo o mundo. O professor Vitor explica diariamente a dezenas de visitantes sua história estranha e milenar.

O BRAÇO DE FERRO DO MUSEU NACIONAL

EXALTAÇÃO À GRÉCIA ★ A HISTÓRIA NATURAL, MARAVILHA NAS MÃOS DE WALT DISNEY, É UM CASTIGO PARA OS ALUNOS ★ NO MUSEU O ACOMPANHANTE PROCURA VIVER, FAZER VIBRAR CADA OBJETO, CADA ARMÁRIO ★ NÃO HÁ MAIS INCOMPATIBILIDADE, PARA OS ESPÍRITOS BEM FORMADOS, ENTRE CIÊNCIA E FÉ ★ O MUSEU NACIONAL SE RESENTE DE FALTA DE PESSOAL E DE VERBAS

Reportagem de MAURO GOMES ★ Fotos de SÉRGIO ANDRADE

PERFIL DO PROFESSOR VITOR STAWIARSKY

Engenheiro Civil — «Master in Arts» pelos Estados Unidos — professor de Química, Física, História Natural — técnico do Ministério de Educação e Cultura — chefe do Departamento de Extensão Cultural do Museu Nacional. Em 1954 representou o Brasil em Atenas por ocasião do seminário de estudos, no qual vinte países tomaram parte, sob os auspícios da UNESCO. Aliás foi esse o II Congresso. O primeiro teve lugar em Brooklyn, em 1952. Possivelmente em 1956 deverá se reunir o III. Nesse conclave, cuja finalidade era favorecer os países da Europa e do Oriente Médio, se fizeram representar, do Continente Americano, apenas um delegado (ouvinte) do Canadá, dois dos Estados Unidos, um do Brasil e mais dona Geny Dreifuss, do Museu Histórico.

NÃO fomos ao Museu Nacional, a fim de fazer alguma pesquisa. Nem era o nosso objetivo, nesta oportunidade, a exemplo de tantos curiosos, que, quando o visitam pedem para ver as mais absurdas coisas que se possam imaginar, molestar algum funcionário do histórico casarão da Quinta da Boavista, pedindo-lhe, por exemplo que nos levasse à sala onde se encontram os móveis do falecido Rui Barbosa ou a cabeça do bandoleiro Lampião.

A nossa visita tinha uma finalidade apenas: conhecer o professor Vitor Stawarsky, diretor chefe do Departamento de Extensão Cultural daquele Museu, e um dos nomes mais credenciados junto dos museógrafos do Brasil. Outrossim a assistir uma das suas interessantes aulas públicas e fazer-lhe algumas perguntas referente ao seu Departamento e muito principalmente sobre os resultados colhidos com a introdução dos novos métodos na orientação do ensino naquele Museu, de acordo com as deliberações tomadas pelos congressistas, por ocasião do conclave em Atenas, em 1954, promovido pela UNESCO, no qual, vinte e sete países se fizeram representar, tendo sido ele a pessoa escolhida oficialmente, entre outros museógrafos, educadores e especialistas brasileiros, para representar o nosso país.

Enquanto esperávamos o professor Vitor, que estava dando uma aula, procuramos conhecer algumas dependências do Museu Nacional, numa visita rápida, é claro, pois a nossa maior preocupação estava em não perder de vista esse professor, que no desempenho de suas funções, a testa do seu Departamento, é a pessoa mais atribulada deste mundo. Quando não são os próprios funcionários que o procuram, pedindo informações disso ou daquilo, o número de alunos que o consulta, de instante a instante, é enorme, isto para não falar nas explicações que precisa fazer ao público, constantemente.

Após termos visitado umas oito salas, entre elas: Sala de Exposição de Assuntos Vários, Exposições Comemorativas, Exposição de Antiguidades Clássicas, Exposição da Evolução do Homem, Seção de Mineralogia, etc., e quando o relógio marcava 14 horas, aproximadamente, um contínuo veio nos avisar que o professor Vitor estava a nossa espera numa sala do pequeno Museu de Assistência ao Ensino.

Vestido com um guarda-pó muito alvo, no crânio uns poucos fios de cabelos, segurando os óculos com a mão esquerda, passo firme e nas faces rosadas, o testemunho de uma saúde de ferro e de muito dinamismo, ei-lo, enérgico e «estriando» depois de consultar o relógio:

— Então moços, agora é que os senhores chegaram? Nossa entrevista estava marcada para 11 horas!

Realmente, a entrevista que havíamos combinado pelo telefone, tinha sido para as 11.

— Desculpe-nos professor Vitor. O atraso foi contra a nossa vontade.

— Boa desculpa. Mas o que é que os senhores querem de mim, afinal de contas? Se desejam me perguntar alguma coisa, vamos lá para minha sala, porque aqui não posso conversar.

Em atenção ao convite, seguimos o professor. Atravessamos algumas salas. Ao chegarmos num corredor, que separa a sala de entrada do Pequeno Museu do Serviço de Assistência ao Ensino, o professor Vitor parou e virando-se para nós, observou:

— Estão vendo aquilo ali? E apontou para um dístico fixo a entrada de uma porta, onde se lia: «PROFESSORES NORMALISTAS DISPONHAM DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA AO ENSINO». Nós procuramos dar toda a assistência aos educadores e alunos. Fazemos tudo para melhor servir àqueles que nos procuram, mas, infelizmente, ainda somos criticados. Até cartas redigidas em linguagem pouco elegante temos recebido, porém consideramos um fato perfeitamente normal esta oposição.

Antes de chegarmos à sala do professor, deparamos com uma vitrina onde estão dispostas centenas de borboletas que chamam a atenção de qualquer indiferente.





AULA de Educação Sexual, assistida por jovens de ambos os sexos.

Na vitrina lê-se esta observação: A BELEZA NOS SÉRES VIVOS ESTÁ ASSOCIADA À SELEÇÃO SEXUAL. ASSIM, DE CERTO MODO — BELEZA É AMOR.

Diante desse quadro colorido, o professor Vítor explica a razão daquela exposição, esclarecendo que a preocupação dos museógrafos, dos educadores e especialistas é procurar fazer cada objeto vibrar e viver, isto acompanhando a evolução da filosofia da educação que se modifica dia a dia. Dando vida às exposições, as explicações transformam uma visita de curiosidade numa visita educativa.

A nossa direita, encontramos a sala de Educação Sexual, com a seguinte tabuleta à entrada: se interessar, entre!

— Aqui — diz o professor Vítor — é a sala mais importante. Aos domingos dou aula de educação sexual para mais de mil pessoas. O interesse do público pelo problema sexual é enorme! Até religiosas têm assistido aulas de educação sexual. Muitas já trouxeram alunas e me pediram explicações.

Efetivamente, essas aulas de educação sexual, como tivemos oportunidade de constatar, vêm despertando uma curiosidade digna de registro. Gente de todos os níveis sociais, casais, moças, e mesmo pessoas de avançada idade ficam horas e horas ouvindo as explicações do professor Vítor Stawiarsky dentro do mais absoluto silêncio e respeito. E' assistindo a uma aula dessas, é observando o interesse do ser humano para com os problemas de natureza sexual que somos forçados a concordar que a escola que não dá educação sexual não merece o nome de educandário.

Antes, porém, de chegarmos à sala do professor, quando transitávamos por uma das salas mais visitadas pelo público, pois nela encontramos toda espécie de bichos, perguntamos ao professor se o Museu Nacional estava devidamente equipado para atender ao público que o procura, e principalmente aos estudantes.

— O Museu se ressentia de falta de pessoal e de verbas, mal muito comum entre nós. Por falta de pessoal e de verbas, infelizmente, não podemos atender tão bem como gostaríamos ao público e aos estudantes. Mas para compensar estas faltas, dispomos de máxima boa vontade e de um grande desejo de sermos úteis.

O PROFESSOR FALA DE CÁTEDRA E EXALTA A GRÉCIA

Na sala do professor, após uma meia hora de contacto com o mestre, notamos que ele procurava nos deixar a vontade. Abrindo uma gaveta, dela retirou diversas fotos que foram batidas na Grécia em 1954, e dentro de um espírito de camaradagem, deixando transparecer o seu «sense of humour», iniciou um estudo sobre as personalidades dos participantes daquele Congresso em Atenas, servindo-se de uma foto que tinha segura numa das mãos.

— Este sujeito tinha uma mania assim, aquele outro gostava disso, essa colega levou dois tombos de ficar estirada no chão, e mais de vinte minutos ouvimos uma série de observações do professor com respeito aos costumes e hábitos dos congressistas, todas estas observações temperadas com um certo humor. Em seguida, antes que lhe fizessemos qualquer pergunta, o professor fala e exalta a Grécia:

— Meus amigos, a Grécia é simplesmente maravilhosa. Uma visita à Acrópole numa noite de lua cheia é algo indescritível. Os museus e as ruínas de Olímpia, Delfos, Corinto, etc., deixam nos visitantes marcas profundas, resultantes das emoções que despertam. Os gregos como povo, a julgar pelos atenienses, são adoráveis. Educados, atenciosos, trabalhadores, colegas, não demonstram o profundo sofrimento resultante de 10 anos de guerra.

Perguntamos pelos museus visitados.

— Entre os museus por mim visitados, destacam-se, o Museu de Chicago, o Museu de História Natural de Nova York, o Museu Nacional de Washington, o Museu do Vaticano em Roma, o Museu do Homem e o Palácio dos Descobertos em Paris e o Museu Nacional de Atenas.

Mal acabou de responder a nossa pergunta, um funcionário avisa que umas senhoras, na sala de Educação Sexual, pediam-lhe uma explicação.

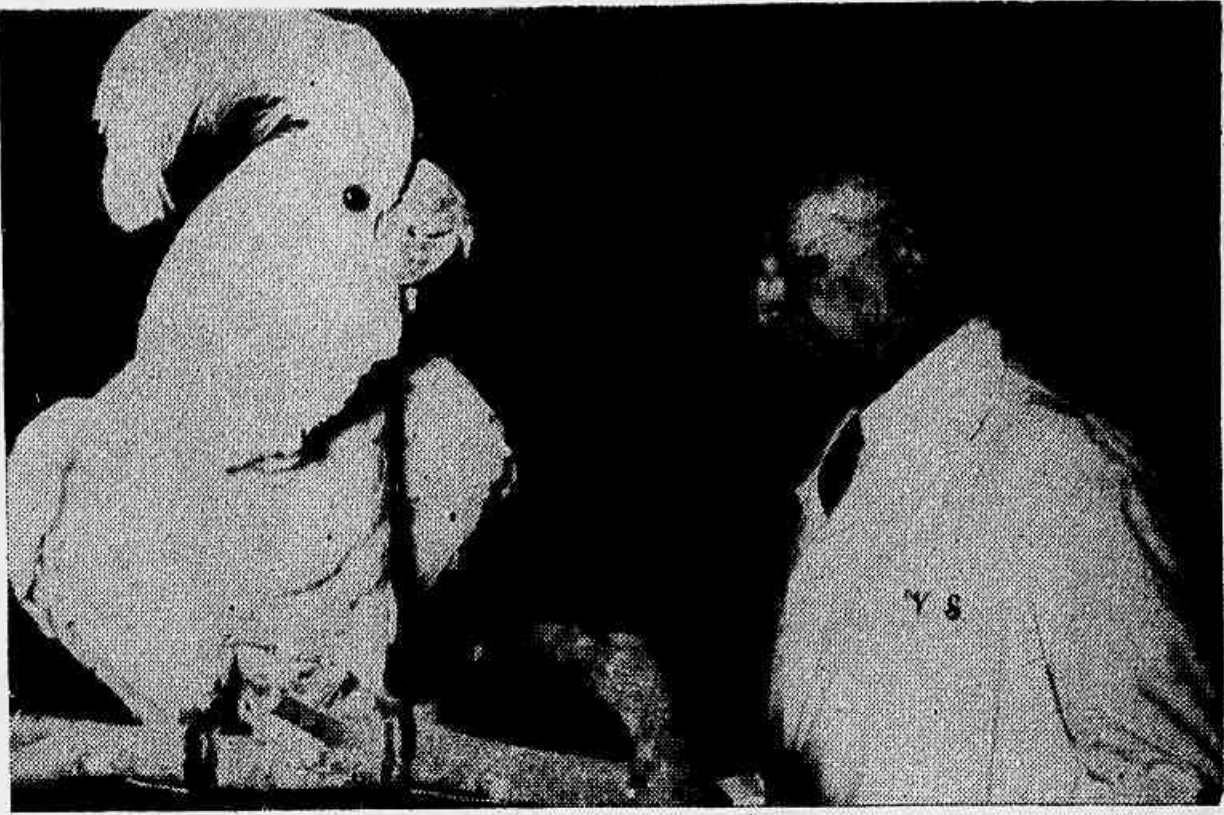
— Avise-as de que agora não posso. Primeiro vou atender a estes dois jornalistas, senão eles não me deixarão sair às cinco horas, e eu hoje estou cheio de compromissos.

Prosseguimos o interrogatório:

— Professor Vítor, em que bases científicas ou filosóficas os congressistas se estribaram para modernizar o sistema de funcionamento educacional dos museus?

— Até a pouco tempo as exposições dos museus eram organizadas por cientistas ou especialistas, cuja preocupação principal girava ao redor da fidelidade dos objetos expostos, que deveriam ilustrar certos fatos ou princípios considerados os mais importantes por eles, especialistas. Acontece, porém, que a filosofia da educação tem se modificado muito, ultimamente. Outros princípios e idéias passaram a figurar no primeiro plano, e em função destas novas idéias é que devem ser organizadas as exposições dos museus. Por isto os participantes do congresso estavam repartidos em três grupos mais ou menos equivalentes: os especialistas, os museógrafos e os educadores.

Para salientar a importância dos educadores no Congresso de Atenas — observou o professor — basta lembrar que esteve presente o diretor do ensino



SEÇÃO de Ornitologia — O prof. Vítor examina um belíssimo exemplar.



SEÇÃO de Arqueologia — Por entre as iguaçabas Stawiarsky medita.

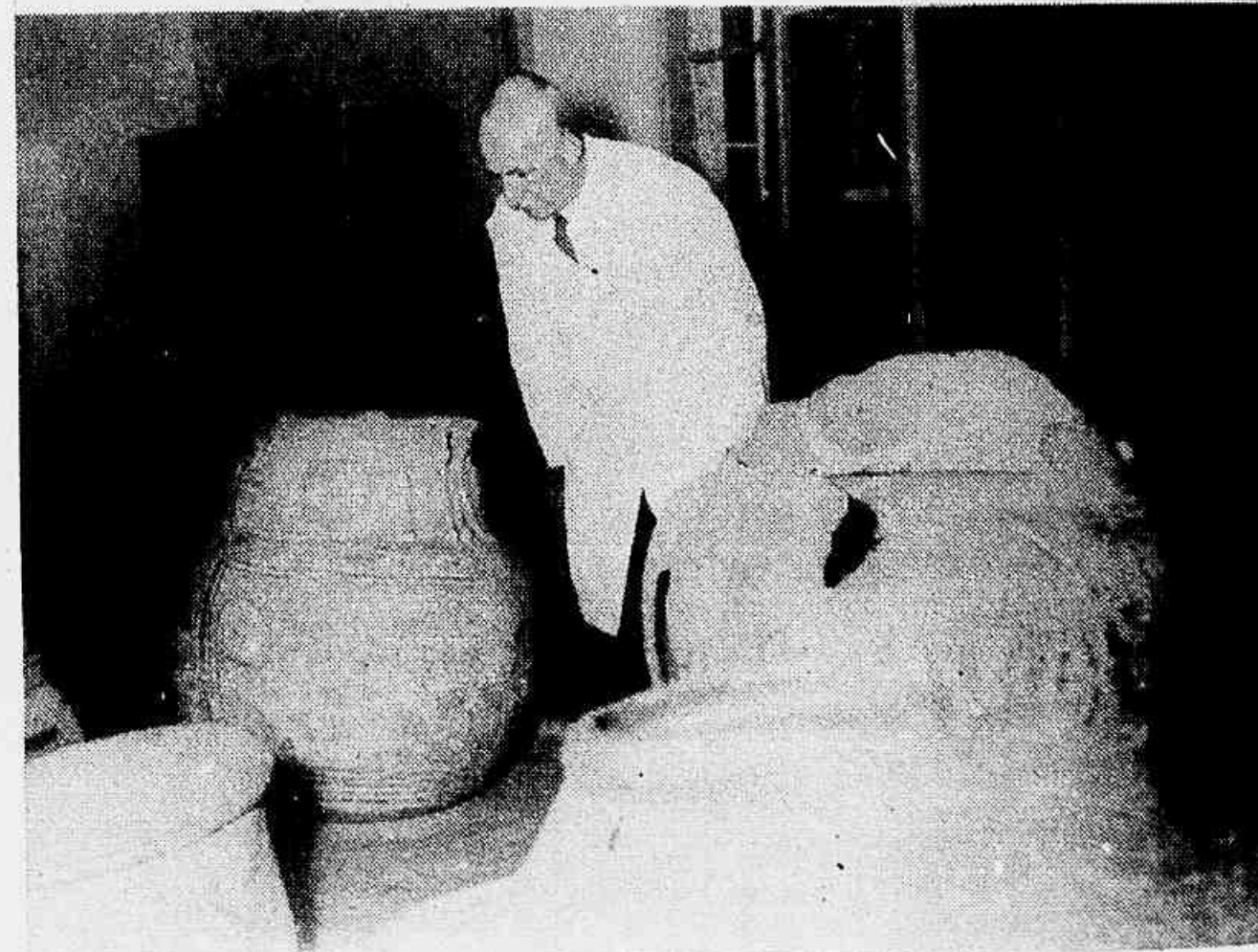
secundário da França, bem como a equipe de educadores do Museu do Louvre. Foi na qualidade de educador que participei do Congresso.

— A introdução dos novos métodos com bases psicológicas — resultante desse conclave em Atenas — tem surtido efeito satisfatório?

— Sim, tem produzido efeito. Por exemplo, as explicações dadas aos visitantes são agora feitas «sob medida», isto é, ao nível deles, e ainda acompanhadas de sentimento. O acompanhante procura fazer viver, vibrar, cada objeto, cada armário. E' esta vida que se dá à explicação, que transforma uma visita de mera curiosidade numa visita educativa.

(Continua na pág. 51)

SEÇÃO de Paleontologia — O professor examina o esqueleto fóssil.



ELIZABETH DE ÁUSTRIA

A IMPERATRIZ REVOLTADA

Copyright Keystone — Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA

De ROBERT VERNON

Ilustração de RAMÓN

— | | —

A CAMINHO DO FUTURO

Quanto a Sisi, ficou ela feliz por ter sido escolhida para futura Imperatriz da Áustria? Ninguém poderia dizê-lo. Até então, vivera a menina ao deus-dará, sem que ninguém se preocupasse muito com ela. O pai, constantemente em viagem, ou com os amigos do «Fliegende-blatter», ainda se preocupava menos que todos os demais. Ela em realidade o via tão poucas vezes, que certa ocasião em que um parente lhe perguntou como ia o Duque, ela respondeu ingenuamente que havia cerca de três meses que o não via, mas que q escutava assobiar pelas cercanias do palácio, o que, sem dúvida, era um sinal de saúde...

E era essa menina, cuja vida sentimental e solitária jamais havia interessado a quem quer que fosse, que agora se desejava fazer desposar um Imperador, sem consultá-la sequer! Sem dúvida alguma, parecia submissa e de acordo com a idéia, mas quem poderia dizer o que morava por baixo dessa submissão? Estaria entusiasmada, talvez, ou simplesmente resignada? Ninguém fazia questão de averiguar o problema, tão grave embora, e, não podendo abrir-se com ninguém, Sisi preferia calar-se, assim preparando o futuro desgraçado que a aguardava...

Os dias de noivado duraram até à primavera. Afinal, em abril, os burgueses de Munich enfeitaram suas janelas, enquanto no Palácio Ducal, Elizabeth fazia suas despedidas aos amigos e aos criados. Logo depois, uma carruagem de viagem, puxada por seis cavalos, levou-a, a grande velocidade, por entre as duas fileiras de populares em trajes domingueiros. Quando a carruagem atravessou as portas da cidade, Sisi explodiu em soluços:

— E essa agora? Que significam essas lágrimas, tolinha? exclamou sua mãe, em tom de reprovação. Não te sentes então feliz, tu que irás ser a Imperatriz dos austríacos?

Elizabeth estancou as lágrimas sem nada dizer. Poderia acaso dizer, àquela mãe que jamais se debruçara sobre suas preocupações e aspirações, que caminhava em direção ao seu futuro como um condenado se dirige à morte?

E meteu-se encolhida a um canto da viatura, sem dizer mais uma só palavra durante o resto da viagem, imersa em pensamentos. O caminho agora atravessava uma es-

pessa floresta de pinheiros, uma dessas magníficas, sombrias e cheirosas florestas que constituem o orgulho da Baviera. Parecia a Sisi que era a última vez que contemplava essa paisagem tão cara, e uma grande falta de ânimo a invadiu.

Pouco a pouco, a vegetação severa das árvores escureceu ainda mais, e o céu, de um azul indeciso, cobriu-se de pesadas nuvens cinzentas. Oprimida por uma tristeza contra a qual inútilmente buscava lutar, naquela carruagem que a cada momento mais a distanciava do lar, conduzindo-a, pelo contrário, a um novo destino, Elizabeth tremia, pensando que até a natureza tomara luto, à medida em que se distanciava de seu país natal...

PRIMEIRA DESILUSÃO

No dia 21 de abril de 1854, a carruagem cruzou a fronteira austríaca e se deteve em Salzburg, onde, reunidos na Grande Praça central, os cidadãos, os membros de várias corporações operárias, todas as notabilidades da cidade, enfim, aguardavam havia horas por esse momento, gritando de quando em quando: Viva o Imperador! Viva a futura Imperatriz!

Descendo do veículo, Elizabeth olhou pensativa para a multidão em volta. Malgrado o entusiasmo popular, ela não conseguiu sorrir sequer. Somente levantou sua mão, semelhante a uma flor muito alva, e agitou no ar um pequeno lenço, ao mesmo tempo em que fazia todos os esforços para reprimir as lágrimas que teimavam em invadir-lhe o olhar belo e triste.

Sua ampla vestimenta, levando, na parte posterior, anquinhas, segundo a moda então usada, é terminada, nos ombros, por uma espécie de curta mantilha, que envolve suas espáduas atemorizadas.

Eis que um homem ainda moço, orgulhosamente envergando o farda de general do exér-

cito áustro-húngaro, inclina-se diante dela e beija seus dedos brancos com profundo respeito. Depois, éle a faz subir a uma formosa carruagem da Corte de Viena, decorada pelo grande pintor Rubens, e a viatura logo conduz o jovem casal através das ruas tortuosas, onde a multidão se manifesta com grande entusiasmo, enquanto os sinos da catedral marcam o compasso da alegria geral.

De início, um silêncio glacial reinou entre Francisco José e a jovem Elizabeth. E foi ela que, com bastante esforço, rompeu afinal o silêncio:

— Senhor, se acaso me permitis de exprimir um desejo...

Galantemente, o jovem imperador retruca:

— Falai, princesa, falai, que qualquer que seja, será concedido.

— Eu ficaria imensamente agradecida se nos detivéssemos um só momento, que fôsse, ante a casa de Mozart. É uma homenagem, que sempre desejei prestar a êsse divino artista.

— Mas, princesa, vosso amor pela música vai até êsse ponto? respondeu o Imperador, já em voz onde os mais perspicazes podiam perceber certo descontentamento.

— Sim, senhor, e se acaso eu não puder satisfazer meu desejo, hei de consagrar um pequenino poema à memória dêsse gênio insigne.

— Estou desolado, princesa, por não poder cumprir êsse vosso primeiro desejo. Contudo, é tão fútil, que certamente não ireis guardar por isso nenhum rancor... Pensai, antes, que nosso itinerário foi estabelecido com todo o cuidado e que, em realidade, não o posso mudar.

— Não penseis mais no caso, senhor.

E Sisi abaixou a cabeça, enquanto uma nuvem de tristeza percorria seu olhar.

Francisco José, esse duro soldado que, após a implacável revolução de 1848 na Austria e na Hungria instaurou um regime mais autoritário e mais cruel, ainda, que o de seus predecessores, não possuía a sensibilidade, a delicadeza de sentimentos que lhe permitissem compreender as ilusões que sua bruta negativa acabavam de fazer desaparecer, no peito da princesinha terna e sentimental. Aos olhos do observador, essa primeira decepção foi como que o sintoma precursor de todos os futuros dissabores, de todas as decepções, de todas as humilhações que, sem número e sem conta, de ora em diante acompanharão a bela princesinha.

— E', então, verdadeiramente impossível, senhor? indagou em dado instante de novo Elizabeth.

E meneou bruscamente a cabeça, encolhendo-se a um canto da carruagem, ao receber, pela segunda vez, a ríspida negativa do imperador.

E enquanto em sua alma o negro pressentimento do futuro se delineou, um longo arrepio de aversão perpassou rapidamente. Com terror, ela pensa quanta renúncia e quanta amargura se encerram sob a denominação, de certo modo lisonjeiro, de «Imperatriz de um grande país». Terá então de sacrificar seus desejos, de morrer asfixiada sob um mundo de protocolo e de deveres, ela, a jovem, cujo

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR:

O Duque Max, senhor de Munich, é dotado de temperamento irrequieto e boêmio, preferindo aos negócios de Estado a roda de seus amigos literatos e jornalistas. Ao lhe nascer a filha Elizabeth, por exemplo, encontrava-se em uma taberna, a celebrar, com libações alcoólicas, a noite de Natal. Elizabeth — ou Sisi, como todos lhe chamam — é uma bela criança, que logo cresce e se transforma em uma jovem encantadora. Ao fazer com os pais uma viagem até Ischl, na Áustria, onde sua irmã Helena irá ficar noiva de seu primo, o Imperador Francisco José, Sisi desperta a paixão do jovem monarca, e ao invés da irmã, ela é quem fica logo noiva do Imperador, a despeito de certa oposição da futura sogra.



mais ardente querer era unicamente viver uma existência calma e ignorada, junto a seus pais, na alegre e pequenina Corte de Munich, a ler e a recitar poemas, a cavalgar seus puros-sangue, a brincar com seus cães favoritos. Em seus sonhos aventureiros, via-se como protetora e grande senhora de artistas como Schubert e Mozart! Ai dela! Onde estão estas deliciosas fantasias? Foi-lhe já necessário cair na dura realidade. Sua mãe, ao despedir-se, entregara-lhe a quantia de 50 mil florins, que, somados aos 100 mil de dote e aos doze mil mensais que o imperador, seu

espôso, lhe prometera, garantiam-lhe, para o resto da vida, um cabedal financeiro considerável. A liberdade, porém, estava para sempre perdida.

— Então (indagava-se a princesinha) é a mão das mais vis questões que perece o amor mais radioso?

E o desespero apoderava-se de seu coração.

Felizmente, porém, ela se recorda de todas as vestimentas que se comprimem nos cofres das viaturas de seu séquito: seis «robes» de rigor,

dezenove menores, quatro de baile, dezesseis chapéus, seis casacos, cinco abrigos de veludo, uma coleção suntuosa de roupas íntimas, totalmente bordadas a mão, e que comporta quatorze dúzias de camisas, quatorze de meias, outras tantas de «pegniores», de «deshablées», seis pares de botinas, e de sapatos de cada espécie, vinte pares de luvas de todas as cores imagináveis... E, ao pensar em todas essas maravilhas um leve sorriso retornou a seus lábios...

(Continua no próximo número)

FLASHES DO BRASIL



VALENTE, leal, dedicado, o gaúcho é o verdadeiro senhor dos pampas. E o chimarrão, seu companheiro de todas as horas.

A CONQUISTA DOS PAMPAS

EDUARDO TOURINHO

DESCOBERTA a América, Portugal e Espanha reviram a 7 de junho de 1494 o Tratado de Tordesilhas. Dessa data em diante, os limites para as conquistas das duas nações não mais seriam contados — como na bula papal do ano anterior — a partir de cem léguas de qualquer ilha dos Açores e de Cabo Verde mas, sim, de trezentas e setenta léguas a oeste do arquipélago caboverdeano. Nesse tempo, entretanto, a medida das léguas era incerta. Não havia instrumentos de precisão para definir distâncias.

Assim, os limites fixados foram violados pelas duas nações. Ocupando as ilhas Filipinas, a Espanha exigiu de Portugal — pelas Molucas — vultosa indenização. Por sua vez, recuado o meridiano de demarcação para o oeste da América, ficavam sob o domínio português o Rio da Prata e o Uruguai; terras da província de Buenos Aires, de Entre Rios e Corrientes; o Paraguai e, também, largo trecho do Chaco.

Ao Rio da Prata teria chegado, em 1502, a expedição André Gonçalves — Américo Vespúcio quando da viagem de exploração ao litoral brasileiro. Depois — 1513 — dois navios armados por D. Nuno Manoel e Cristobal de Haro atingiram — sob o provável comando de João de Lisboa — o estuário do grande curso de água. Para a metrópole lusa conduziram os expedicionários o machado de prata que deu nome ao rio. Dois anos depois o globo de Johannes Schöner assinala um estreito que, em 1520, Fernão de Magalhães devassa e trans-

põe. É, ainda em 1515 que João Diaz de Solis — navegando por conta da coroa de Espanha — chega ao rio da Prata, onde é morto...

Depois, por toda a segunda metade do século XVII e no decorrer do século XVIII, portugueses e espanhóis — pelas armas e pela diplomacia — disputarão a posse da vasta região platina.

Em 1638, os Bandeirantes paulistas — após a cruel destruição das Missões jesuíticas — impeliram os inácianos e seus guaranis para a margem direita do Uruguai. Mas voltam uns e outros para — entre 1687-1707 — fundarem, na margem esquerda do rio, as Sete Missões: São Nicolau, São Miguel, São Luís Gonzaga, São Borja, São Lourenço, São João — com as quarenta ruas do tempo do apogeu — e Santo Ângelo, que compreendia sete aldeias. Por quase cento e oitenta mil quilômetros quadrados — dois terços do atual território gaúcho — estendiam-se as Missões. Confinavam com Santa Catarina, a Argentina e o Uruguai.

Pelos campos platinos havia muito gado e, pelas margens do grande rio, ousado contrabando campeava. Para marcar a posse dessas terras e para reprimir esse tráfico ilícito, decide-se Portugal a fundar a Colônia do Sacramento. Em 1678, D. Manuel Lobo é nomeado governador da Capitania do Rio de Janeiro que, no ano seguinte, torna-se cabeça das Capitanias do sul. Em 1680 a Colônia está fundada para, em seguida e após duros combates, ser tomada pelos guaranis e espanhóis enviados por D. José Garro que, então, governava a província de Buenos Aires. A isso, seguem-se intermináveis lutas armadas e diplomáticas... A 13 de janeiro de 1750, Portugal e Espanha firmam o Tratado de Madrid, que o ilustre Alexandre de Gusmão redige com base no *utis possidetis*. Mas o Tratado é revogado e novas guerras e novas manobras diplomáticas se prolongam até 1801...

Em 1684, Laguna foi fundada. Em 1719, trinta homens guiados por João de Magalhães deixam Laguna e chegam ao território gaúcho. Estabelecem-se entre a chamada Serra Geral e a Lagoa dos Patos. Em 1735, paulistas conduzidos por Manuel Dias da Silva ocupam os campos de Vacaria.

Era o Rio Grande de serras e pampas — de que Lindman faz a síntese; White e Reclus, o detalhe; Dreys e Smith, a crônica histórica e geográfica — o *habitat* de cinco nações indígenas. Contavam-se os **Patos**, que deram nome à lagoa. Os **Minuanos**, estendendo-se pelo oeste até as margens do Uruguai; os **Charruas**, entre a Lagoa Mirim e o Rio da Prata; os **Goyanãs**, dos campos de Vacaria para a Serra. Os **Tapes**, finalmente, como os primitivos colonos chamavam aos guaranis.

Dêles herdou o **gaúcho** — **tropeiro**, para Daireaux; **errante**, para Groussac; **campesino**, para Ricardo Rojas — costumes, indumentária e alimentação. Assimilou o churrasco e o mate. Adotou o ponche contra o frio; o laço para o gado; a **bola** de três pedras ligadas na **guasca** para prender ou matar. Guerras e planuras imprimiram ao gaúcho firmeza e coragem. Ao cavalo — que era sua única condução — unia a clavina e a espada, a pistola e a faca de bainha de prata.

A expedição Silva Paes, em 1737, marcou para o Brasil a posse da parte oriental do Rio Grande do Sul. A da parte ocidental, marcou-a a invasão de 1801. O povoamento dos pampas foi intensificado com gente do Rio de Janeiro, de São Paulo e da Bahia. Casais açorianos para lá seguiram e, daqui, também seguiram "mulheres desimpedidas" — as **massuelas**, **mademoeselas** — que, lá, podiam casar-se e fixarem-se à terra. A 22 de setembro de 1807, o território — com cinquenta mil habitantes — torna-se a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul. Porto Alegre contava, então, duas mil almas.

SERÁ PROCLAMADA HOJE (4 de fevereiro) A RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS

NA SEDE DA CASA DA VILA DA FEIRA E TERRAS DE SANTA MARIA, O GRANDE
DESFILE DAS CANDIDATAS ★ O «COCKTAIL» PARA SUA APRESENTAÇÃO À IMPRENSA E
AO RÁDIO ★ SÁBADO DE PASCOELA, A COROAÇÃO ★ CANDIDATAS DE SÃO PAULO

Foi encerrado a 31 de janeiro último, o prazo das inscrições para as candidatas ao título de Rainha das Associações Portuguesas, no grande certame instituído pela REVISTA DA SEMANA, em combinação com a «Voz de Portugal» e o programa «Revista de Portugal», da Rádio Globo, feito pelo nosso companheiro Celestino Silveira. As candidatas foram apresentadas pelas seguintes associações: Casa dos Poveiros — Centro Santacruzense — Centro Alcofrense e Região de Lafões — Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria — Casa do Porto — Orfeão Português — Sociedade Beneficente Oliveira Salazar — Casa das Beiras — Casa dos Açores e Casa do Minho, todas desta capital. Também foram inscritas as representantes do Centro Transmontano de São Paulo e da Casa da Madeira de Santos (São Paulo). Temos, assim, duas legítimas representantes da família luso-brasileira de São Paulo.

Ante-ontem, dia 2, os promotores do certame realizaram um «cock-tail» na sede do Liceu Literário Português, em o qual foram apresentadas essas candidatas, aos representantes de jornais, revistas e emissoras desta capital. Hoje, sábado, às 21 horas, deverá reunir-se a comissão julgadora, composta de nove ilustres personalidades (cinco brasileiras e quatro portuguesas), para proclamar a Rainha. Essa reunião terá lugar na Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria, onde, sábado de Pascoela, será realizada a grande festa da coroação, seguida de baile de gala.

Os nomes daquela comissão julgadora, por motivos óbvios, não foram dados à publicidade e serão conhecidos na hora exata do início dos trabalhos.

UMA OFERTA DE FERRO CABELEIREIRO

Cabe-nos registrar a amável oferta do conhecido cabeleireiro Ferro (rua Rodolfo Dantas, 16-A), prontificando-se a pentear todas as candidatas ao desfile final, que vai realizar-se hoje. Também para a festa da coroação, prevalece o mesmo oferecimento daquele conceituado artista.

A VIAGEM

A jovem que esta noite fôr aclamada Rainha das Associações Portuguesas, receberá dos promotores do certame, duas passagens de ida e volta a Lisboa, sendo a outra, para uma pessoa que a deverá acompanhar. Na capital portuguesa, terá hospedagem por um mês, em um dos mais distintos hotéis, o Hotel Tivoli, situado no coração da metrópole, em plena Avenida da Liberdade. Muitas homenagens lhe serão prestadas em terra portuguesa, inclusive por parte da Emissora Nacional de Lisboa.

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DESTA PROVA

Convém ressaltar que nenhum dos patrocinadores da eleição da Rainha das Associações Portuguesas teve ou terá qualquer proveito material. Não foram vendidos votos (salvo por algumas associações para a eleição interna de suas rainhas e representantes), nem publicamos «coupons»-votos. Apenas, cada associação indicou a sua representante. As três entidades que se aproximaram para levar a efeito pela primeira vez, no Brasil, um empreendimento desse vulto e dessa natureza, REVISTA DA SEMANA, «Voz de Portugal» e Rádio Globo, quiseram, apenas, mandar à nação irmã, uma legítima representante, da mulher luso-brasileira. No momento preciso em que a comunidade entre os dois países assume um nível jamais igualado, essa iniciativa reveste-se de excepcional importância. E, certamente, uma vez bem sucedida esta primeira experiência, outras hão de seguir-se, nos anos vindouros.

O BRAÇO DE FERRO

(Continuação da pág. 47)

Procuramos fazer com que os visitantes não se sintam como estranhos; eles participam ativamente da visita. Quando se trata de estudantes ou professores, queremos que eles sintam que o Museu Nacional deseja que eles usem a vontade o Serviço de Assistência ao Ensino. Para os professores, este serviço deve ser equivalente ao Hospital de Clínicas para estudantes de medicina.

— É verídico que a exposição de certos motivos de natureza científica, que de um modo ou de outro afetam a fé de alguns, tem sido desaprovada e mesmo censurada por religiosos?

— É verdade, sim. Temos observado reações de franca desaprovção de alguns visitantes, tanto católicos como protestantes, diante de armários que apresentam a evolução em geral e especialmente a evolução humana. Aliás, permitam-me frisar: com tudo isto, não é novidade para nós, que conhecemos muito de perto a angústia que sentem certos indivíduos ao se defrontarem com FATOS que parecem abalar todas as suas convicções. Se a pessoa se mostra acessível, fazemos o convite para uma visita ao Serviço de Assistência ao Ensino, onde apresentamos farta documentação sobre a nova atitude dos teólogos modernos, no que se refere à evolução, tornando claro que não há mais incompatibilidade, para os espíritos bem formados, entre ciência e fé.

— No desempenho de suas funções como professor no Museu, o que poderia dizer com relação a ensino, educadores e estudantes no Brasil?

— Só poderei emitir minha opinião no que se refere ao ensino de História Natural, Geografia e História, pois são os assuntos relacionados com o Museu Nacional. De um modo geral, o ensino de História Natural se ressentia das inúmeras falhas sobrejacentes conhecidas. As aulas de ciência, que deveriam ser essencialmente experimentais, não passam de meros ditados. A História Natural, que é uma maravilha nas mãos de Walt Disney, é quase um castigo para os alunos. Procuramos no Museu dar aulas objetivas, tais como o uso do microscópio para descortinar o mundo maravilhoso de uma simples gota d'água.

A condição primeira para uma aula é que ela seja agradável. E é exatamente o que procuramos fazer: dar aulas agradáveis e úteis.

Parece-nos, contudo que a grande falha do nosso ensino de História Natural está no aspecto filosófico. Ensinamos muita morfologia e taxonomia e muito pouco de biologia geral. Questões que são de vital importância na educação moderna, como evolução e sexo, são reduzidas a um mínimo, quando não são sumariamente tiradas do programa.

Quanto aos professores, podemos afirmar que uma parte da nova geração, que vem das Faculdades de Filosofia, já se interessa grandemente por uma nova orientação do ensino, e são estes professores que estão fazendo grande uso do Museu Nacional.

— E quanto aos problemas que o senhor tem encontrado à testa do seu Departamento?

— São vários. Há os que são comuns a todas as repartições públicas; e os especiais, relacionados com a orientação imprimida às nossas aulas. Embora uma grande maioria dos visitantes, alunos e professores, esteja francamente a favor, há os que são decididamente contra. Ocasionalmente, como já dissemos, recebemos cartas com críticas muito desfavoráveis e redigidas em linguagem pouco elegante.

Em seguida, depois de olhar o relógio, sentenciou:

— Os senhores vão me desculpar e vão me dar licença, porque tenho que dar mais uma aula, e os meus alunos não gostam de esperar. Aliás, creio que já disse tudo o que poderia dizer de acordo com o que os senhores me perguntaram, mas se precisarem de qualquer esclarecimento, estou às suas ordens. E dizendo um **até logo**, desapareceu o nosso entrevistado, que é considerado o braço de ferro do Museu, e a única pessoa capaz de responder a todas as perguntas que lhe fizerem, com uma precisão própria dos mestres, e dos grandes.

O TESOURO DE BARBA RUBRA

(Continuação da pág. 29)

O garoto estava pronto a segui-lo quando reparou que o relicário encontrado entre as sepulturas, havia desaparecido. Ratsey o havia tomado e estava lendo um fragmento de papel encontrado no interior da jóia. Sem fazer caso do garoto, Ratsey aproximou o papel de uma vela e acendeu o cachimbo com ele. — «De que me servem dois versos da Bíblia que bem sei de memória?» disse, soprando a chama e entregando a Juanito parte do papel consumido pelo fogo. «Claro que tudo isso é muito interessante, desde o princípio até o fim... mas os números estão errados!»

Alertado com essas palavras, Juanito queria ouvir mais, mas seu protetor o estava chamando de fora e, muito pesaroso, saiu, correndo, ao mesmo tempo que guardava novamente o relicário no bolso. Sua grande felicidade ao ver-se reunido mais uma vez com Jeremias Fox, foi abalada quando este lhe disse que ia mandá-lo às colônias, a bordo do «Boaventura», que zarparia essa mesma noite. Juanito teria que viajar com a senhora Minton e essa decisão era irrevogável.

(Continua no próximo número)



OLYMPIO GUILHERME

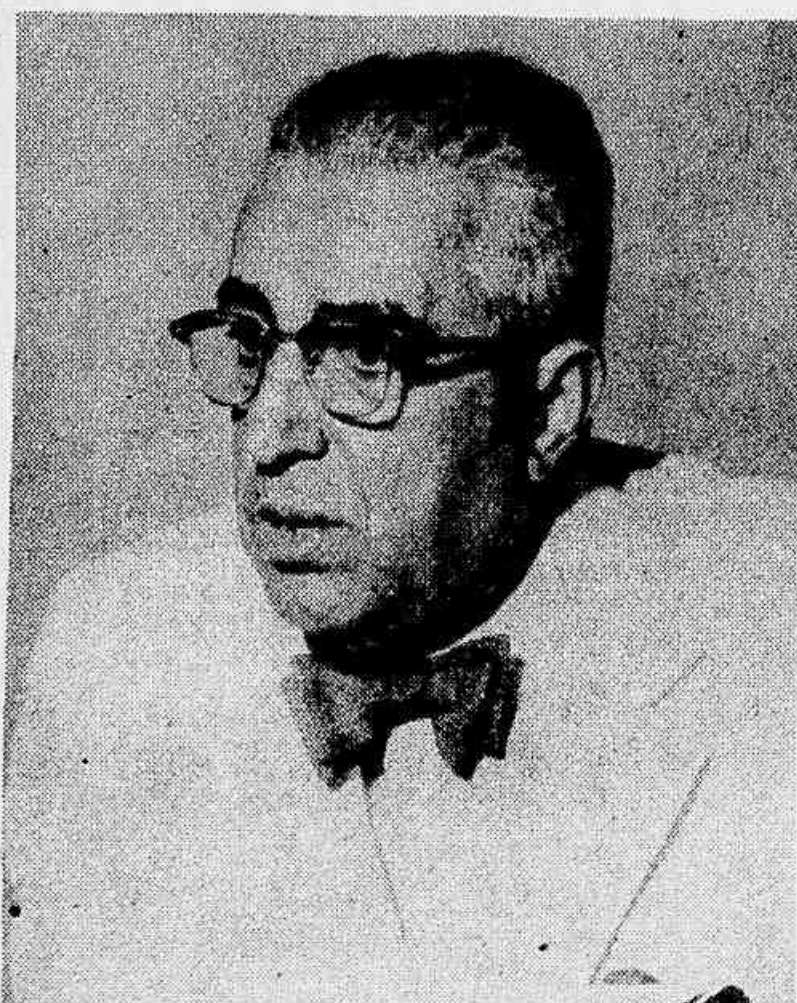
Autor de inúmeras obras sobre economia e história, jornalista, «globe-trotter», comentarista radiotônico do «Panorama do Mundo» — é como, modestamente, se apresenta o autor do livro «USA x URSS», que tanta repercussão alcançou nos círculos econômicos e financeiros do país.

Abusando da sua capacidade de sintetizar as coisas, foi, também, em linguagem de índio cinematográfico norte-americano que falou ao repórter:

—Eles (naturalmente, aqui, uma referência aos futuros homens do governo) conhecem muito bem todas as soluções. É inútil apontá-las. Resta saber: «Vão topar?»

1. Adoção de uma política nacional de exportação intensiva de matérias primas minerais e vegetais, e de produtos agrícolas.
2. Equilíbrio orçamentário e planificação econômica capaz de favorecer a formação dos capitais nacionais necessários à futura implantação da verdadeira indústria brasileira.
3. Relações comerciais com todas as nações do mundo.
4. Prioridade absoluta para a auto-suficiência alimentar do Brasil.
5. Revisão total da legislação trabalhista no sentido:
 - a) de desonerar a produção e a distribuição de bens dos encargos que a sufocam;
 - b) de oferecer ao trabalhador as justas garantias sociais a que têm direito.

O "BUSINESSMAN"



CINCO CAMINHOS

No limiar do novo governo, mesmo quando se sabe dos extremos cuidados do presidente-eleito na elaboração dos planos para enfrentar a desordem econômico-financeira que o país atravessa, é sempre oportuno o registro das opiniões de gente estudiosa e afeita aos problemas que a conjuntura brasileira ora apresenta.

Recolhendo — num esboço ligeiro — as 5 soluções práticas mais imediatas de que o futuro governo poderia se valer, na palavra de alguns dos mais categorizados economistas patricios, procuramos igualmente, auscultar o pensamento dos chamados «leigos», isto é, daqueles que muito embora vivam distanciados do assunto, têm o seu ponto de vista firmado, evidentemente, fruto de uma conceituação que a experiência da vida de brasileiro à beira do abismo estratificou nas suas personalidades.

Dos 4 economista que entrevistamos, o primeiro deles, o deputado Hamilton Prado, expressou-se com objetividade, declarando:

— Para fazermos uma identificação das causas verdadeiras da desordem econômico-financeira que vivemos, indispensável seria procurássemos focalizar os erros que já durante várias administrações se vêm verificando, no terreno das políticas monetárias, dos investimentos públicos e privados, no comercial e cambial e no da política social e tributária. Para ficarmos, apenas, num apanhado da evolução, ou desenvolvimento do volume físico da nossa produção industrial e agrícola a partir de 1939, de confronto com outros dados, inclusive a receita tributária da União, Estados e Municípios, vemos que acontece essa coisa desconcertante:

A população do Brasil cresceu, partindo do nível 100-42 pontos; no que diz respeito a exportação, todavia, alcançamos apenas o nível 3. Isso quer dizer que, em 15 anos a nossa exportação aumentou apenas... de 3%.

O desenvolvimento da produção agrícola também foi precário porque de 1939 até 1954 aumentou apenas 77 pontos. A produção industrial, que revelou índices mais animadores, chegou apenas a 177 pontos.

Todavia, neste lapso de tempo de 15 anos, a receita tributária ordinária subiu de 100 para... 1.422. Isso significa nem mais nem menos, que enquanto não houve desenvolvimento da produção agrícola-industrial (em 15 anos), suficiente para dobrar o número de utilidades que ficaram a disposição de cada cidadão, no mesmo período, cada um de nós passou a pagar 10 vezes mais impostos ordinários.

Além dessa receita tributária, temos, onerando a produção em nosso país, mais o fundo rodoviário, as contribuições para os institutos de previdência, os ágios e as contribuições para as autarquias, para não mencionarmos as contribuições para a LBA, SESI, SESC, SENAI E SENAC.

Na luta contra a carestia e a inflação dos meios de pagamentos, assim se manifesta:

— Face dos fatos que apontamos, ainda alguns outros, temos de concluir que, no andar em que vamos, se não forem corrigidas essas tendências com medidas oportunas no âmbito das várias políticas — da administração dos negócios públicos, especialmente a monetária, a comercial, a cambial, a de investimento e também a tributária — a inflação prosseguirá cada vez mais para níveis mais alarmantes, e se a inflação prossegue, então, irá aumentando a área das pessoas atingidas pelo fenômeno inflacionário nas coisas essenciais à vida, fundamentais à saúde, ao equilíbrio nervoso e mesmo, até a projeção de sua raça. Quando o fato assumir o grau de calamidade, chegaremos a crises políticas dentro das quais se procurarão remédios drásticos, e infelizmente tem muita popularidade os que propõem a eliminação dos direitos fundamentais do cidadão assegurados por nossa Constituição Democrática.

O sr. Valentim Bouças, depois de apresentar as suas soluções, frisa como assunto da máxima relevância a questão das **diferenças de câmbio** dos chamados «Direitos Adquiridos»:

— Há uma minoria de aproveitadores dessa modalidade de negócio, em detrimento da grande maioria sufocada com a política dos ágios.

VALENTIM BOUÇAS

Secretário do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda, diretor da revista «Observador Econômico e Financeiro», «businessman» de primeira linha e... dono dos «serviços Hollerith».

Excelente «blagueur». Não tem «papas na língua»... No item em que aponta a supressão dos órgãos intermediários que dificultam a produção nacional, esclarece:

— Uma partida de café a exportar exige o preparo de 19 documentos originais. 51 assinaturas de burocratas, sem contar com mais meia centena de cópias, além de percorrer quase 4 quilômetros de corredores e calçadas de repartições públicas (sem contar os elevadores...) e no final, o produto recebe apenas cerca de 60% do valor câmbio que o governo arrecada... para importar, no entanto, o consumidor paga até 500% sobre o valor do dólar livre!

1. Reforma bancária e cambial, com liberdade progressiva, mas completamente abolindo os inúmeros órgãos intermediários que dificultam a produção nacional.

2. Transformar em pagamento pela Tabela Price as diferenças de câmbio dos chamados «direitos adquiridos», através a emissão de apólices federais, resgatáveis em 20 anos e provendo o seu serviço de juros e resgate, com parte dos direitos arrecadados pela nova tarifa ad valorem (no Congresso).

3. Retomada, através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, dos trabalhos da comissão mista Brasil-Estados Unidos, interrompidos quando atingimos 40% do programa estabelecido. Encarar corajosamente a eliminação de nossas relações com o Banco Internacional, transferindo para o Export & Import Bank os projetos ali cancelados há 3 anos.

4. Transformar urgentemente em pagamento pela «Tabela Price» (Funding Loan) os nossos compromissos no «Export-Import Bank» e no Sindicato dos Banqueiros da Wall Street, representados pelo saldo dos 3 empréstimos (Lafer e Gudín) no valor de 560 milhões de dólares, a vencerem-se, justamente, nos próximos 5 anos do governo Juscelino.

5. Manter a Petrobrás, porém, dando-lhe maior flexibilidade para que, por prazo máximo de 25 anos, possa contratar a prestação de serviços, com entidades radicadas no país.

PARA JUSCELINO

Reportagem de W. GUARNIERI

«Não há dúvida de que estamos vivendo uma hora de balbúrdia, com pesados compromissos internacionais. O Brasil está obrigado, nos 5 próximos anos, a pagamentos de grande monta. A gestão do sr. Juscelino Kubitschek está jogada dentro de um funil. A boca larga do funil é o começo do novo governo, e o bico é o fim... Por esse funil podem se esvaír os recursos nacionais de todo o novo governo, que assim vai trabalhar em meio de dificuldades para liquidar as obrigações dos outros...

«Sou de opinião de que se deva inverter o funil, de modo que os pagamentos de nossa dívida externa comecem a ser feitos em obediência a um sistema de amortizações suaves, como se para tanto houvesse uma espécie de **Tabela Price**. Assim, num prazo longo, os pagamentos menores deixariam margem para que o país disponha dos recursos necessários ao seu desenvolvimento».

Já o sr. Nirceu Cruz Cezar, ao analisar as causas determinantes do caos econômico-financeiro, aponta como «solução» — **solução mesmo** — a revisão dos termos de trocas (Terms of Trade).

— Houve uma época em que 1 «saca de café» comprava 1 tonelada de trigo... Hoje, precisamos de 5 (cinco) sacas para comprar a mesma tonelada... Enquanto não se fizer uma revisão nessa política de trocas não há grandes esperanças de soluções milagrosas...

E por falar em café, aponta como de suma gravidade a **fraude despudorada de nosso comércio exportador**, fato que há vários anos se vem verificando (e continua ainda hoje, impunemente) em nossas exportações, sem que nenhuma providência se tenha tomado oficialmente.

— A coisa vem se processando da seguinte forma:

«Quando o exportador brasileiro (o desonesto, porque há exportadores que não compa-tuam na fraude) envia uma saca para o exterior, as autoridades fiscais e todo o aparelho burocrático consignam «uma saca de café, pesando 60 quilos». Mas, acontece que a «saca de café» do exportador desonesto,

não pesa os 60 quilos», e sim 70... (setenta), isto é, mais 10 quilos do que o assinalado na fatura...

«Assim, ela é embarcada, aqui no Brasil, e desembarcada no seu porto de destino, **sem que nenhuma verificação seja tentada**.

O comprador da saca, de comum acordo com o nosso exportador, apressa-se em creditá-lo pela «diferença» (em dólares ou qualquer outra moeda)... e a fraude está completa.

«Embora não se possa dizer com exatidão o montante desses dólares acumulados ilícitamente no exterior, principalmente nos Estados Unidos, que são o nosso principal comprador de café, a estimativa mais aproximada é do ordem de 1.000.000.000 (um bilhão de dólares)!...

— Ora, com o confisco desse bilhão nem precisaria o novo governo de 5 soluções para resolver seus problemas...

— E como foi descoberta a «moamba»?

— Muito simplesmente: Logo na primeira saca de café embarcada. O estivador que a transportou foi o primeiro a **reclamar** e quem sabe... sabe.

Para o sr. Olímpio Guilherme, o novo governo «não tem desculpas» para errar... ou ele executa as medidas apontadas ou então **erra conscientemente**.

— O doente está gravezinho... mas, não há mais divergências quanto ao diagnóstico. Não há divergência **entre os técnicos**, (poderá haver, sim, **entre os interessados**...) Não necessitamos mais de missões estrangeiras que venham nos dizer o que é preciso fazer. O remédio está sendo receitado a toda hora. Resta ao doente tomá-lo como deve.

E aí ficam apontados os 5 caminhos para o sr. Juscelino. Que, em resumo, podem ser equacionados, singelamente, assim:

- 1) — Equilibrar o orçamento
- 2) — Combater a inflação
- 3) — Reexaminar a política de exportação
- 4) — Reformar a política bancária
- 5) — Reduzir os custos da produção

Deputado federal por São Paulo, ex-membro do Conselho Nacional de Economia, membro do Conselho Econômico da Confederação Nacional da Indústria, orientador dos trabalhos técnicos da representação da indústria paulista à II Conferência Econômica das Classes Produtoras e... dono da Companhia Antártica Paulista.

Gentil, atencioso e muito sóbrio. Atarefadíssimo, reclamou:

— É muito difícil sintetizar em 5 pontos as muitas medidas importantes do que deve ser feito no Brasil. Todavia, acho que a administração pública que se empenhar na execução dos itens que aponto, seguramente obterá êxito na luta contra a carestia e a inflação dos meios de pagamento.

1. Reexame das condições do intercâmbio com o exterior, para eliminar ou reduzir as fraudes de maior ou menor preço.

2. Iniciar uma política de colaboração com os produtores nacionais, visando reduzir os custos de pro-

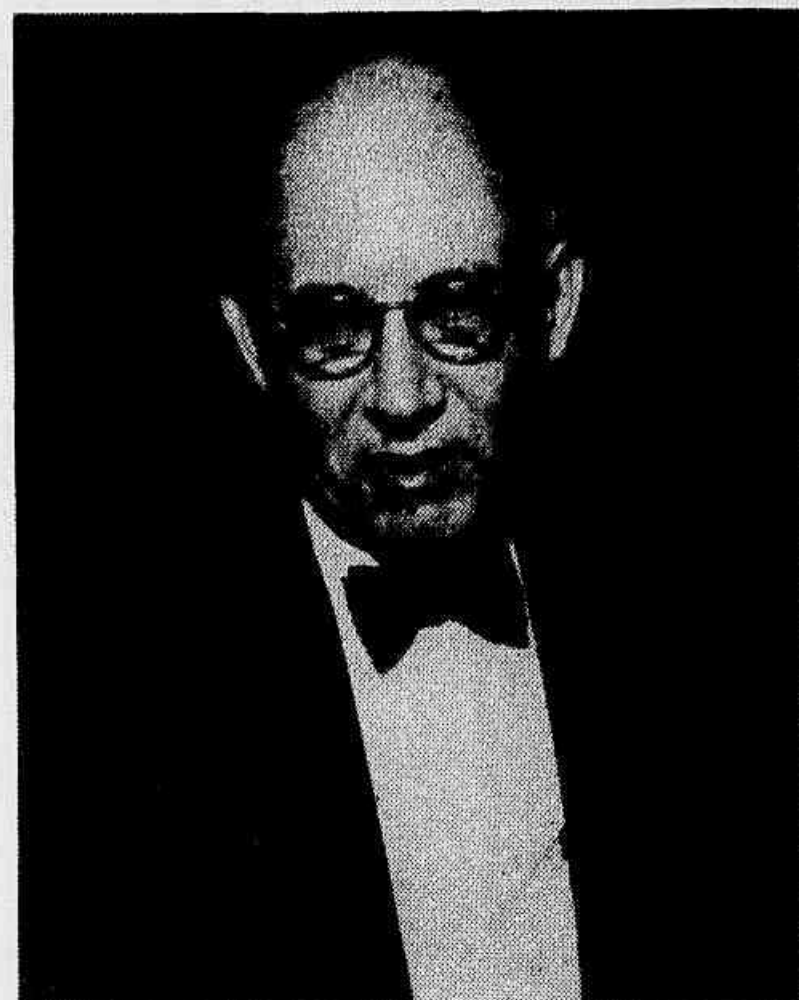
dução (aqui se localizam medidas de largo alcance no terreno creditício, tributário, social, etc.).

3. Estabelecer como constante, no terreno monetário, a subordinação de qualquer emissão a planos econômicos pré-aprovados e que tenham em vista melhor abastecimento do mercado interno e melhoria da estruturação do comércio exterior.

4. Adotar diretrizes mais rígidas e prudentes na política de investimentos públicos, dando preferência aos de maior rentabilidade econômica.

5. Obter melhor rendimento dos serviços públicos e estabelecer um sistema de fiscalização da aplicação das verbas orçamentárias de forma a assegurar o emprego exato das mesmas e a verificação das obras e serviços pagos em função dos preços vigentes no mercado nacional.

HAMILTON PRADO



ADEMAR LEITE RIBEIRO

Para o sr. Ademar Leite Ribeiro, um dos diretores do Banco Financial Novo Mundo, e de há muito ligado aos problemas econômico-financeiros do país, não há soluções práticas — há soluções DE FATO.

— Fundar um novo Ministério (o da Economia) e deixar a SUMOC na órbita do Ministério da Fazenda é um contrassenso. Pensar na fundação de um banco de investimento, quando já temos o de desenvolvimento econômico, que está preenchendo as suas finalidades, é outro contrassenso.

Resta muita coisa por fazer e muito pouca por dizer...

1. **Equilibrar o orçamento.** Nada de «Crédito Extraordinário» sem a «Receita» correspondente.

2. **Reforma cambial**, com substituição dos «ágios fixos» por «direitos aduaneiros».

3. **Reforma bancária** com a criação do Banco Central. Abandonar a idéia do Banco de Investimento e do Banco Rural, e criar como solução única o «Banco de Crédito Real» com a finalidade de banco hipotecário que realize o **penhor agrícola**.

4. **Supressão das autarquias**, que no regime deficitário permanente (devendo milhões de contos ao Banco do Brasil) constituem verdadeiro orçamento paralelo.

5. **TORNAR OBRIGATÓRIA** a execução dessas medidas...

O INDUSTRIAL





MANOEL DE VASCONCELLOS

Advogado, professor de cursos de publicidade, é, também, diretor da revista «Publicidade & Negócios» e ex-presidente da Associação Brasileira de Propaganda.

Como não poderia deixar de ser, é o homem dos «impactos», que é, em publicidade, a forma agressiva de se chamar a atenção para determinada coisa. Assim, quando preconiza que o governo deve estimular o êxodo rural não está fazendo graça. Ele acha, sinceramente, que se «quase 70% da população do Brasil vive no campo, disso resulta a «mão de obra» miserável» e que o fazendeiro paga salário de escravo a 10 homens para fazerem o trabalho de 1 só.

1. **Política de estímulo à iniciativa privada.** Os recursos para cuja exploração o monopólio é um imperativo natural, deverão ser desenvolvidos pelo Estado (ex: hidrelétricas) tudo mais, que possa ser produzido com o benefício da livre concorrência, deve ficar sagradamente entregue à iniciativa privada (ex: refinação de petróleo).

2. **Política de estímulo ao êxodo rural.** Há gente demais nos campos, ganhando salários de escravo e produzindo caro. Falta mecanizar e racionalizar a produção rural. Nos Estados Unidos, em cada 10 indivíduos que nascem nos campos 8 emigram para as cidades. No Brasil, infelizmente, apenas 3 procedem igualmente. Só teremos mercado interno quando aumentarmos os núcleos de concentração urbana.

3. **Emitir. Emitir sempre,** sem medo dos «deficits» orçamentários. Graças às emissões o cruzeiro vale mais hoje em dia. Antes o cruzeiro nada ou quase nada comprava. Agora, com cruzeiros, já se compra geladeira, máquinas de costura, rádios, etc., pois, ele tem como lastro real todos os produtos que a nossa indústria fornece. Equilíbrio orçamentário é sinal de decadência.

4. **Não construir estradas.** Aplicar as verbas destinadas ao 2º elemento do trinômio «energia, transportes, alimentação» no reaparelhamento das ferrovias e das companhias de navegação marítima e fluvial. Confiar à iniciativa privada as obras de construção de estradas, cobrando «pedágio».

5. **Acabar com o monopólio da «Petrobrás».** Sou a favor dela mas contra o seu monopólio. O governo deve reservar para si as áreas de mais prováveis ocorrências petrolíferas, mas não deve desprezar a capacidade dos particulares desejosos de explorar outras áreas. Há necessidade de criarmos o termo de comparação. Quem poderá dizer se a Petrobrás é um sucesso ou um fracasso, se lhe falta um concorrente?

O ECONOMISTA



NIRCEU DA CRUZ CEZAR

Economista, professor catedrático da Universidade do Distrito Federal, assessor econômico do Conselho Nacional de Economia e presidente da Comissão do Salário Mínimo do D.F. e... autor intelectual do «dito cujo».

Cumprimenta a gente pela primeira vez e logo desassombrado nos parece amigo de longos anos... Explica tudo com clareza e luxo de detalhes. É considerado «um crânio» no assunto. De saída, nos adverte:

— A profunda e perigosa crise econômica que sacode os alicerces do Brasil não se equacionaria em apenas 5 pontos. Não obstante, as medidas do esquema que apresento não determinando embora o seu julgamento, poderão reduzi-la consideravelmente.

1. Combate frontal e sistemático ao processo inflacionário. A inflação apresenta, entre nós, um caráter crônico, que é necessário combater, sob pena de transformar-se em fator com força suficiente para anular os efeitos de qualquer procedimento tendente a promover o funcionamento equilibrado da economia do país.

2. Desenvolvimento, planejado, da política econômica, de modo a fomentar, em bases de verdadeira racionalização, a produção primária e secundária.

3. Cuidadoso planejamento do comércio exterior, visando a enquadrá-lo num esquema do qual se possam obter maiores vantagens. Revisão dos *terms of trade*, a fim de ajustá-los à realidade de seu valor, e se completar o quadro com a adoção de uma política de exportação FOB e não CIF. (O Brasil, como se sabe, é o único país que exporta CIF, malgrado as dificuldades e desvantagens que este tipo de exportação lhe acarreta.)

4. Fomento das inversões internacionais estáveis, disciplinando-as através de lei que permita seu funcionamento econômico sem prejuízo dos interesses financeiros do Brasil.

5. Repressão rigorosa à especulação. Não é possível, de modo algum, continue o povo entregue à ganância desmedida que campeia pelas ruas do país, gerando fortunas fáceis e fabulosas à custa do sacrifício, cada vez maior, do consumidor indolente.

PARA JUSCELINO

O FUNCIONÁRIO



MANOEL BICA DE ALMEIDA

Advogado, jornalista e Inspetor Federal de ensino, é figura muito benquista nos meios forenses, é considerado o «pequeno ditador» do Supremo Tribunal Federal pelos solenes «estrilos» que dá de vez em quando nas dependências daquela suprema corte, onde representa o «Correio da Manhã». Dizem que até hoje não aprendeu a rir... É de uma severidade a toda prova.

Dono de uma fazenda no interior fluminense, acha que um dos grandes males do Brasil ainda é o analfabetismo e a indolência do nosso jeca, mal assistido e mal dirigido. E uma das soluções é cuidar desse problema. Falou, meio «brabo» com o repórter:

— Os Estados Unidos se fizeram grande abrindo as portas à imigração. Nós aqui também tentamos fazer o mesmo, mas de que jeito? Selecionando técnicos que vêm plantar batatas nas areias de Copacabana...

1. Um ponto final nas criminosas emissões sem o respectivo lastro ouro, para saneamento da moeda.

2. Defesa ferrenha e patriótica da Petrobrás, aumento das usinas hidroelétricas e melhoria e duplicação dos sistemas de transportes.

3. Desenvolvimento da agricultura, com novas imigrações selecionadas e com rumo obrigatório à lavoura. Independência completa no consumo interno do trigo, com exportação dos excedentes. Exportar só café não basta; nós podemos e devemos exportar também o trigo que o Brasil produz em melhor qualidade que muitos países que tradicionalmente o exportam.

4. Conquista de novos mercados para a nossa produção industrial, cujo padrão deve ser elevado, e garantias ao capital estrangeiro que aqui aportar interessado no nosso desenvolvimento econômico.

5. Barateamento do ensino e sua difusão ao máximo. É preciso acabar de vez com o analfabetismo no Brasil. Um povo para se tornar economicamente independente tem que, antes de tudo, estar à altura de compreender o que representa a independência econômica.

O DESPORTISTA



GEORGES REYNAUD GAFNER

Apesar do nome arrevezado, é brasileiro 100%. Cultiva o físico, cuidando do aprimoramento da raça. Discute com muita personalidade os assuntos econômicos e também tem as suas soluções que prefere apresentá-las como o do «homem da rua».

Nunca foi nem pretende ser funcionário público, mas acha que essa «pretensão de todo brasileiro alfabetizado» é loucura rematada.

— Haverá calamidade maior do que a gente ficar «torcendo» para a «morte» do colega a fim de ganharmos a promoção?

Sobre o jogo manifesta-se veemente:

— Não jogo. Mas acho que a regulamentação do jogo é uma das medidas que se impõem. É uma fonte de renda de que o governo não deve prescindir.

1. Regulamentação do jogo é aplicação dos recursos de sua exploração no incremento do turismo. Com o turismo teremos os dólares de que precisamos para as realizações de caráter urgente, de que o Brasil tanto necessita.

2. Estimular a vinda de capitais estrangeiros para o país, dando-lhes garantias que requeiram. Mas, refiro-me ao capital que venha criar riquezas para nós, e não ao capital peregrino, que hoje vem explorar sorvete no Brasil, porque é bom negócio vender sorvete, e amanhã vai para a Argentina, porque o calor lá está de rachar...

3. Redução das despesas com o funcionalismo público. Não é possível, por exemplo, que a prefeitura do Distrito Federal gaste com o seu funcionalismo 90% da sua arrecadação... Será que o brasileiro ainda não descobriu que se ganha mais dinheiro «cá fora» do que «amarrado» na referência «J» pelos séculos afora? É verdade que a gente «cá fora» tem que trabalhar...

4. Controle rigoroso dos preços das utilidades e cadeia para os especuladores. É simplesmente calamitoso a gente comprar uma lata de banha numa determinada casa do centro da cidade, por 28 cruzeiros, e verificar que está sendo vendida, a mesma marca, no mesmo dia, na mesma hora, por 42 cruzeiros em Copacabana...

5. Vontade de trabalhar e de executar um programa de governo acertado. Porque de nada vale a gente andar falando do que o Brasil precisa se os homens que nos forem governar não dispuserem de vontade para levar a coisa para frente. Antes de começar, está tudo pronto, planejado, e estudado. No dia seguinte, a gente vai ouvir dizer que vai «faltar peixe na semana santa».

VOCÊ E O MUNDO FUTURO

Copyright, a United Feature Syndicate — Exclusividade da REVISTA SEMANA para todo o Brasil.

IV

A DURAÇÃO DA VIDA COMUM SERÁ DE CEM ANOS — TRANSFORMAÇÃO TOTAL DO COMÉRCIO — EM MAIS VINTE E CINCO ANOS. A MECANIZAÇÃO TOTAL DE GRANJAS E FAZENDAS.

Um número considerável de reformas físicas e sociais terão ocorrido, por volta de 1980, ou mesmo antes. Por esse ano, os Estados Unidos possuirão uma população de cerca de 215 milhões de habitantes, 110 milhões de mulheres, que continuarão, pois, ainda em maioria numérica, em relação aos homens, embora por margem diminuta. Graças aos progressos da Ciência e da Medicina, 100 anos serão um prazo comum de vida. Os mais idosos serão robustos. Os males cardíacos, a pneumonia e o câncer, atualmente responsáveis por grande número de mortes, até mesmo pela sua maior parcela, terão sido dominados. Além disso, inúmeras moléstias já pertencerão unicamente, àquela época, aos domínios da História da Medicina. Diz a Associação Norte Americana de Cardiologia:

«Fantástico progresso vem sendo obtido pela cirurgia no campo das correções de certos defeitos, herdados ou adquiridos, do coração e de seus ventrículos e aurículas — a ciência médica possui, já agora, notáveis recursos. Os prognósticos de uma cabal vitória sobre as doenças e enfermidades do coração nunca foram tão animadores».

A avalanche do progresso produzirá quatro outras fortes influências na vida de 1980. Essas quatro mudanças podem ser assim agrupadas, numa síntese rápida:

- 1) Crescente uso da energia atômica para fins civis, e desenvolvimento da eletrônica às suas últimas conseqüências;
- 2) automatização e mecanização generalizadas, nos vários setores da vida humana;
- 3) algo de melhor e de mais perfeito, porém no mesmo sentido do que hoje em dia se conhece como «Bonificação Anual Garantida»;
- 4) novas e mais largas aplicações da televisão.

Pouco após o lançamento da primeira plataforma espacial permanente, um vôo experimental será levado a efeito, possivelmente a 100 mil milhas além dos limites da Terra. Não haverá passageiros a bordo, como já ficou dito em artigo anterior, pois esse vôo não terá qualquer finalidade comercial. Todavia, inúmeros cientistas, bem como técnicos, concentrarão todo o tempo de vôo ao estudo das condições técnicas, materiais, de pressão e de vivência nas atmosferas mais afastadas. Tais avanços, convém notar, só serão possíveis graças ao enorme progresso da eletrônica e da ciência atômica.

Na frase do brigadeiro-general David Sarnoff, presidente da Rádio Corporation of America:

«O fato de que tanto a eletrônica como a ciência atômica estão progredindo de maneira paralela, é o penhor de que grandes transforma-

ções estão para acontecer sobre a face da terra. Nunca, dantes, pôde o homem dispor de duas forças tão poderosas ao mesmo tempo. Juntas, a Eletrônica e a Ciência Atômica estão destinadas a tornar qualquer coisa de sumamente ínfimo a revolução industrial levada a efeito pelo vapor e pela eletricidade».

O desdobramento simultâneo dessas duas forças serão a chave que abrirá com pleno sucesso ao Homem a porta do mais cabal domínio sobre a máquina — o automatismo. Porém, que irão tais inovações produzir no campo da indústria e social?

«Indubitavelmente (é ainda o general Sarnoff quem fala), algumas das inovações a que exigirão certas reformas quanto aos métodos de produção e de operação, em certas organizações de negócio atuais. Todavia, a história econômica inteira dos Estados Unidos aí está a demonstrar-nos que tais mudanças significam progresso. Desde o ponto de vista do país como um todo, podemos todos ter a certeza de que muitos novos negócios nascerão, de cada negócio cancelado pelo evoluir dos tempos. O contraste entre os milhões empregados nas máquinas automotivas e o emprego que proporcionaram às casas de ferreiros, que afinal de contas vinham destruir, é disso um exemplo eloqüente. E conta a verdadeira história: o exemplo é banal, mas verdadeiro».

Como é de se esperar, existe um pequeno senão à realização das maravilhas do mundo futuro. Tal senão foi melhor esquematizado por um técnico em pesquisas de laboratório, em Schenectady, Nova York, nas seguintes palavras:

«Claro, temos um maravilhoso futuro diante de nós. Certamente atingiremos as estrélas. A vida será bem mais agradável — sem dúvida alguma — CONTANTO que não se vá usar as mesmas forças que tornarão possível tanta maravilha para exterminar ao próprio homem da face da terra!»

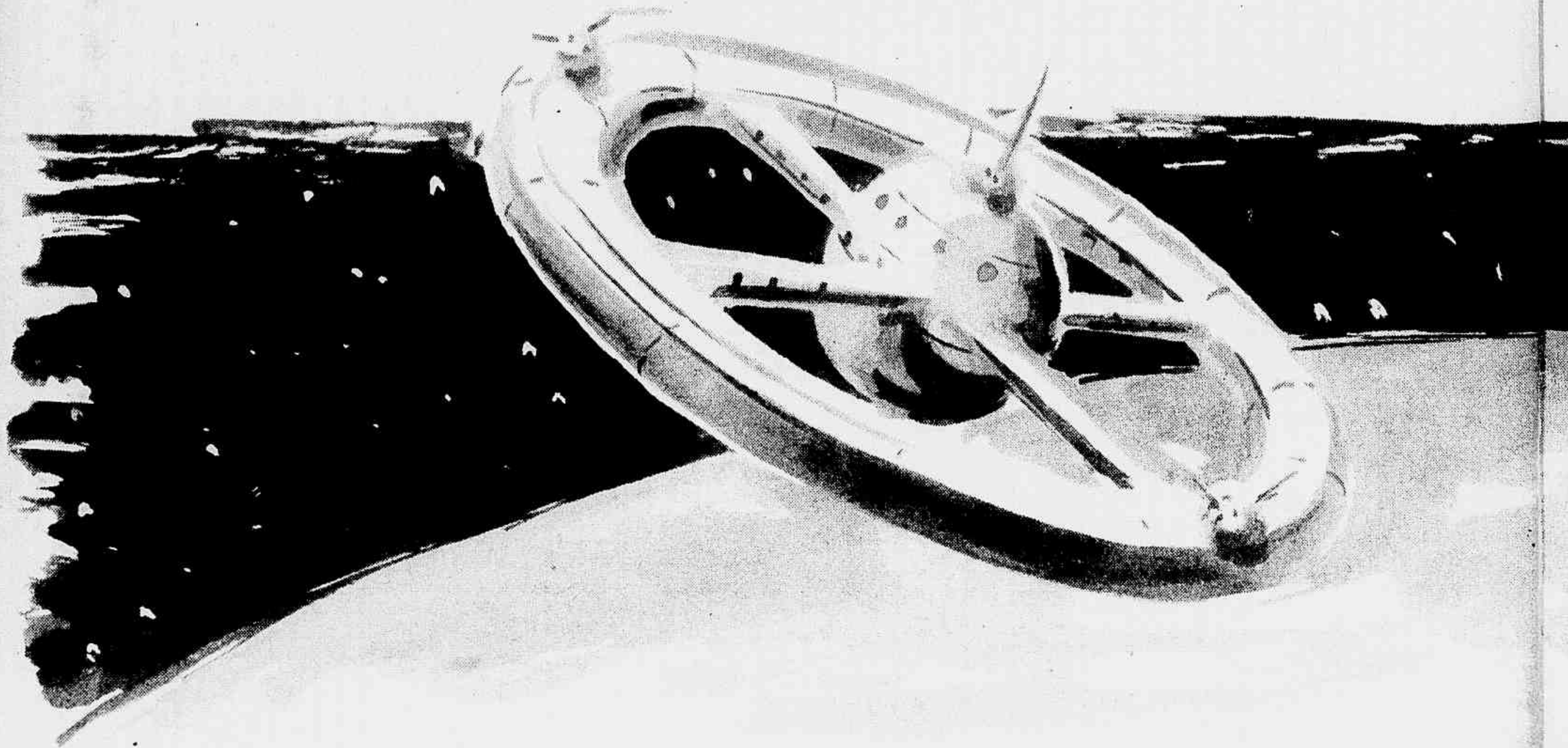
O tantas vezes citado general Sarnoff possui para isso uma resposta. Diz ele, com todo o peso de sua autoridade:

«Não há razão para desesperos. Sabemos que também a eletricidade pode fazer mal, se assim o quiserem os homens. Porém, aprendemos de há muito a controlá-la, quer quanto ao poder, quer quanto à extensão de sua aplicabilidade. Sabemo-la utilizar para fins benéficos. Porque não irá acontecer o mesmo com a energia atômica?»

E prossegue o conhecido homem de ciência:

«Adão triunfará sobre o Átomo. O potencial dêsse para a causa da paz, para a prosperidade crescente e para a eliminação da pobreza, para a saúde e felicidade, mais ainda que para a destruição e o terror, é ilimitado».

Os avanços futuros limitar-se-ão à área citadina. Nas áreas rurais, mormente nas mais distanciadas, graças aos esquemas atômicos, ter-se-á cem por cento de eletrificação. Novos inseticidas, adubos poderosíssimos e fungicidas muito mais eficientes incrementarão a agricultura em 15 ou vinte por cento. Haverá novos tipos de vegetais, novas variedades de animais para o cultivo dos campos, e maior quantidade de produtos fundamentais, como trigo, milho, tabaco, e inúmeros outros cereais e plantas.



Os fazendeiros terão muito menos trabalho, em 1980, graças ao progresso formidável que alcançarão os tratores, que dispensarão o uso de um motorista, deslizando por si mesmos através dos campos lavrados, a velocidade que bem se deseja. A mecanização invadirá todas as fazendas. É possível mesmo prever que, numa fazenda do futuro, um veículo comece a trabalhar na noite anterior, e termine, digamos, às cinco da manhã, em poucas horas apenas, seu imenso labor, dando conta de uma extensão de terra que, para braços humanos, seria impossível de arar em muitos meses. Tudo isso, em poucas horas, e sem que mão humana nenhuma intervenha.

Quer na zona rural, quer na urbana ou na suburbana, diminuirá a tensão de vida, graças a uma excepcional previdência social.

«Porém — adverte W.T. Lees, presidente da «Career Counselors Inc.», importante firma de Nova York — é indubitável que tal previdência social, em 1980, guardará grandes semelhanças com o atual sistema em uso nos Estados Unidos. Apenas, a forma atual envolverá de forma normal, aperfeiçoando-se no que ainda possa ter de defeituoso, aprimorando certos ângulos ainda não de todo solucionados».

Também pela redução da semana de trabalho, que só constará, em 1980, de 30 horas, há de diminuir tal tensão. Haverá mais tempo para o estudo e para a diversão. Em consequência, as escolas e as universidades serão ainda melhores, e um alto nível de cultura será possível a todos. Maior tempo disponível, o aperfeiçoamento na construção e na velocidade dos transportes, permitirão a todos giros de «week-end» pela Europa, América Latina e Oriente. Tais excursões passarão a ser consideradas, por volta de 1975, coisa trivial para todos.

Técnicas simplificadas permitirão que a televisão, deixando de constituir um mero divertimento, passe a ser um meio fundamental de comunicação, e além disso, uma força poderosa no desenvolvimento da indústria e do comércio. Aparelhos receptores estarão em largo uso, por toda parte. Provavelmente, primeiro serão utilizados nos campos, e pelas Forças Armadas, porém, por volta de 1980, estarão em uso também por parte da população civil. Ao mesmo tempo, e talvez com maior difusão ainda, a TV portátil serão encontradas em toda a parte em que se realiza um «pic-nic», uma excursão, ou um simples passeio: nas praias, montanhas, e nos campos. Pesarão apenas dois ou três quilos, e serão miniaturas dos aparelhos usados nos lares.

Qualquer olhar em direção ao futuro mostra-nos coisas por assim dizer inacreditáveis, até que a indústria e o comércio, que já nos propiciaram os planos sobre os quais se basearão tantas maravilhas, venham mostrarnos que nada há de fantástico nêles. Escutem por alguns momentos a palavra do senhor H.B. Miller, diretor de Informações do «American Petroleum Institute»:

«Em minha própria indústria — o petróleo — estamos elaborando planos minuciosos para o futuro. Somente no campo da química aplicada a petróleo, que faz derivar do petróleo matérias verdadeiramente incríveis, compareceremos com novidades que irão das carrocerias plásticas de automóveis às casas pré-fabricadas e de pouco peso, dotada de todo o conforto, e com instalações de climatização. Carrocerias de avião também serão possíveis de ser fabricadas com derivados do petróleo, bem como roupas, alimentos, remédios para inúmeras enfermidades, máquinas e instrumentos de mecânica, de jardinagem, de carpintaria, até mesmo cosméticos! E, creio não ser demasiado prever, que com o comércio livre, 1980 será, para os Estados Unidos, somente o início de uma era ainda mais maravilhosa».

(Continua no próximo número)



Py

ÚLTIMO FLASH



UM BRASILEIRO EM PARIS

Aconteceu quando o Presidente Juscelino Kubitschek esteve em Paris. Nada mais natural que os representantes da colônia brasileira o procurassem para cumprimentá-lo. Houve, também, encontros casuais, em plena rua ou durante algumas solenidades, naquele rápido espaço de tempo em que ali permaneceu o novo Chefe da Nação. Em um desses encontros, apareceu José Lewgoy, conhecido ator cinematográfico, que um dia — vai completar um ano — embarcou para a França, com o propósito de assistir ao Festival de Cannes. Terminou o Festival e Lewgoy deixou-se ficar, enquanto os francos (ou cruzeiros?) iam minguando. De que jeito resolveu o problema econômico a partir do mês seguinte,

só ele sabe. Mas sabemos todos que o «homem mau» do cinema brasileiro vive em aperturas, mesmo assim satisfeito porque está em contacto permanente com os mais famosos artistas, freqüentando estúdios e teatros, estudando e aprendendo. Aí está alguém que acabará vencendo...

Este «flash» foi batido com a presença do nosso correspondente Hélio Abreu, quando se dava o encontro de José Lewgoy com o sr. Juscelino Kubitschek, ambos metidos em respeitáveis sobretudos, de «cache-coll» e tiritando... Foi um encontro amável. O Presidente interessou-se pela saúde do artista seu compatriota e o artista retribuiu desejando-lhe um governo bem sucedido. Como todo o Brasil deseja.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 5 — Rio de Janeiro — 4-2-1956

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



O. T.

É pintor da escola antiga
Que à moderna não cedeu
Com êle não tem cantiga:
O que é bom está no Museu.

DEB

PEQUENA HISTÓRIA DE VERÃO

Novela de STEFAN ZWEIG

Ilustração de RAMÓN

STEFAN ZWEIG, nascido em 1881, na Áustria, adquiriu, para nós, brasileiros, uma significação toda especial, porque foi em Petrópolis, em 1945, que, juntamente com a esposa, terminou por suicidar-se, por motivos ainda não muito claros. Foi poeta, novelista e sobretudo biógrafo. Pertenceu a geração de Rainer Maria Rilke e de Kafka, que aliás, nunca o levaram muito a sério. O poeta alemão Hofmannsthal talvez tenha sido a maior influência a agir sobre sua obra. O pequeno trabalho que se vai ler faz parte do volume «Die Liebe der Erika Ewald».

PASSEI o mês de agosto último em Cadenabbia, uma das pequeninas cidades às bordas do lago de Como, deliciosamente postadas entre as magníficas «villas» brancas e as negras «florestas». Cadenabbia é uma cidadezinha sempre calma, mesmo durante a primavera, quando os turistas de Bellagio e de Menaggio se apinham pelas cercanias do lago; durante esse quente período de verão, ali reinava uma solidão perfumada e banhada de sol.

No hotel estavam apenas poucos hóspedes. E cada qual, fortemente surpreso por descobrir que outras pessoas, além dele próprio, pudesse ter escolhido um

recanto perdido, como aquele, para ficar sozinho. É assim que eu me espantara com a presença de um senhor idoso, distinto e culto, que possuía, ao mesmo tempo, qualquer coisa de homem de Estado britânico e de turista parisiense, não praticava qualquer esporte náutico, e passava a maior parte de seu tempo a pensar em silêncio, acompanhando com os olhos a fumaça de seu cigarro, ou lendo, com vagar, algum romance.

A deprimente solidão imposta por dois dias de chuva e a aberta afabilidade deste companheiro estabeleceram rapidamente entre nós uma intimidade que anulou a diferença entre nossas idades. Livoniano de nascimento, educado em Paris, e após na Inglaterra, sem qualquer profissão, desde a juventude, sem residência fixa havia muitos anos, era um homem sem pátria, pelo mesmo e nobre motivo que leva a todos os verdadeiros amantes da beleza a eleger por única pátria, em seu coração, o esplendor de todas as cidades.

Interessava-se, como amador, por todas as artes, porém, a despeito do amor que lhes dedicava, não se dignava a servi-las; elas lhe haviam concedido milhares de momentos felizes, porém, em câmbio, ele não lhes havia consagrado um só minuto de esforço criador. Era uma dessas vidas que parecem supérfluas, por recusarem qualquer comunhão, preferindo que as riquezas nela acumuladas se consumissem esterilmente com o último suspiro.

Contudo, quando um desses tipos se deixam colher em um momento de disposição, nêles se encontra muito mais interesse que na maior parte dos livros.

Assim, quando ele me contava suas aventuras, (e essa classe de pessoas as procura avidamente), e quando os séres e coisas arquivados em sua memória embaralhavam-se como cores, eu só lamentava que essa memória não fosse, como a dos poetas, capaz de ressuscitar o passado, ou pelo menos de lhe conservar toda a aparência da vida, como acontece com as múmias.

Conversávamos um dia, sentados a pouca distância do hotel, e olhávamos ambos as águas do lago. Ele sorriu quando eu tei as considerações acima, sobre sua pessoa.

— O senhor talvez não tenha errado; não acredito em lembranças; as coisas vividas nos abandonam no momento exato em que acabaram de acontecer. A poesia? Ela mesma não desaparece, após dez, vinte, cinquenta anos? Contudo, escute: vou lhe contar, hoje, uma coisa da qual se poderia fazer, certamente, uma bela historietta. Venha comigo.

Caminhamos à beira de um pequeno riacho, envoltos na escuridão que alguns altos ciprestes projetavam desde o alto. Entre os galhos, o lago, agitado, regorgitava. E meu amigo começou:

— Antes, vou lhe fazer um aviso. Eu ainda não lhe contei que no ano passado estive aqui, em Cadenabbia, pela mesma época, e nesse hotel mesmo. Isso talvez vá espantá-lo, tanto mais que lhe declarei que não gosto de fazer uma coisa duas vezes na vida; porém, escute. Cadenabbia estava, é claro, tão deserto quanto hoje. O mesmo senhor milanês estava aqui hospedado, o que captura os peixes de manhã, para à tarde soltá-los no lago, e no dia seguinte recomençar tudo. Ainda havia duas velhas inglesas, pacíficas e contemplativas, às quais não se emprestava a mínima importância; afinal, algumas alemãs do norte, de tipo mais do que característico: uma velha senhora, cheia de ossos, loura como uma espiga, de gestos angulosos e sem graça, olhos de aço, boca crispada, resmunguenta, e como que talhada a faca; e sua irmã, que em tudo se lhe assemelhava, embora seus gestos fossem mais brandos, mais doces, talvez.

Elas não se largavam, e no entanto jamais abriam a boca, eternamente ensimesmadas, como estavam, em seus próprios pensamentos. Pareciam inexoráveis de um mundo já morto. Entre essas duas mulheres, vivia uma mocinha de seus dezesseis anos, filha de uma delas, mas de qual? Não sei. Mas a falta de graça dos movimentos já começava a minar sua graça adolescente. Em suma: não era bela, estava magra e seca, possuía um corpo sem formas ainda.

e, além de tudo, se vestia mal. Contudo, havia qualquer coisa de comovente em sua juventude desengonçada. Seus olhos eram grandes e cheios de uma luz algo sombria; e se derramavam por toda a parte, com uma espécie de brilho dividido em clarões tremeluzentes.

Não sei o que, de modo mais particular, me atraía, naquele olhar. Talvez o pensamento inevitável e banal que se tem quando se vê a mãe ao lado da filha, uma já murcha, a outra cheia de vida, uma sombra ao lado de um corpo, o pensamento de que o luar é efêmero, e que a ruga existe, disfarçada em cada palmo do rosto, bem como o tédio em cada sorriso, e a desilusão em cada sonho?

Ou, quem sabe, era esse desejo selvagem e nascente, sem finalidade, que se derramava ao redor dela, esse minuto maravilhoso e único na vida de uma adolescente, em que ela lança olhares gulosos sobre tudo e sobre todos, porque ainda não fixou seus desejos em qualquer pessoa ou atividade, porque ainda não possui um objeto qualquer ao qual se agarrar como uma alga a um pedaço de madeira que flutua?

O fato é que sempre me perturbava extremamente observar aquele par de olhos sonhadores e úmidos, a maneira febril e selvagem com que acariciava cães e gatos, a inquietação que fazia com que ela começasse inúmeras empresas que não terminava jamais, e também a ânsia com que percorria, todas as tardes, os poucos livros da biblioteca do hotel, e felheava os dois volumes de versos, de Goethe e de Baumbach, que trouxera consigo... Mas porque está sorrindo, meu amigo?

— Simplesmente pela estranha mistura Goethe e Baumbach...

— Ah! sim... De fato, é uma tolice; no entanto... Não acha acaso que, para as moças, tanto se lhes dá que estejam lendo versos de bons, ou de maus poetas? Para elas, um poema não é senão uma faça onde apalpar a sede, sem que influa por pouco que seja a qualidade do vinho, de vez que, nelas, mesmo antes de terem bebido, já a embriaguez estava presente. Era o que acontecia com a alemazinha: o desejo dançava em seus olhos, fazia tremer a ponta de seus dedos sobre a mesa, e lhe emprestava ao andar um certo ritmo desajeitado e aéreo, que tinha um pouco de medo, e muito de fuga.

Uma compaixão infinita se apoderava de mim; contudo, eu não podia aproximar-me dela. Para tais crises da mocidade, que pode um homem idoso fazer? Por outra, minha antipatia pelas velhas senhoras burguesas impedia-me qualquer tentativa de aproximação. Experimentei então qualquer coisa de extraordinário. Pensei:

«E' uma jovem sem experiência, que vem pela primeira vez a essa bela Itália, que, graças ao bom de Shakespeare, passa, na Alemanha, por ser o país dos Romeus, do amor romântico, dos idílios misteriosos e dos véus que se descerram, dos punhais brilhando aos raios da lua, das máscaras e dos bilhetes furtivos. Ela certamente pensa em tudo isso. Os sonhos das raparigas são como essas nuvens brancas que podem ser vistas durante todo o dia, contra o céu azul, e que à tardinha adquirem tonalidades mais ardentes, primeiro rosadas, após do mais vivo rubro». E foi a razão pela qual resolvi arranjar-lhe algum caso secreto de amor.

Na mesma tarde escrevi-lhe uma longa carta, cheia de ternura humilde e respeitosa, eivada de palavras difíceis e rebuscadas; uma carta que nada dizia, nada pedia, que era exaltada, e ao mesmo tempo úmida — em uma palavra; uma carta em que o amor aparecia como nos poemas românticos.

Como eu sabia que todos os dias, por causa de seus inquietos lazes, era ela a primeira a chegar para o café, escondi a carta nas dobras de seu guardanapo.

Chegou a manhã, enfim, e pude observar, disfarçadamente escondido num recanto do jardim, sua extrema surpresa, seu espanto repentino, o rubor súbito que invadiu suas bochechas pálidas e pareceu ir descendo pelo corpo inteiro.

Ramón

Recordo-me do olhar furtivo e circular, do tremor, e logo após, do gesto sorrateiro com o qual dissimulou a impressão que lhe havia causado a carta.

Ela sentou-se, ainda inquieta, super-excitada, mal tomando um gole ou outro de café, e após desapareceu, ganhando alguma alameda recôndita e sombria para reler aquela carta misteriosa... Querera o senhor dizer alguma coisa?

Eu tivera um movimento involuntário, que me era agora necessário explicar.

— Acho tudo isso muito interessante; mas ela poderia ter investigado o caso, ou simplesmente perguntar ao servente como aquela carta tinha vindo para debaixo de seu guardanapo; ou, quem sabe, mostrá-la à sua mãe.

— Eu pensei, é claro, em tudo isso. Mas, se o senhor tivesse visto, como eu, essa criatura comovente, medrosa, olhando ansiosamente em seu redor, se por acaso tivesse elevado um pouco mais a voz, além do que era costume, certamente que não teria tido tais apreensões.

Durante toda a tarde, ela parecia preocupada; seu rosto adquirira uma tonalidade especial; seus olhos fixavam-se em cada janela, como se quisessem ali encontrar qualquer espécie de revelação; fixavam-se sobre cada pessoa, inclusive sobre mim mesmo, que tudo fazia por não me trair ou um gesto algo irrefletido. Muitas vezes, com efeito, experimentei sobre mim seu olhar inquisitorial, que me dava até medo, mas do qual jamais hei de esquecer-me. Nada é mais sedutor, voluptuosamente perverso e perigoso, que o acender dessa primeira centelha nos olhos de uma mocinha.

Vi-a, durante todo aquele dia, sentada entre as duas idosas senhoras, e observei que, de quando em quando, suas mãos apertavam convulsivamente um bolsinho escondido no corpo da vestimenta, onde, certamente, a carta teria sido posta. Decididamente, a coisa me calivara. À tarde, escrevi uma segunda carta, e mais outras, nos dias que se seguiram. E que encanto picante não experimentava ao exprimir, nessas missivas, os sentimentos amorosos de um jovem, e todos os graus de uma paixão imaginária! Tive as alegrias que devem experimentar os caçadores, quando estão com todas as probabilidades na mão, para segurar uma boa caça.

E o resultado, quase terrível, ultrapassou qualquer expectativa; pensei em terminar com a brincadeira; mas a tentação demasiadamente forte impeliu-me apaixonadamente até o fim de minha aventura começada.

Seus passeios agora eram mais longos, seu andar, mais lento e selvagem. Ela parecia planar acima do solo. E todo o seu corpo revelou uma beleza ardente e especial. Imediatamente, ela começou a ter mais cuidado com sua aparência e até mesmo uma flor colocou, certa ocasião, aos cabelos; suas mãos tornaram-se mais doces, e mais calmas, ao contacto de todas as coisas. Seus olhos interrogavam furtivamente, pois ela pressentia, pelas cartas e por mil coisinhas que eu nelas escrevia, que o amoroso devia estar bem próximo a ela, a observá-la, a ver as notas mesmo as mais discretas da canção que ela era, e que enchia de música o espaço. Tornou-se tão alegre, que sua mudança não escapou ao olhar das velhotas, as quais muitas vezes se detinham a contemplá-la, e depois trocavam furtivos olhares de aprovação.

Para desviar qualquer suspeita de minha pessoa — de vez que amudadamente eu sentia seu olhar indagador pesando incômodamente, sobre mim — eu deixara transparecer, nas cartas, que o emissário das mesmas não habitava por perto, mas em uma localidade algo distanciada, e que vinha até ali todas as tardes, por barco. Eis o motivo pelo qual eu a via, todas as tardes, fugindo à vigilância materna, sob qualquer pretexto, assim que se escutava o barulho monótono do barco a vapor, precipitar-se para um canto do diminuto cais, de onde examinava minuciosamente todos os passageiros, com a respiração ofegante. Uma tarde, como eu não tivesse nada melhor a fazer não observá-la, passou-se uma coisa extraordinária...



FORTUNA (por esse motivo) APRESENTA DESENHOS COM ERRATAS

ADVERTÊNCIA AO LEITOR



Estes são os primeiros desenhos feitos no meu atelier, recém instalado num edifício de Copacabana.



INTERIOR COM PEIXINHO VERMELHO
ERRATA - beia-se: INTERIOR COM
AZULÃO. Cometi ligeiro equi-
voco.

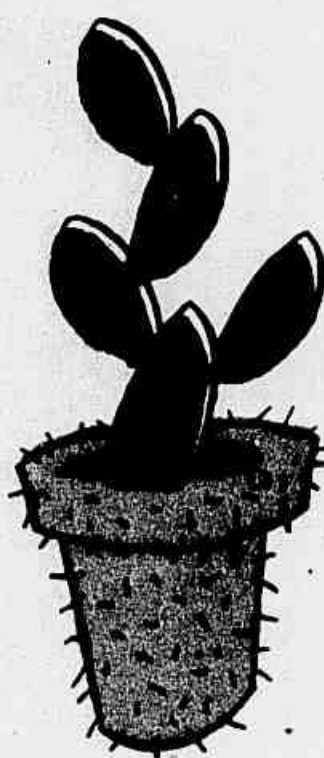
A MENINA E
SUA BOLA



ERRATA - beia-se:
A MENINA E' SUA BOLA.
Troquei as ditas.



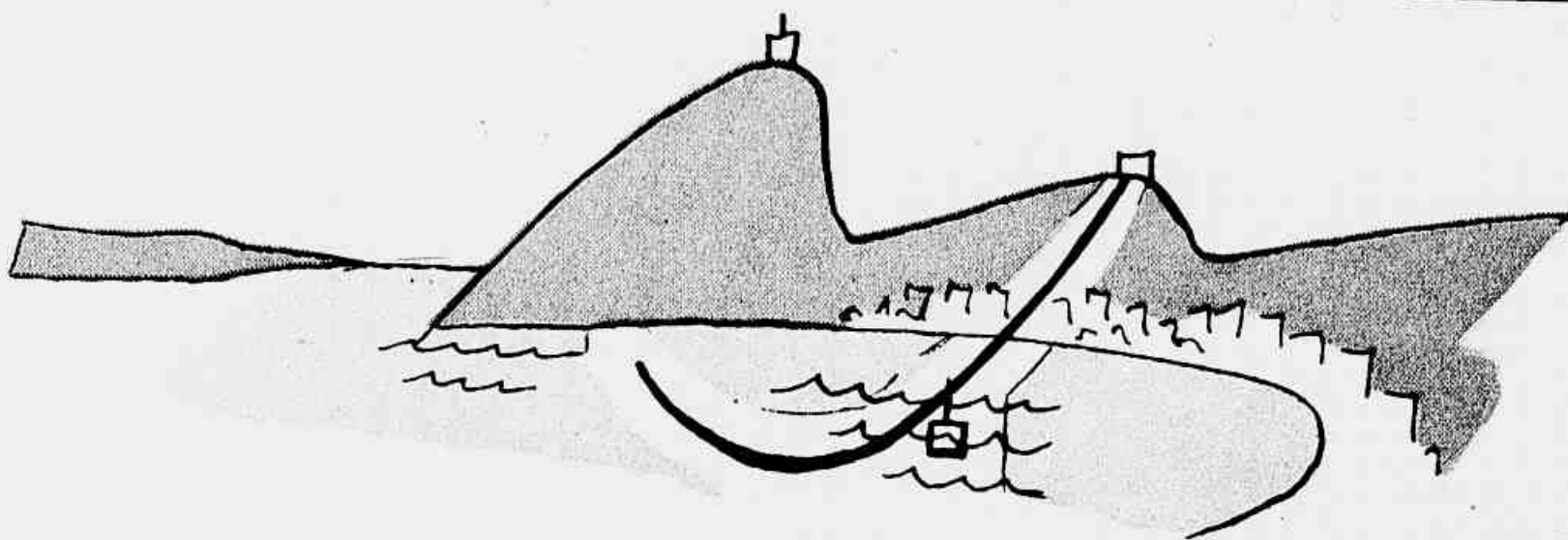
MOÇA RINDO PARA DENTRO
ERRATA - beia-se:
MOÇA RINDO PARA FORA.
A boca ficou mais
pra lá.



VASO DE CACTUS
ERRATA - beia-se:
VASO-CACTUS.
Pus os espinhos
no lugar er-
rado..

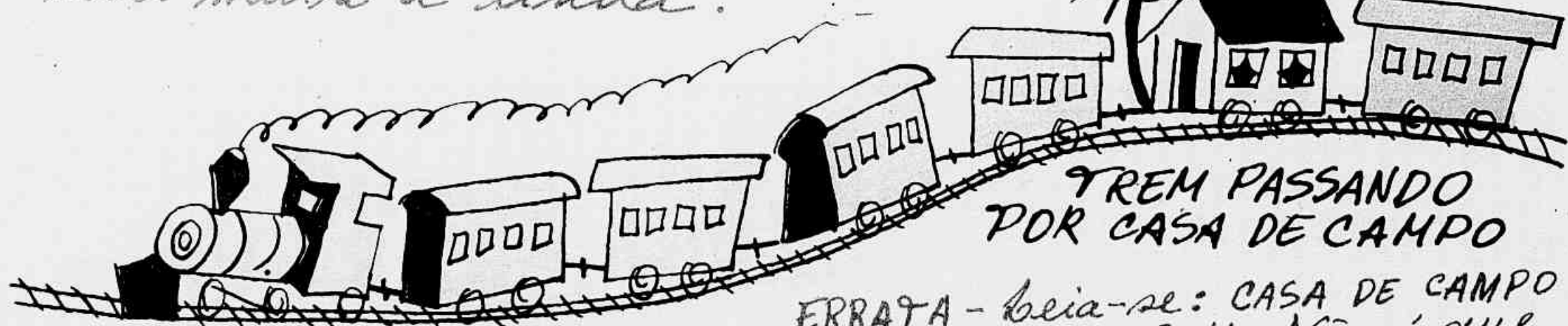


SACI PERERÊ
ERRATA - beia-se:
SACI RERÊ.
Esqueci o PE.



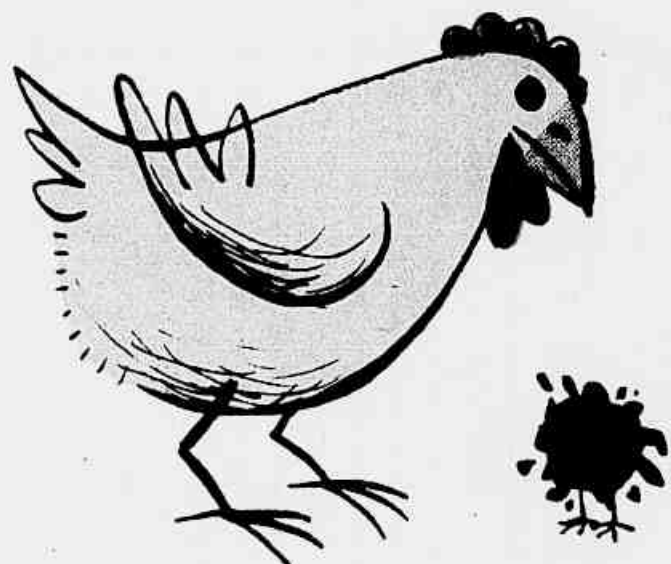
O CAMINHO AEREO DO PÃO DE AÇÚCAR

ERRATA - Leia-se: O CAMINHO
SUBMARINO DO PÃO DE AÇÚCAR.
Desci muito a linha.



TREM PASSANDO POR CASA DE CAMPO

ERRATA - Leia-se: CASA DE CAMPO
PASSANDO DE TREM. Não é que
desenhei tudo
junto?



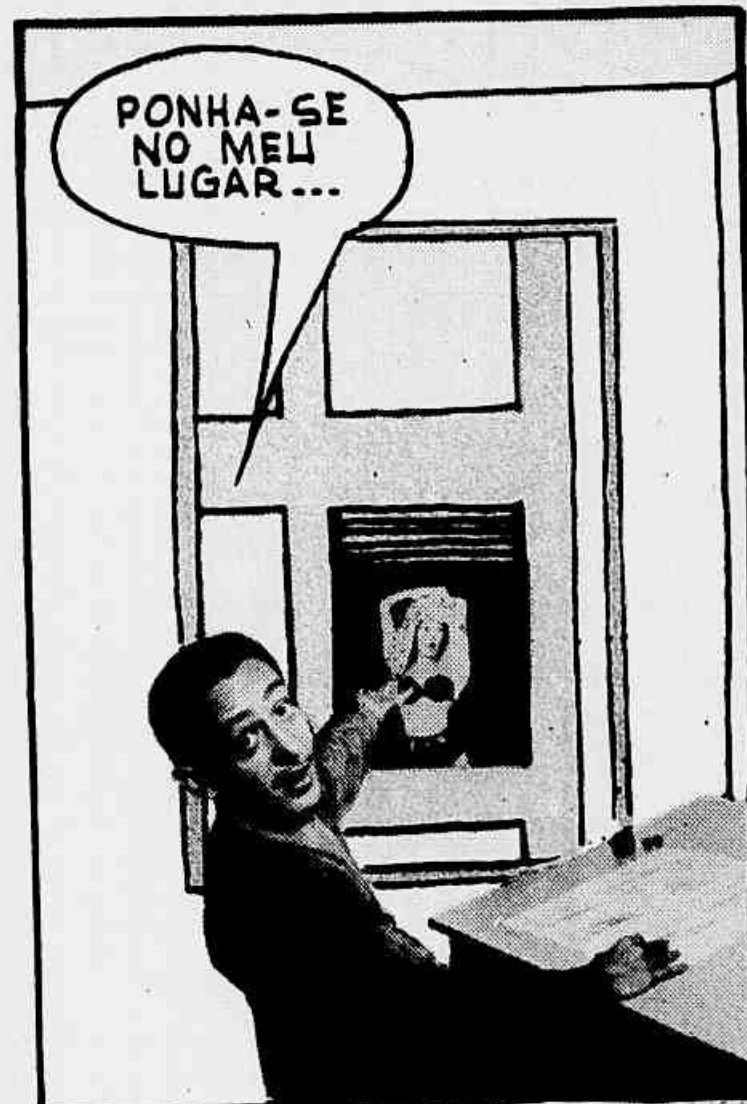
A GALINHA E O PINTO

ERRATA - Leia-se:
A GALINHA E O PINGO.
Borrrou.



EQUILIBRISTA NA CORDA BAMBA

ERRATA - Leia-se: EQUILI-
BRISTA NA CORDA TRÊMULA.
Não consegui fazer a
curva certo.



ASSINATURA DO

Diário de Notícias

Faça uma assinatura do «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» e receba em sua casa o matutino mais moderno, mais bem informado e independente do Distrito Federal.

SOLICITE, ainda hoje, a inclusão de seu nome entre os nossos assinantes, e terá

- * o melhor noticiário internacional
- * o magnífico suplemento literário e feminino
- * as histórias infantis, em 4 cores
- * informações precisas sobre o movimento da Prefeitura e Ministérios e
- * todos os assuntos de interesse dos seus negócios e de sua família

Para sua Comodidade
Procure a Nossa
Agência à
Av. Rio Branco
133, em frente à Galeria
dos Empregados
no Comércio

A «S. A. DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
Rua da Constituição, 11 —
Rio de Janeiro

Solicito inscrever-me entre os assinantes do «Diário de Notícias».
A importância da assinatura será remetida através de cheque,
vale postal ou dinheiro, no valor de Cr\$ 300.00 para 1 ano e Cr\$
150 para 6 meses.

NOME

RUA

CIDADE ESTADO